



**Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados**

Centro de Documentação e Informação

Coordenação de Biblioteca

**<http://bd.camara.gov.br>**

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."



Câmara dos  
Deputados

ação parlamentar

## **II SEMINÁRIO NACIONAL GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**



Comissão de Legislação Participativa

..... Brasília | 2008

**Mesa da Câmara dos Deputados**  
**53ª Legislatura – 2ª Sessão Legislativa**  
**2008**

---

**Presidente**

Arlindo Chinaglia

**Primeiro Vice-Presidente**

Narcio Rodrigues

**Segundo Vice-Presidente**

Inocêncio Oliveira

**Primeiro-Secretário**

Osmar Serraglio

**Segundo-Secretário**

Ciro Nogueira

**Terceiro-Secretário**

Waldemir Moka

**Quarto-Secretário**

José Carlos Machado

**Suplentes de Secretário**

---

**Primeiro-Suplente**

Manato

**Segundo-Suplente**

Arnon Bezerra

**Terceiro-Suplente**

Alexandre Silveira

**Quarto-Suplente**

Deley

**Diretor-Geral**

Sérgio Sampaio Contreiras de Almeida

**Secretário-Geral da Mesa**

Mozart Vianna de Paiva

---



Câmara dos Deputados  
Comissão de Legislação Participativa

## **II SEMINÁRIO NACIONAL GAYS, LÊSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS**

**“Compromisso com o Respeito e a Igualdade”**

*Seminário realizado pelas Comissões de Legislação Participativa, de Educação e Cultura e de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados em 2005.*

Centro de Documentação e Informação  
Edições Câmara  
Brasília – 2008

# CÂMARA DOS DEPUTADOS

## DIRETORIA LEGISLATIVA

*Diretor:* Afrísio Vieira Lima Filho

## CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

*Diretor:* Adolfo C. A. R. Furtado

## COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

*Diretora:* Maria Clara Bicudo Cesar

## DEPARTAMENTO DE COMISSÕES

*Diretor:* Silvio Avelino da Silva

## DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

*Diretor:* José de Oliveira Anunciação

### **Câmara dos Deputados**

Centro de Documentação e Informação – Cedi

### **Coordenação Edições Câmara – Coedi**

**Anexo II – Térreo – Praça dos Três Poderes**

**Brasília (DF) – CEP 70160-900**

**Telefone: (61) 3216-5802; fax: (61) 3216-5810**

**edicoes.cedi@camara.gov.br**

SÉRIE

Ação parlamentar

n. 348

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

---

Seminário Nacional Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2. : 2005 : Brasília, DF).

II Seminário nacional gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais : compromisso com o respeito e a igualdade – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2008.

141 p. – (Série ação parlamentar ; n. 348)

Seminário realizado pelas Comissões de Legislação Participativa, de Educação e Cultura e Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados em 2005.

ISBN 978-85-736-5506-3

1. Homossexualismo, Brasil, congresso. 2. Minorias, Brasil, congresso. 3. Igualdade civil, Brasil, congresso. 4. Homossexualismo, Brasil, discriminação. I. Título. II. Série.

CDU 613.885 (81)(061.3)

---

ISBN 978-85-736-5506-3

# SUMÁRIO

Membros da Comissão de Legislação Participativa – CLP – 2005 .....	5
Membros da Comissão de Legislação Participativa – CLP – 2008 .....	6
Membros da Comissão de Educação e Cultura – CEC – 2005.....	7
Membros da Comissão de Direitos Humanos e Minorias – CDHM – 2005.....	9
Quadro Técnico CLP – 2005.....	11
Apresentação.....	13
II Seminário Nacional Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.....	17
Lista de Participantes .....	135
Siglário .....	137

**MEMBROS DA COMISSÃO DE  
LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA – CLP – 2005**

**52ª Legislatura – 3ª Sessão Legislativa**

**PRESIDENTE:** FÁTIMA BEZERRA (PT))  
**1º VICE-PRESIDENTE:** LEONARDO MONTEIRO (PT)  
**2º VICE-PRESIDENTE:** SELMA SCHONS (PT)  
**3º VICE-PRESIDENTE:** LUIZA ERUNDINA (PSB)

<b>TITULARES</b>	<b>SUPLENTE</b>
<b>BLOCO PT</b>	
FÁTIMA BEZERRA – RN	ANA GUERRA – MG
LEONARDO MONTEIRO – MG	VADINHO BAIÃO – MG
SELMA SCHONS – PR	JOÃO ALFREDO – CE
	VADINHO BAIÃO – MG
	(Deputado do PSOL ocupa a vaga)
<b>BLOCO PMDB</b>	
ALMERINDA DE CARVALHO – RJ	OLAVO CALHEIROS – AL
WILSON SANTIAGO – PB	2 Vagas
1 Vaga	
<b>BLOCO PFL, PRONA</b>	
ANDRÉ DE PAULA – PE	LAURA CARNEIRO – RJ
VILMAR ROCHA – GO	
<b>BLOCO PSDB</b>	
ANTENOR NASPOLINI – CE	2 Vagas
1 Vaga	
<b>BLOCO PP</b>	
2 Vagas	2 Vagas
<b>BLOCO PTB</b>	
PASTOR REINALDO – RS	1 Vaga
<b>BLOCO PL</b>	
JAIME MARTINS – MG	2 Vagas
JOÃO LEÃO – BA	
<b>BLOCO PPS</b>	
1 Vaga	1 Vaga
<b>BLOCO PSB</b>	
LUIZA ERUNDINA – SP	1 Vaga

**MEMBROS DA COMISSÃO DE  
LEGISLAÇÃO PARTICIPATIVA – CLP – 2008**

**52ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa**

**PRESIDENTE:** ADÃO PRETTO (PT)  
**1º VICE-PRESIDENTE:** EDUARDO AMORIM (PSC)  
**2º VICE-PRESIDENTE:** PEDRO WILSON (PT)  
**3º VICE-PRESIDENTE:** DR. TALMIR (PV)

**TITULARES**

**SUPLENTE**

**BLOCO PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB**

ADÃO PRETTO – RS	FERNANDO FERRO – SE
EDUARDO AMORIM – SE	IRAN BARBOSA – SE
FÁTIMA BEZERRA – RN	JOÃO PIZZOLATTI – SC
JURANDIL JUAREZ – AP	LEONARDO MONTEIRO – MG
PEDRO WILSON – GO	LINCOLN PORTELA – MG
SILAS CÂMARA – AM	MÁRIO DE OLIVEIRA – MG
SUELY – RJ	

**BLOCO PSDB/DEM/PPS**

EDUARDO GOMES – TO	EDUARDO BARBOSA – MG
GERALDO THADEU – MG	
(Deputado do PSOL ocupa a vaga)	
2 Vagas	

**BLOCO PSB/PDT/PCDOB/PMN**

LUIZA ERUNDINA – SP	PAULO PEREIRA DA SILVA – SP
(Deputado do PRB ocupa a vaga)	1 Vaga

**BLOCO PV**

DR. TALMIR – SP	1 Vaga
-----------------	--------

**BLOCO PRB**

WALTER BRITO NETO – PB – Vaga do PSB/  
PDT/PCdoB/PMN

**BLOCO PSOL**

CHICO ALENCAR – RJ – Vaga do PSDB/DEM/  
PPS



**MEMBROS DA COMISSÃO DE  
EDUCAÇÃO E CULTURA – CEC – 2005**

**52ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa**

**PRESIDENTE:** PAULO DELGADO (PT)  
**1º VICE-PRESIDENTE:** MARIA DO ROSÁRIO (PT)  
**2º VICE-PRESIDENTE:** CELCITA PINHEIRO (PFL)  
**3º VICE-PRESIDENTE:** JOÃO CORREIA (PMDB)

**TITULARES**

**SUPLENTES**

**BLOCO PT**

ANTÔNIO CARLOS BIFFI – MS	GILMAR MACHADO – MG
CARLOS ABICALIL – MT	IARA BERNARDI – SP
CHICO ALENCAR – RJ	IVAN VALENTE – SP
COLOMBO – PR	MARIA DO ROSÁRIO – RS
FÁTIMA BEZERRA – RN	NEYDE APARECIDA – GO
PAULO DELGADO – MG	PAULO RUBEM SANTIAGO – PE
WALTER PINHEIRO – BA	

**BLOCO PMDB**

ALEXANDRE MAIA – MG	GASTÃO VIEIRA – MA
DR. HELENO – RJ	JEFFERSON CAMPOS – SP
JOÃO CORREIA – AC	LUIZ BITTENCOURT – GO
OSMAR SERRAGLIO – PR	PAULO LIMA – SP
OSVALDO BIOLCHI – RS	
PASTOR PEDRO RIBEIRO – CE	

**BLOCO PFL, PRONA**

CELCITA PINHEIRO – MT	CLÓVIS FECURY – MA
CÉSAR BANDEIRA – MA	JOSÉ ROBERTO ARRUDA – DF
MARCOS ABRAMO – SP	MURILO ZAUTH – MS
NICE LOBÃO – MA	ONIX LORENZONI – RS
OSVALDO COELHO – PE	ROBERTO MAGALHÃES – PE
PAULO MAGALHÃES – BA	

**BLOCO PSDB**

ANTENOR NASPOLINI – CE	ÁTILA LIRA – PI
BONIFÁCIO DE ANDRADA – MG	ITAMAR SERPA – RJ
LOBBE NETO – SP	RAFAEL GUERRA – MG
NILSON PINTO – PA	THELMA DE OLIVEIRA – MT

**BLOCO PP**

JOSÉ LINHARES – CE PROFESSOR IRAPUAN TEIXEIRA – SP  
MARCIO REINALDO MOREIRA – MG ZÉ LIMA – PA

**BLOCO PTB**

ELAINE COSTA – RJ KELLY MORAES – RS  
JONIVAL LUCAS JÚNIOR – BA NEUTON LIMA – SP  
RICARDO IZAR – SP

**BLOCO PL**

CARLOS NADER – RJ HUMBERTO MICHILES – AM  
MEDEIROS – SP MILTON MONTI – SP

**BLOCO PPS**

GERALDO RESENDE – MS ROGÉRIO TEÓFILO – AL  
IVAN PAIXÃO – SE

**BLOCOS PDT, PCB, PSB,**

ALICE PORTUGAL – BA LUCIANO LEITOA – MA  
ÁLVARO DIAS – RN SEVERIANO ALVES – BA

**MEMBROS DA COMISSÃO DE  
DIREITOS HUMANOS E MINORIAS – CDHM – 2005**

**52ª Legislatura – 4ª Sessão Legislativa**

**PRESIDENTE:** IRINY LOPES (PT)

**1º VICE-PRESIDENTE:** LUIZ COUTO (PT)

**2º VICE-PRESIDENTE:** POMPEU DE MATTOS (PDT)

**3º VICE-PRESIDENTE:** CHICO ALENCAR (PL)

**TITULARES**

**SUPLENTES**

**BLOCO PT**

CHICO ALENCAR – RJ

ADÃO PRETTO – RS

IRINY LOPES – ES

ANA GUERRA – MG – vaga do Bloco PFL, PRONA

LUCI CHOINACKI – SC – vaga do PSDB

JOÃO ALFREDO – CE – vaga do PTB

LUIZ ALBERTO – BA – vaga do PMDB

LUIZ EDUARDO GREENHALGH – SP

ORLANDO FANTAZZINI – SP – vaga do PL

MARIA DO ROSÁRIO – RS

**BLOCO PMDB**

Vaga ocupada por deputado do PT

ALCESTE ALMEIDA – PR

BERNARDO ARISTON – RJ

**BLOCO PFL, PRONA**

ALBERTO FRAGA – DF – vaga do PTB

JAIRO CARNEIRO – BA

Vaga ocupada por deputado do PDT

Vaga ocupada por deputado do PT

**BLOCO PSDB**

SEBASTIÃO MADEIRA – MA

EDUARDO BARBOSA – MG

Vaga ocupada por deputado do PT

JOÃO ALMEIDA – BA

**BLOCO PP**

Vaga ocupada por deputado do PDT

JOSÉ LINHARES – CE

NILTON BAIANO – ES

**BLOCO PTB**

PASTOR REINALDO – RS

Vaga ocupada por deputado do PPS

Vaga ocupada por deputado do PT

**BLOCO PL**

Vaga ocupada por deputado do PT

PAULO GOUVEIA – RS

**BLOCO PPS**

GERALDO THADEU – MG – vaga do PTB

ROBERTO FREIRE – PE

**BLOCO PV**

LEONARDO MATTOS – MG

JOVINO CÂNDIDO – SP

TITULARES

SUPLENTES

**BLOCO PSC**

MÁRIO HERINGER – MG – vaga do PP

POMPEO DE MATTOS – RS – vaga do bloco

PFL, PRONA

## QUADRO TÉCNICO – CLP – 2005

Ruy dos Santos Siqueira  
Mirna de Castela Carvalho Pessoa  
Amilcar Amaral Couto  
Gilmar de Moraes Bezerra  
Mauro Cunha Batista de Deus  
Eliana Teixeira Gaia  
Hérica Pimentel Brito de Souza  
Gilvan Mendes da Silva  
Carlos Domingos Bimbato  
Ana Kátia Martins Bertholdo  
Akimi Watanabe  
Admar Pires dos Santos  
Eliana Navarro Garcia  
Inaldo Barbosa Marinho Júnior  
Severino Carrera da Silva  
Carlos Des Essarts  
George Marcos de Aquino Freitas  
José Augusto Barbosa de Pinho  
Márcia Abreu da Silva  
Maria Aparecida Péres de Abreu  
Maria de Jesus Amorim Farias  
Marilda Vale da Silva  
Maurício Alves Dias

## APRESENTAÇÃO

A Comissão de Legislação Participativa teve o privilégio de apoiar e dar respaldo político-institucional ao II Seminário Nacional GLBT: Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais, em parceria com a Comissão de Direitos Humanos e Minorias, com a Comissão de Educação e Cultura e com a Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual. Realizado em 28 de junho de 2005, o evento contou também com apoio da Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, do Programa Nacional DST/AIDS e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT.

Compreendemos que a amplitude desta parceria expressa o avanço da sociedade brasileira na luta contra todas as formas de discriminação voltadas para a diversidade sexual. O tema do II Seminário Nacional GLBT “Compromisso com o Respeito e a Igualdade de Direitos” foi abordado e debatido sob diversos ângulos na Mesa de Abertura, composta pelos promotores e apoiadores do evento, e nas duas mesas seguintes que versaram sobre os temas: “Homofobia e os Direitos Humanos dos GLBTs” e “Diálogos: A Garantia da Cidadania Plena para a População GLBT”.

As mesas foram compostas por professores, militantes e especialistas convidados a analisar o tema, tanto do ponto de vista da teoria, como da organização e mobilização dos GLBTs na busca da afirmação de seus direitos. As pessoas presentes tiveram a oportunidade de participar de um rico debate, em que as reflexões teóricas produziram argumentos para a formulação das estratégias de ação a serem implementadas no plano concreto da organização e da mobilização da comunidade GLBT, em prol de suas demandas por igualdade de direitos de cidadania em nossa sociedade.

Eventos desta natureza nos aproximam de uma nova configuração de democracia que vem sendo desenhada a partir da intervenção dos diversos setores sociais nas esferas públicas do Estado. A presença e a ação pró-ativa da comunidade gay no âmbito do processo legislativo brasileiro é uma demonstração de que caminhamos para a aceitação

de uma sociedade multifacetada e pluralista. Ao trazer o tema da homoafetividade à Câmara Federal, queremos evitar que o debate seja mascarado pelo preconceito, pela hipocrisia ou pelo silêncio, e afirmar nosso desejo de que o direito às opções sexuais seja assumido e respeitado por toda a população.

Entendemos que, ao reconhecer as legítimas reivindicações democráticas do movimento em favor da livre orientação sexual, estamos atuando em favor da paz, somente possível numa sociedade que aceite as diferenças e respeite a pluralidade dos grupos que a constituem. Sua atuação amplia a noção de democracia através da politização de novos espaços e de novas práticas na sociedade.

A igualdade é elemento constitutivo fundamental do Estado Democrático de Direito e se configura como condição para a democracia. Mas a persistência de preconceitos e intransigências requer de cada pessoa uma vigilância constante para invalidar iniciativas no sentido de proibir, constranger, ou discriminar quaisquer práticas afetivas decorrentes da livre escolha da orientação sexual. Casais homossexuais, tais como os heterossexuais, têm todo o direito à fruição da aventura de viver.

Reiteramos que entre os avanços que aspiramos na construção da nossa democracia está a incorporação do princípio da diversidade de classe, raça, credo e orientação sexual, presentes no universo de mais 180 milhões de pessoas que compõem a sociedade brasileira. Nesse sentido, temos a certeza de que a realização do II Seminário Nacional GLBT constituiu-se em um ato, a um só tempo, político e pedagógico.

Como ato político, revelou-nos que a consecução dos objetivos de determinados grupos sociais discriminados depende muito da sua própria capacidade de organização e mobilização, que nos deu como exemplo a comunidade homoafetiva do país. Como ato pedagógico, a realização do evento ensejou, tanto para o Parlamento como para o conjunto da sociedade, a oportunidade de refletir sobre o exercício da tolerância e do respeito humano como elementos fundamentais para a construção de um mundo melhor.

Queremos agradecer à Deputada Maria do Rosário, Vice-Presidente da Comissão de Educação e Cultura, e à Deputada Iriny

Lopes, Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias, parceiros imprescindíveis para viabilizar o evento e reafirmar a Comissão de Legislação Participativa como fórum permanente de interlocução entre a sociedade civil e o processo legislativo. Também queremos demonstrar nossa gratidão a todos e a todas que se empenharam para a realização do II Seminário Nacional GLBT e dirigir um agradecimento especial aos palestrantes, também responsáveis pelo seu êxito.

Apresentamos a seguir o conjunto de textos que foram apresentados e debatidos nas três mesas do II Seminário Nacional GLBT. Sua leitura, embora não permita a reconstituição do calor dos debates, proporcionará ao leitor/leitora a oportunidade de entrar em contato com reflexões instigantes e multifacetadas sobre um dos temas relevantes de nossa contemporaneidade. Ao final da leitura, se os textos sensibilizarem cada leitor/leitora para a prática da tolerância e do respeito à diversidade sexual, teremos mais uma vez atingido nosso objetivo de investir na ampliação da democracia em nosso país.

**DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA**

Presidente da Comissão de Legislação Participativa  
da Câmara dos Deputados, em 2005.



## II SEMINÁRIO NACIONAL GAYS, LÉSBICAS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS

“Compromisso com o respeito  
e a igualdade”

### Solenidade de abertura



Da esquerda para a direita: Yone Lindgren, Marcelo Nascimento, Senadora Serys Slhessarenko, Deputada Iriny Lopes, Deputada Fátima Bezerra, Deputada Maria do Rosário Nunes, Ivair Augusto Alves dos Santos e Tathiane Araújo.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Solicitamos a todos a gentileza de ocuparem seus lugares para darmos início aos trabalhos. Pedimos que desliguem os aparelhos celulares ou configurem-os para o perfil silencioso. Muito obrigado.

Autoridades presentes, senhoras e senhores, bom dia. Iniciamos neste momento a cerimônia de abertura do II Seminário Nacional de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais.

Neste momento, convidamos para compor a Mesa a Exma. Sra. Deputada Fátima Bezerra, Presidenta da Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados; a Exma. Sra. Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados; a Exma. Sra. Deputada Maria do Rosário, 1ª Vice-Presidenta da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados; a Exma. Sra. Senadora Serys Slhessarenko, representante da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual; o Sr. Ivair Augusto Alves, Assessor Especial da Secretaria Especial de Direitos Humanos, representando neste ato o Exmo. Sr. Secretário Especial de Direitos Humanos, Ministro Nilmário Miranda; o Sr. Marcelo Nascimento, Presidente da Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais – ABGLT; a Sra. Fernanda Benvenuti, Vice-Presidenta da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros – ANTRA; e a Sra. Yone Lindgren, Representante da Articulação Brasileira de Lésbicas – ABL.

Senhoras e senhores, o II Seminário Nacional de *Gays*, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais é promovido pela Comissão de Legislação Participativa, pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias, pela Comissão de Educação e Cultura e pela Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual.

O seminário conta com o apoio da Secretaria Especial de Direitos Humanos, por meio do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, do Programa Nacional de DST/AIDS e da Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas e Transexuais – ABGLT.

O objetivo deste seminário é dar maior visibilidade aos direitos de *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais e tem como tema principal o compromisso com o respeito e a igualdade.

Neste momento, para abrir oficialmente o seminário, tem a palavra a excelentíssima Sra. Deputada Fátima Bezerra.

**A SRA. DEPUTADA FÁTIMA BEZERRA** – Bom dia a todos. Quero cumprimentar os membros da Mesa, em especial a Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos; a Deputada Maria do Rosário, Vice-Presidenta da Comissão de Educação e Cultura, e a Senadora Serys Slhessarenko, representante da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual. Cumprimento também o Sr. Marcelo Nascimento; a Sra. Fernanda Benvenuti; a Sra. Yone Lindgren, Representante da Articulação Brasileira de Lésbicas; o Sr. Ivair Augusto, representante da Secretaria Especial de Direitos Humanos.

Aos nossos companheiros e companheiras, aos Deputados e Deputadas – Iara Bernardi, Coordenadora da Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual, Maninha, Luiz Couto, Maria Helena, Ana Guerra –, enfim, a todos que atenderam a nosso convite para participar deste seminário estendo nossas saudações.

Estamos comemorando hoje o Dia Nacional do Orgulho *Gay* e da Consciência Homossexual. Este seminário, como dito, é promovido pela Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual, pelas Comissões de Educação e Cultura, de Legislação Participativa, de Direitos Humanos e pela Câmara de Deputados como um todo. O evento conta também com o apoio da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e do Programa Nacional DST/AIDS do Ministério da Saúde.

O seminário vem trazer para a comunidade *gay* o reconhecimento desta Casa em relação à homoafetividade, como também provocar o debate desse relevante tema, evitando que seja mascarado pelo preconceito, pela hipocrisia ou pelo silêncio.

Ao reconhecer o movimento em favor da livre orientação sexual e suas legítimas reivindicações democráticas, estamos atuando em favor da paz, fruto de uma sociedade que aceita as diferenças e respeita a pluralidade dos grupos que a constituem.

Observamos hoje maior capacidade de afirmação desses movimentos, cuja atuação ampliou a noção de democracia via politização de novos espaços e de novas práticas na sociedade.

De outro lado, infelizmente, ainda se constata a presença ativa de pesados preconceitos e intransigências que se expressam na discriminação de grupos e das práticas por eles compartilhadas, como é o caso da comunidade *gay*.

A obra do filósofo francês Michel Foucault é fundamental para a compreensão de que a discriminação com que são vistos os homossexuais é fonte inesgotável não apenas de sofrimento psíquico, mas sobretudo de desigualdades sociais.

Ao trazer especialistas nacionais no tema, queremos aprofundar o debate na busca de superação das desigualdades decorrentes da discriminação pela orientação sexual, de modo a incluir esse contingente exposto às vicissitudes do preconceito aos ideais republicanos.

A comemoração do Dia Nacional do Orgulho *Gay* e da Consciência Homossexual nesta Casa, além de exemplo de cidadania, é a afirmação de seu compromisso em apoiar decisivamente a luta pela defesa dos direitos da comunidade *gay*.

Hoje em todo o País, *gays*, lésbicas, travestis e transexuais têm oportunidade de se confraternizar, ocupando espaços públicos para celebrar a vida com liberdade, sob o olhar respeitoso e solidário de todos os seus concidadãos.

Não se poderia esperar outra atitude de um País que desde 1988 inscreveu em sua Constituição o respeito à diversidade cultural, o reconhecimento da liberdade de expressão, a proteção à intimidade e à vida privada e o repúdio a toda forma de discriminação.

Omitir-se na luta de mais de 16 milhões de brasileiros que seguem orientação sexual diferente da tradicional, e por isso, só por isso, são perseguidos por machistas, policiais, *punks*, religiosos e outros adeptos da homofobia, seria, antes de mais nada, um crime contra a democracia.

A igualdade é elemento constitutivo fundamental do Estado Democrático de Direito e se configura como condição para a democracia. Portanto, é inadmissível numa sociedade democrática qualquer iniciativa no sentido de proibir, constringer ou discriminar quaisquer práticas afetivas decorrentes da livre escolha da orientação sexual. Sendo assim, os casais homossexuais, tal como os heterossexuais, têm todo o direito à liberdade e à fruição da irresistível aventura de viver.

É urgente avançarmos no apoio a demandas importantes, como educação sem preconceito, para que possamos ter uma sociedade tolerante.

A aprovação da lei que reconhece a união civil entre pessoas do mesmo sexo, da lei que considera crime a discriminação de homossexuais – da qual a Deputada Maria do Rosário falará na próxima palestra –, a permissão para que os homossexuais adotem filhos, enfim, a união das estratégias no campo legislativo, somada à mobilização social, será decisiva no combate ao preconceito para que a homofobia seja reduzida à manifestação odiosa de intolerância de alguns, de modo que em breve possamos proclamar todos os direitos para todos os amores.

Muito obrigada. Sejam bem-vindos.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Ouviremos agora a palavra da Exma. Sra. Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

**A SRA. DEPUTADA IRINY LOPES** – Bom dia a todos. Cumprimento a companheira Fátima Bezerra, que fez a abertura do nosso seminário, co-autora do requerimento para realização deste importante evento. Cumprimento também a Senadora Serys Slhessarenko, o Sr. Ivair Augusto, o Sr. Marcelo Nascimento, a Sra. Tathiane Araújo e a Sra. Yone Lindgren.

Minhas palavras serão breves. Infelizmente vou retirar-me para uma audiência, mas estarei aqui com vocês para a segunda rodada de discussões.

Este evento para nós é um marco porque estamos felizes com a reação positiva da sociedade: têm sido bonitas e de ampla repercussão as grandes manifestações em torno do Orgulho *Gay* deste ano. Em

apenas um Município do meu Estado, reuniram-se trinta mil pessoas, e dentro em breve haverá outro movimento na capital.

Portanto, é uma força em meio a um Parlamento extremamente conservador, especialmente em um momento em que as forças conservadoras se encontram em ofensiva contra temas relativos a direitos humanos. Menciono em especial fato a que assistimos aqui na semana passada, em uma sessão solene, ressaltando o nível de agressão e desrespeito à livre expressão sexual praticados por um Deputado e seus convidados.

Então, a realização deste seminário neste singular momento é fundamental para demonstrarmos que estamos sintonizados com os anseios da sociedade e o quanto vem evoluindo o pensamento brasileiro para a superação do preconceito e para a obtenção da tranqüilidade e naturalidade com que devemos respeitar os compromissos com a igualdade e liberdade de expressão sexual, com o direito de ser feliz, enfim, com todos os direitos legais e constitucionais de cada um de vocês, aqui representantes de milhares de pessoas Brasil afora.

Então, auguro êxito ao nosso seminário.

Tenho certeza de que será um evento vitorioso, assim como o foi a audiência pública que realizamos há alguns dias, quando pudemos noticiar ao Presidente da República as reivindicações e o balanço positivo do movimento, pois agora o Brasil possui políticas públicas que contemplam esse enorme e representativo setor da sociedade brasileira. Por certo, muito já se avançou, mas necessariamente precisamos de condições materiais objetivas para dar curso às políticas sociais e públicas postas no programa “*O Brasil sem Homofobia*”.

Então, bom dia a todos. Sejam bem-vindos. Vamos realizar um excelente seminário. Tenho certeza de que ao final teremos um bom produto. Repito que devo ausentar-me por alguns momentos, mas retornarei em breve.

Um abraço a todos.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Anunciamos neste momento a saída da Exma. Sra. Deputada Iriny Lopes.

Dando prosseguimento, neste momento chamamos o Sr. Marcelo Nascimento, Presidente da Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas e Transexuais – ABGLT.

**O SR. MARCELO NASCIMENTO** – Bom dia a todos. Saudação especial aos Deputados da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual, da Comissão de Legislação Participativa, da Comissão de Educação e Cultura, da Comissão de Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Direitos Humanos; aos representantes do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, do Ministério da Cultura, do Programa Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, da Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça, da Prefeitura Municipal de Curitiba; a todos os grupos de *gays*, lésbicas e transexuais filiados à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais ou do Movimento Homossexual Brasileiro e aos integrantes do Projeto Aliadas.

Tudo começou em 1969, quando homossexuais, *gays*, lésbicas e pessoas identificadas como transexuais reagiram a uma batida policial. A partir de então, os homossexuais de todo o mundo iniciaram um grande movimento em prol da cidadania, dos direitos e do orgulho GLBT.

No Brasil, desde 1992 celebramos o Dia Internacional do Orgulho *Gay*, com ações realizadas em diferentes Estados. Recentemente São Paulo, no domingo passado o Rio de Janeiro, enfim, várias capitais e cidades do interior do Brasil celebram o Dia Internacional do Orgulho *Gay*, Lésbicas e Transexuais.

Nesta Casa a Deputada Laura Carneiro apresentou projeto de lei que institui o Dia Nacional da Consciência Homossexual e do Orgulho GLBT.

Há 3 décadas se discute na sociedade, naturalmente como principal protagonista desta ação, uma nova visão e posição sobre a homossexualidade.

Para ilustrar, o Conselho Federal de Psicologia proíbe há alguns anos a terapia para cura da homossexualidade. O Judiciário de vários Estados brasileiros, principalmente do Rio Grande do Sul – e está presente a nossa querida madrinha, Maria Berenice – tem-se posicionado favoravelmente aos direitos dos GLBTs.

As constituições de onze Estados brasileiros e a leis orgânicas de mais de setenta Municípios brasileiros proíbem a discriminação devido à orientação sexual. Enfim, assim como temos ações favoráveis aos direitos de GLBTs, temos também posicionamentos e discussões que em determinados momentos retrocedem em nossa história.

Recentemente, um Deputado carioca apresentou projeto de lei que propõe a cura para homossexuais, além de uma série de outros procedimentos nesse sentido. Outros Parlamentares e agentes estatais têm procurado inibir o avanço da cidadania GLBT em nosso País.

Dessa forma, Deputada Fátima Bezerra, este seminário representa um momento para Deputados, Deputadas, Senadores, Senadoras e lideranças do Movimento GLBT refletirem sobre estratégias de atuação no Congresso Nacional.

É o momento também de lembrarmos ao Presidente desta Casa, Deputado Severino Cavalcanti, meu conterrâneo do Nordeste, que palavras necessitam verdadeiramente de ações. S.Exa. assumiu institucionalmente um compromisso perante uma comissão de líderes de GLBT e de Deputados desta Casa. Se sua palavra não for cumprida, ficará apenas no plano das idéias e da mídia.

Portanto, desafio o Presidente Severino Cavalcanti a cumprir a sua palavra e colocar na pauta de votações da Câmara dos Deputados dois projetos prioritários: o da união civil entre homossexuais e o que criminaliza a homofobia em face da orientação sexual.

Este seminário aponta no sentido de definir estratégias para que a Câmara dos Deputados e o Senado Federal, por intermédio da Frente Parlamentar e dos aliados aqui presentes, encontrem saídas para esse embate e para inibir o retrocesso e o avanço da Direita no Congresso Nacional e no Governo Federal.

Agradeço a todos os parceiros que nos ajudaram a realizar este evento, em especial à Câmara dos Deputados, por meio de iniciativas de vários Parlamentares.

Desejo a todos um seminário proveitoso.

Muito obrigado.



**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Com a palavra a Exma. Sra. Deputada Maria do Rosário, 1ª Vice-Presidenta da Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO** – Bom dia a todos. Srs. integrantes da Mesa, Deputada Fátima Bezerra; Senadora Serys Slhessarenko; representantes da sociedade civil; autoridades do Governo; lideranças do Movimento GLBT, a Comissão de Educação e Cultura afirma a importância de este trabalho ser desenvolvido de forma cooperativa por três Comissões desta Casa.

Trata-se de tema de direitos humanos e de afirmação de sua indivisibilidade e de sua universalidade como valor para a sociedade brasileira e para o mundo contemporâneo, por isso a presença da Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos. Trata-se da agenda democrática do País, portanto, está aqui a Deputada Fátima Bezerra, Presidenta da Comissão de Legislação Participativa, para dar sua ativa contribuição. E trata-se de tema referente à cultura e, sem dúvida, à educação, por isso estou aqui.

A Comissão de Educação e Cultura, para cumprir seu papel em toda a sua extensão, participa deste seminário muito atenta, observando o olhar que a comunidade GLBT tem em relação à sociedade brasileira e sua percepção da cultura fundamentada na exclusão e na violência cotidiana.

Ao analisarmos a defesa da livre orientação sexual como direito democrático e um dos direitos humanos, como direito de viver em um Brasil onde a cultura homofóbica seja superada e a cultura do respeito e da igualdade, como indicado no tema deste seminário, esteja definitivamente afirmada, verificamos que o Parlamento brasileiro não tem cumprido a sua parte.

Milhões de pessoas estão nas ruas, nas capitais, bem como no interior do Brasil. Em cidades de todos os tamanhos – pequenas, médias e grandes – a comunidade GLBT se manifesta não apenas de forma alegre, mas especialmente politizada, marcando a necessidade de formação de uma nova sociedade, da qual participem os cidadãos GLBT, aos quais se deve pleno respeito.

Mas há um fosso entre essa sociedade, que se reúne em grandes paradas, que faz do 28 de Junho uma das maiores e mais importantes agendas democráticas de direitos humanos do País, e o Parlamento brasileiro, na medida em que aqui não conseguimos avançar na aprovação de lei que inclua a orientação sexual como direito na Constituição e na legislação ordinária.

A Frente pela Livre Orientação Sexual possui essa dimensão e essa tarefa, e consta da agenda política dos Parlamentares aqui presentes a luta cotidiana pela afirmação desses direitos. A Frente, de amplo espectro, reúne pessoas de diferentes partidos e Estados e tem a mesma pluralidade do próprio movimento no Brasil, por representar todas as regiões brasileiras. Sua constituição teve esse propósito.

Mas é preciso que a luta de todos esses movimentos – que têm conquistado espaço no Poder Judiciário, minha cara Maria Berenice – de defesa da livre orientação sexual e da homoafetividade como direito inalienável de identidade, refletido nas paradas e nos movimentos, chegue também ao plenário desta Casa em forma de projeto de lei.

Saúdo todos os senhores neste 28 de junho, com muito carinho, respeito e orgulho. Hoje, além da realização deste seminário, a Comissão de Constituição e Justiça, que tem como Presidente o Deputado Antonio Carlos Biscaia e como Relator o Deputado Nelson Pellegrino, analisará o parecer do Relator à PEC nº 66 – talvez esse número simbolize a reunião de dois iguais numa parceria.

É importante a admissibilidade dessa PEC ao lado da aprovação da união civil, da parceria civil registrada, do enfrentamento da violência como crime e da apreciação de projetos de lei e PECs de autoria de vários Deputados aqui presentes, tais como os Deputados Luiz Couto, Maninha, Iara Bernardi, Maria Helena, Fátima Bezerra, Jandira Feghali.

Somos solidários ao movimento e desejamos fazer parte de sua luta, ser mais um ou mais uma nas paradas e, aqui dentro, cumprir nosso papel: enfrentar o conservadorismo, tradição política nesta Casa que podemos enfrentar com a tradição política das massas e do povo brasileiro que ocupa as ruas, com muito orgulho, com sua bandeira.

Um bom trabalho. Muito obrigada.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Neste momento anunciamos a palavra da Sra. Fernanda Benvenuti, Vice-Presidenta da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros – ANTRA.

**A SRA. FERNANDA BENVENUTTI** – Bom dia a todos. Saúdo os integrantes da Mesa, os Deputados e Senadores presentes e todas as instituições GLBTs do País.

Constitui imenso prazer compor esta Mesa em nome da Associação Nacional dos Transgêneros – ANTRA, movimento que está engatinhando em cotidiana e severa luta contra esse mal que assola a sociedade: a homofobia.

Sinto-me bem à vontade para falar dessa luta porque, como transexuais, não somos indiferentes aos *gays* e às lésbicas, em razão do grande preconceito que temos sofrido neste País.

É lamentável que no Brasil a homofobia entrave algumas ações sociais que nós, homossexuais, pleiteamos e tentamos fazer ser empreendidas para que tenhamos planejamento social. É triste as pessoas vedarem nosso direito de adotar uma criança, quando, na verdade, temos o desejo de fazer o que deveria ser obrigação do Governo: planejamento familiar e social. Se, por um lado, desejamos tirar uma criança da marginalidade, da possibilidade de amanhã vir a se tornar um bandido, por outro, a homofobia tira-nos o direito de dar a essa criança todos os ensinamentos básicos e vitais para termos uma sociedade digna e igualitária. É triste ver isso ser avaliado com os olhos do preconceito.

Muitos dizem que a criança criada em um lar homossexual será também, no futuro, homossexual, baseados naquele velho e preconceituoso chavão: *“Diz-me com quem andas que direi quem és.”* Assim a sociedade não caminha. Temos de lutar cada vez mais veementemente contra essas visões preconceituosas que atingem todos nós, transexuais, *gays*, lésbicas e travestis.

Não vou me alongar nesse discurso inicial porque teremos outras rodadas, e o dia é curto para este seminário. Apesar disso, seremos vitoriosos em tudo que aqui vamos debater. Somente assim avançaremos e faremos com que o preconceito e a homofobia acabem ou pelo menos diminuam. Acabar será difícil, mas estamos plantando uma se-

mente e em um futuro breve poderemos olhar uns para os outros e dizer: somos todos seres humanos e temos todos os mesmos direitos.

Um bom seminário a todos. Que daqui saiam propostas e políticas públicas realmente afirmativas. Esse Governo está começando a pagar a dívida social que tem conosco, integrantes do movimento homossexual.

Muito obrigado.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Senhoras e senhores, fará uso da palavra neste instante a Exma. Senadora Serys Slhessarenko, representante da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual.

**A SRA. SENADORA SERYS SLHESSARENKO** – Saúdo todos os Parlamentares presentes, em especial as Deputadas Fátima Bezerra, Iriny Lopes, Maria do Rosário, Maria Helena, Jandira Feghali, Iara Bernardi, Maninha e Ana Guerra e os Deputados Luiz Couto e Leonardo Mattos. Saúdo também o Sr. Marcelo Nascimento e as Sras. Fernanda Benvenuto e Yone Lindgren.

Minha assessoria costuma dizer que não sei ler, mas hoje vou aprender. Peço desculpas por não poder me alongar, porque tenho seis compromissos agendados para este exato momento, relativos à reforma tributária e a outras matérias, mas optei por vir a este evento porque o considero da maior importância.

Por doze anos fui Deputada Estadual em Mato Grosso, Estado eminentemente agrícola, onde as questões relativas aos movimentos homossexuais são bastante complicadas.

Há oito anos solicitei uma sessão especial em homenagem ao Dia Internacional do Orgulho *Gay* e tive terríveis problemas. Vários Deputados tentaram sabotar o meu pedido, mas não conseguiram. No momento da solenidade, houve total esvaziamento da Assembléia Legislativa. Tive de implorar a um Deputado que permanecesse no recinto para realizarmos a sessão.

E hoje estamos aqui reunidos dentro do Congresso Nacional participando deste seminário. Apesar de lentos, os avanços vão acontecendo. Não podemos desanimar. Temos de seguir em frente.

Senhoras e senhores presentes, eu tenho orgulho de ser brasileira, de ser mulher, de ser mãe, de ser professora, de ser Senadora da República, de representar o meu Estado, Mato Grosso, de ser cidadã.

É muito bom ter orgulho de quem você realmente é e do que você representa, de ser respeitado, de ser aceito. É exatamente isto o que o dia 28 de junho representa para a comunidade dos homossexuais, bissexuais e transexuais: dia de a sociedade refletir sobre a situação dessa minoria, que, apesar de tão discriminada, tão perseguida, tão excluída, foi capaz de lotar uma das mais importantes avenidas do Brasil, a Avenida Paulista, em São Paulo, com cerca de 2,5 milhões de pessoas orgulhosas de quem são e lutando pelo reconhecimento de sua cidadania homossexual.

Senhoras e senhores, 2,5 milhões de pessoas é mais do que a população total de inúmeras capitais brasileiras, é muita gente concentrada em um mesmo lugar e lutando por um mesmo objetivo: respeito a seus direitos e afirmação de sua cidadania.

Assim, acredito que a realização deste evento hoje no Congresso Nacional, na Câmara dos Deputados, demonstra a força política que essa comunidade está alcançando, significa que a luta de tantos anos está surtindo efeito e as vozes de milhões de cidadãos estão sendo ouvidas pelo Legislativo. Obviamente ainda com muita resistência por parte de alguns setores do Congresso; mas a acolhida está aumentando.

O Legislativo, que trabalha na elaboração das leis, deve garantir justiça para toda a população, representar os diversos interesses existentes na sociedade e garantir equidade de direitos a todos os cidadãos.

Devo aqui lembrar que os deveres são iguais, independentemente de o indivíduo ser heterossexual, homossexual, bissexual ou transgênero. Todos têm as mesmas obrigações civis, mas, no campo dos direitos, o mesmo não se vê. Nesse ponto há diferenças de tratamento. Somente os heterossexuais têm direito aos benefícios de uma relação estável, direito à herança, direito de incluir companheiro ou companheira como dependente em seguro de saúde e em declaração de Imposto de Renda, de ter renda familiar para contrair empréstimos em bancos. Os casais homossexuais não têm direito a nada disso. Onde está a nossa Constituição, senhoras e senhores? Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza. Deve-se garantir aos

brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Isso é o que diz o *caput* do art. 5º da nossa Constituição Federal. A igualdade e a não-distinção de qualquer natureza são dois dos princípios constitucionais brasileiros. Por que isso não é aplicado à comunidade GLBT?

É claro que a lei deve tratar desigualmente os desiguais. Já que os homossexuais são considerados pela nossa sociedade como diferentes, a lei deveria também tratá-los como diferentes e não ignorar sua existência. Ao atuar assim, a lei nunca deve reduzir direitos e, sim, garantir que o diferente seja respeitado.

Outro caso que impõe grandes questionamentos está relacionado aos transexuais. Por que obrigar essas pessoas a viver com o peso de uma identidade que não é a sua? Devemos tentar facilitar ao máximo a vida das pessoas que já são tão apenadas pela sua história, pois a única coisa que esses seres humanos buscam é a felicidade. E não podemos ser contrários à felicidade de quem quer que seja.

Na condição de mulher, luto pelo fim da discriminação contra as mulheres. Nós também somos oprimidas pela cultura que nos tenta manter em uma situação inferior à dos homens. Assim, não poderia ficar indiferente em relação à comunidade GLBT.

Senhoras e senhores, os GLBTs não só são discriminados, como também excluídos da sociedade. Para muitos, eles sequer deveriam existir. Por que não? O que traz de efeito negativo para a sociedade o fato de duas pessoas se amarem? Não podemos combater o amor, esse sentimento tão importante. Devemos combater a intolerância, o preconceito, a discriminação. Esses, sim, são sentimentos que devem ser extintos de nossa sociedade, porque não trazem qualquer benefício para o desenvolvimento da Nação, da democracia, da sociedade, das pessoas em geral.

Devemos lembrar que estamos construindo nossa democracia. E, para que ela seja real, todos devem ter seus direitos respeitados, inclusive – é óbvio – as minorias. Não podemos permitir que a maioria dite as regras, oprima as minorias, pois neste caso incorreremos

na chamada ditadura da maioria, uma das formas de degenerar-se a democracia, como já nos ensinou Aristóteles.

Apenas fechar os olhos para a realidade não fará com que os homossexuais deixem de existir. Não ceder direitos também não vai fazer com que as pessoas se tornem heterossexuais. Ninguém escolhe ser *gay*, como não escolhe ser heterossexual. Não sei – e não é o objetivo deste discurso – como isso ocorre, além do que os estudos sobre esse assunto já duram anos e são até hoje não-conclusivos. Isso é o que menos importa. Devemos levar em consideração que milhares de brasileiros têm orientação sexual distinta da heterossexual, tida como padrão pela nossa sociedade. E isso deve significar somente – e tão-somente – diversidade e não afronta a valores, à “moralidade” – entre aspas – e coisas do gênero, pois nada mais é do que uma das diversas formas de manifestação do amor.

O Governo do nosso querido Presidente Lula tem-se destacado pelos esforços envidados para acabar com a homofobia. Isso nos traz grande conforto. Sabemos que contamos com um Governo que se preocupa com todos os segmentos da sociedade, independentemente dos esforços contrários. Saúdo, principalmente, a Secretaria Especial de Direitos Humanos, na figura do seu Secretário, Nilmário Miranda, que não se furta a trabalhar pelo fim do preconceito e da discriminação, que em geral se manifestam por meio de violência, física ou psicológica.

Para encerrar minha fala, devo lembrar que a expressão “*gay*” vem do inglês. Traduzida para o português, significa “alegre”, uma linda palavra do nosso idioma. Isso é o que queremos para as nossas vidas. Hoje, o mundo, o Brasil e o Congresso têm as cores do arco-íris, com muito orgulho.

Tenho certeza de que este seminário avançará rumo ao fim do preconceito contra *gays*, homossexuais, lésbicas, transexuais, enfim, vai avançar para o fim da discriminação.

Conclamo todos os presentes, especialmente Parlamentares, para empreender ações concretas pelo fim da discriminação. Precisamos de leis, sim, mas precisamos de ações concretas, seja por meio dos nossos gabinetes, seja no nosso trabalho, para valorizar a concretização do fim da discriminação no trabalho, especialmente na política. Precisamos

estimular o combate à discriminação. Se uma pessoa não heterossexual se candidatar para representar esses agrupamentos no Congresso Nacional, nas Assembléias Legislativas, nas Câmaras Municipais, devemos apoiá-la, para que essa participação se concretize no dia-a-dia da política, a fim de que se supere mais hábil e rapidamente a discriminação.

Um abraço carinhoso a todos.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Senhoras e senhores, conforme dito, devido a compromissos oficiais, anunciamos a saída deste recinto da Exma. Sra. Senadora Serys Slhessarenko.

Ouviremos agora a palavra da Sra. Yone Lindgren, representante da Articulação Brasileira de Lésbicas – ABL.

**A SRA. YONE LINDGREN** – Bom dia. Que fique bem claro para todos nós que este seminário revela que os Parlamentares estão realmente conosco hoje e sempre, irmanados em nossa causa.

Eu não gostaria de falar só em nome da Articulação Brasileira de Lésbicas, mas também da Liga Brasileira de Lésbicas e de todas as mulheres do movimento homossexual. E, em nome dessas mulheres, eu gostaria que as especificidades fossem citadas.

Primeiramente, o Dia do Orgulho *Gay* e da Consciência Homossexual. Infelizmente, não podemos ser alegres num todo e sempre. Eu gostaria que o dia fosse o do Orgulho Nacional Homossexual, porque essa definição fala mais sobre a nossa realidade. Ainda temos uma batalha tão grande e cotidiana e que poderia ser o nosso sonho cotidiano. É uma luta que ocorre da hora em que acordamos e pomos os pés na rua até a hora em que vamos nos deitar – quando deixam – acompanhados de quem queremos.

Fala-se muito em direitos humanos – e temos tido um grande retorno, principalmente de quem trabalha conosco diretamente, Nilmário Miranda –, mas eu gostaria muito de lembrar os direitos sexuais. As mulheres lésbicas têm direitos reprodutivos, têm direito à saúde e a todas as especificidades que são esquecidas quando se fala de mulheres lésbicas.



Estou muito contente pela proposta da indivisibilidade dos direitos humanos e com o pique dos nossos Parlamentares. Temos Maria Berenice, que abre espaço para nós na jurisprudência; temos o Roger, que infelizmente ainda não chegou. Eu, que trabalho direto com os casos de violação dos nossos direitos, apóio-me muito neles.

Acredito que Marcelo, o nosso Presidente, e Fernanda já tenham falado tudo que diz respeito aos nossos anseios e receios. Então, para que não gastemos tanto tempo falando as mesmas coisas, quero agradecer por tudo que está sendo feito e propor que se lute a cada minuto para que a ação não se resuma a palavras, eventos ou papel. No papel temos um Brasil sem homofobia; faltam-nos, no momento, como sempre, ações.

Muito obrigada.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Senhoras e senhores, encerrando esta sessão de pronunciamentos e representando neste ato o Exmo. Secretário Especial de Direitos Humanos, Ministro Nilmário Miranda, fará uso da palavra o Sr. Ivair Augusto Alves dos Santos.

**O SR. IVAIR AUGUSTO ALVES DOS SANTOS** – Bom dia.

Deputada Fátima Bezerra, Deputada Maria do Rosário, caro Presidente Marcelo Nascimento, Yone Lindgren, minha querida amiga Fernanda Benvenuti, Deputada Iara Bernardi, Deputado Luiz Couto, Deputada Jandira Feghali, Deputada Maninha, Deputada Ana Guerra, demais Parlamentares presentes, em nome do Ministro Nilmário Miranda, quero cumprimentá-los pela iniciativa.

Aproveito a oportunidade para destacar a presença de algumas pessoas neste plenário que têm sido importantes na discussão desse processo no Governo para chegarmos a um Brasil sem homofobia. Destaco a figura do assessor do Ministério da Cultura, Sr. Marcelo, um parceiro importante. Quero também citar o Alan, do Ministério das Relações Exteriores, figura também importante nesse processo. Queira levantar a mão, Alan. Quero registrar a presença do ex-Secretário de Direitos Humanos de Minas Gerais e hoje Ouvidor de Polícia e Coordenador dos Ouvidores de Polícia do Brasil, o nosso querido Francisco, figura igualmente importante nesse processo. Por favor, Francisco, levante a mão. E o meu colega de Secretaria Alberto Albino, da Subsecretaria

da Criança e do Adolescente. Esses têm sido parceiros importantes no processo para nos levar a um Brasil sem homofobia.

Em nome do Ministro Nilmário Miranda, quero felicitar as Comissões de Direitos Humanos, de Constituição e Justiça e demais Parlamentares pela realização deste evento. Quero felicitar pela iniciativa a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, na figura do Toni Reis, que tem sido importante na articulação junto ao Congresso. Quero felicitá-lo pela garra e persistência nesse trabalho. E quero parabenizar todos por esse dia 28. Como disseram vários dos que me antecederam, é um dia de luta, um dia de festa, mas é um dia de valorização dos direitos humanos, na sua essência. Então saúdo todos vocês.

Por último, destaco como tem sido importante a manifestação pública de figuras como a desembargadora Maria Berenice, representante do Poder Judiciário. Parabéns a todos! Vamos à segunda Mesa.

Muito obrigado.

**O SR. APRESENTADOR** (David Rayol) – Com a palavra do Sr. Ivair Augusto Alves, está encerrada esta abertura solene.

Neste momento desfaz-se a Mesa de honra.

## 1ª Mesa

**Tema: UNIÃO CIVIL E DIREITOS DOS GLBTs**



Da esquerda para a direita: Marisa Fernandes, Tommaso Besozzi, Deputada Maria do Rosário Nunes, Deputada Fátima Bezerra, Dra Maria Berenice Dias e Toni Reis

Convidamos os membros componentes a ocuparem seus lugares reservados na primeira fileira do plenário, para assistirem juntamente com os demais presentes ao primeiro painel do evento, que abordará o seguinte tema: *União civil e direitos dos gays, lésbicas, bissexuais e transexuais*.

Para conduzir essa atividade, tem a palavra a Exma. Sra. Deputada Fátima Bezerra, que a partir deste momento coordenará os trabalhos da Mesa.

**ASRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Passaremos aos trabalhos imediatamente, em função do horário. Haverá quatro Mesas. A primeira estava prevista para 10 horas, mas vamos iniciá-la com quase uma hora de atraso. Gostaria, portanto, de informar que teremos uma agenda de atividades extensa ao longo do dia. São diversos os temas sobre as demandas da comunidade, o que acabou exigindo a participação de expressivo número de palestrantes em cada Mesa.

Diante dessa situação, peço a colaboração dos expositores, uma vez que vamos estabelecer o tempo de dez minutos para cada orador.

Convido para compor a Mesa, com muita alegria, a Dra. Maria Berenice Dias, Desembargadora do Tribunal de Justiça de Rio Grande do Sul; a Deputada Maria do Rosário; Toni Reis, presidente do Grupo Dignidade, Secretário da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; Tommaso Besozzi, Coordenador do Grupo Corsa, de São Paulo; Marisa Fernandes, Coordenadora do Coletivo de Feministas Lésbicas; e o Dr. Rogério Raupp Rios, Juiz Federal no Rio Grande do Sul. Está a caminho o Dr. Alípio de Souza Filho, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Daremos início agora à Mesa, cujo tema é: *União civil e direitos dos GLBTs*.

Cada componente da Mesa disporá de dez minutos para a exposição.

Passo a palavra à Dra. Maria Berenice Dias.

**A SRA. MARIA BERENICE DIAS** – Quero, neste primeiro momento, agradecer à Fátima Bezerra e à Maria do Rosário por esse espaço de cidadania que estamos vivenciando neste momento.

A exposição sobre o tema a cargo desta Mesa, da qual tenho o privilégio de participar, conclui com uma pergunta: o que fazer para garantir os plenos direitos civis de *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais? É a resposta a esta pergunta que hoje todos estamos procurando.

De tudo o que foi feito e referido, tenho para mim que é chegada a hora de nos darmos as mãos, porque temos um projeto que completa este ano idade emblemática: dez anos. É muito tempo para ainda não ter sido aprovada a lei da parceria civil registrada. Está bem, o nome é horroroso. Não é união civil, não é casamento – e poderia ser, é uma questão de terminologia. Há retrocessos, uma vez que já foram obtidos avanços em sede judicial, mas no projeto não estão contemplados. Há uma vedação da possibilidade de adoção de crianças por homossexuais, algo que há muito vem sendo discutido. Mas devo dizer que há muitas vantagens no projeto.

O projeto contempla avanços que a jurisprudência não tem feito, nem a do Rio Grande do Sul. Há uma gama de possibilidades e de direitos que estão assegurados, mas não adianta eu vir aqui dizer para vocês, porque todos já sabem de todos os avanços do projeto.

No que diz respeito a bem de família, o projeto dá aos homossexuais, pela primeira vez na vida, o direito de morar, coisa que ainda não têm. E o projeto os contempla com benefícios da Previdência, planos de saúde, seguro em grupo, possibilidade de serem declarados dependentes para fins tributários, de Imposto de Renda, de compor a renda para aquisição de casa própria; pensão previdenciária, meação, direitos sucessórios, usufruto, direito a ser curador um do outro, direito a visitar no CTI e a autorizar intervenções cirúrgicas no parceiro. É muita coisa.

É esse o projeto que agora temos de abraçar, até por um fundamento que entendo interessante e foi o que vim sugerir aqui. Como não se trata de casamento – e o fato de terem trocado o nome de união para parceria é a prova de que não se trata de casamento, temos de ter um discurso afinado nesse sentido –, a negativa de adoção não se justifica

mais. Essa negativa talvez se justificasse antes do atual Código Civil, quando a adoção poderia ser feita extrajudicialmente, por escritura pública. Mas agora não pode mais, só por meio do Poder Judiciário. Então, essa vedação que ainda há no projeto no fundo não tem mais significado jurídico, de vez que o novo Código Civil diz que adoção tem de passar pela via judicial. Só tem uma grande vantagem esse dispositivo inócuo dentro desse projeto, qual seja, dar a impressão a todas as pessoas de que não é possível a adoção por homossexuais. Com esses dois enfoques que encobrem um pouco a realidade, é absolutamente possível, conveniente e oportuno começarmos uma grande campanha nacional, que tem início aqui hoje, neste dia emblemático na Casa da cidadania, das leis, para aprovarmos essa lei singela com uma bandeira: *“Vamos aprová-la porque não é uma lei. É uma lei, mas não é um casamento. Vamos aprová-la porque fica impedida a adoção por homossexuais.”* Esses fundamentos são capazes de levar à aprovação da lei, que no fundo beneficia. Depois modifica-se o texto para se avançar. O que precisamos é de um texto legislativo para acabar com essa perversa omissão, que leva à invisibilidade. A ausência de leis leva o Judiciário, na sua grande maioria, a reconhecer a ausência de direitos. E isso torna-se um círculo vicioso perverso. Ou seja, estão excluídos da cidadania e da ordem de proteção do Poder Judiciário. No momento em que existir uma lei, ainda que com inúmeras deficiências – e elas existem –, não haverá mais juiz que diga que não concede direitos por problemas de preconceito, de homofobia. Este é o grande momento, quando chegamos a essa idade emblemática de dez anos, com o compromisso que já fez o Presidente desta Casa de apresentar o projeto. Depois podemos fazer o que hoje está sendo feito em Brasília – foi difícil chegarmos aqui, por isso estamos começando os trabalhos com uma hora de atraso. Será que nós, que lotamos a Avenida Paulista e todas as maiores cidades do Brasil – e vamos continuar fazendo paradas –, que conseguimos trazer toda essa visibilidade aqui e agora, que entramos nesta Casa de cabeça erguida, como há muitos anos não se conseguia, não vamos conseguir uma mobilização para aprovar o projeto?

Este é o momento de começarmos uma luta sistemática, coordenada, unida, de mãos dadas. Acredito que tudo na vida que se faz de mãos dadas está destinado ao sucesso.

Convido todos para juntos lutarmos pela aprovação dessa lei. Com um discurso unido, com certeza, teremos sucesso. Está na hora de ocuparmos o espaço que nos cabe neste País democrático, plural, que se orgulha de ser defensor dos direitos humanos.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Vamos imediatamente passar a palavra para Toni Reis, Secretário-Geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

**O SR. TONI REIS** – Bom dia a todos. É um prazer muito grande estar novamente na Câmara dos Deputados neste segundo Seminário Nacional de Direitos Humanos de GLBT.

Gostaria imensamente de agradecer – aliás, pediram-me para não citar nomes – a iniciativa das Comissões de Direitos Humanos, Legislação Participativa e de Educação e Cultura, além da Frente Parlamentar. Parabéns à equipe que nos ajudou a organizar este evento. É muito bom trabalhar com pessoas de boa vontade. Todos nos ajudaram com amor, carinho e afeto a fazer esse trabalho maravilhoso. Parabéns a todas as assessorias que participaram desse trabalho.

Preparei uma apresentação em *PowerPoint* e vou procurar me ater aos dez minutos de que disponho. Mas não será fácil.

Maria Berenice, temos um projeto chamado Aliadas. Trata-se de um grupamento de instituições e pessoas favoráveis à aprovação de leis no Congresso Nacional. Já temos um plano de *advocacy*, tudo direitinho. Inclusive, a primeira cara bonita a aparecer em nossa *homepage* para dizer que apóia essa causa será a da Maria Berenice. Queremos ver também todos os Deputados e Deputadas aparecendo em nossa página e dizendo que apóiam e assumem a questão com amor e afeto. Testemunhamos em nossos Estados uma timidez muito grande. As pessoas não assumem que nos apóiam. Isso é muito chato. As pessoas têm de assumir. Somos seres humanos, independentemente de qualquer coisa.

Vou falar brevemente da situação dos direitos humanos no mundo, no Brasil e no Congresso Nacional. Falarei do Projeto Aliadas e concluirei.

(Segue-se exibição de imagens.)

Na primeira tela – pena que não apareceram as cores – apresento a vocês pesquisa que fiz sobre nossa situação. Hoje permite-se casamento em dois países: na Holanda, que está maravilhoso; e na Espanha, onde falta apenas a sanção. Temos também a parceria civil – ou o nome jurídico que a nossa Desembargadora nos indique como correto – ou união civil na Noruega, na Austrália, Israel, Hungria, Islândia, Dinamarca, Suécia, na própria França, África do Sul, Alemanha, em alguns Estados do Canadá, Portugal, Finlândia, Argentina – em dois Estados –, Nova Zelândia, Croácia, Suíça – em seis Estados – e agora na Espanha, com o maravilhoso Zapatero dando a maior força.

Esses dados são importantes para percebermos que a legislação está avançando em vários lugares. Como a Iara falou, vamos ter de trazer essa onda de avanços dos outros países para o Brasil.

Nesse mapa vocês vêem onde é crime ser homossexual: Bangladesh, Butão, Guiana, Índia, Maldivas, Nepal, Nicarágua, Singapura, Uganda e Zanzibar. Os pontos em cor escura identificam os países que adotam a pena de morte: Afeganistão, Irã, Mauritània, Nigéria, Paquistão, Arábia Saudita, Sudão, Emirados Árabes e Iêmem. Nestes países, pelo simples fato de ser homossexual você é condenado à morte.

Pessoal, fizemos um *banner* bonito lá no corredor. Temos trinta e sete direitos humanos negados. É importante percebermos que, ao participarmos de paradas *gay* ou de qualquer outro evento, lá estamos para reivindicar direitos que nos são negados.

Não temos a união estável; não podemos somar rendas para pedir financiamento; não podemos, sendo servidores públicos, colocar o parceiro como dependente; não podemos receber pensão alimentícia; não temos direito à metade dos bens em caso de separação.

Quanto à questão da guarda dos filhos, várias são as situações que atendemos em nossa organização, desde a perda da guarda até a adoção de filhos em conjunto. Inclusive, o David e eu somos exemplos dessa restrição. Não podemos adotar em conjunto, cada um de nós terá que adotar um. Isso é discriminação.



Também não temos licença-maternidade ou licença-paternidade, licença-luto, auxílio-funeral, herança, permanência no lar quando da morte do parceiro, usufruto dos bens do parceiro, visita íntima na prisão – nesse sentido, recentemente, foi baixada uma resolução, mas não aplicável em todo o Brasil –, acompanhar a parceira no parto e ser curador do parceiro declarado judicialmente incapaz. Não somos reconhecidos como entidade familiar, mas, sim, como sócios em algumas jurisprudências. Assuntos de casal não são julgados pela vara de família.

Chegamos à parceria civil, pessoal. Se conseguirmos aprovar esse projeto no Congresso, estarão solucionadas as questões da herança, sucessão, previdência, imigração e curatela, o que para nós já seria fundamental.

Sabem onde está o argumento para que nossa proposta não seja acatada, Sras. e Srs. Deputados? Está na Idade Média.

Uma dissertação estará disponível no *site* do Aliadas. Dela vocês poderão obter os argumentos. Ainda usam aqueles argumentos da Idade Média, quando consideravam que a Terra era quadrada. Os argumentos contra os direitos humanos estão lá. Vamos ter que evoluir nessa questão. São Paulo aceitava sexo – e entre homem e mulher – apenas no casamento e dizia que os homossexuais não herdariam o reino dos céus.

Para Santo Agostinho, toda relação sexual é irracional, antiespiritual e vergonhosa, mesmo no casamento. Pregava a abstinência. Inclusive, esse é o filósofo do nosso amigo Bush.

São Thomás de Aquino dizia que a sexualidade era antinatural, pecado mortal e que não servia para procriação, referindo-se à questão dos GLBTs.

Esses foram os argumentos de nossos grandes adversários neste Congresso. Vou citar três deles, porque acho importante rememorar. O Deputado Salvador Zimbaldi, que falou aqui em audiência, em 1996, que a união de homem com homem e de mulher com mulher é uma abominação que o Senhor Deus não permite. O Deputado Philemon Rodrigues disse naquela mesma audiência de 1996 que a

Bíblia do começo ao fim condena o ato homossexual e é clara sua posição contra esse ato nefando. É mentira! O Livro Sagrado traz três citações, mesmo assim no contexto histórico da época em que a Bíblia foi escrita. Por último, o nosso companheiro Severino Cavalcanti, atual Presidente Casa – aliás não é nosso companheiro, é adversário – assumiu publicamente que vai colocar os projetos em votação, mas já disse o seguinte: *“Aprovando o projeto de lei, o Brasil se coloca entre as nações que nada têm a ver ou a esperar de Deus, senão desencadear a sua ira.”*

Então, vejam os argumentos e os cotejem com os da Idade Média que estão escritos na tela, pessoal. É isso o que vamos ter que comentar. Os argumentos, todos eles, são os mesmos. Todos estão catalogados na dissertação de Moisés Alessandro em um trabalho muito bom para estudarmos. Não há argumento sólido contra nossos direitos.

Eis alguns direitos. O Judiciário está avançando. Concederam, em Belo Horizonte, a guarda provisória de uma criança para um casal homossexual: um maquiador e um pedreiro. O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul é a ilha de excelência no Judiciário. Diz-se, inclusive, que o casamento *gay* é legalizado naquele Estado. Aqui uma matéria jornalística: *“O Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul profere decisão reconhecendo à união homossexual os mesmos direitos conferidos à união estável”*.

Pessoal, este é um dia de comemoração. Já são onze os Estados com lei antidiscriminatória, 36 capitais e grandes cidades já têm leis que proíbem e discriminação e aplicam penas. Há 73 Municípios que têm em sua lei orgânica a proibição de discriminação por orientação sexual.

Como está nossa situação no Congresso Nacional?

Temos dezoito projetos em tramitação no Congresso Nacional sobre os temas sexualidade, discriminação por orientação sexual e gênero, parceria civil entre pessoas do mesmo sexo, alteração de sexo, mudança de nome civil, visita íntima e Código Militar.

A Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, em um seminário de três dias, decidiu-se por duas prioridades.

Temos o Projeto Aliadas. Queremos ver aprovadas no Congresso Nacional leis de promoção dos direitos humanos de *gays*, lésbicas e transexuais.

Maria Berenice, a partir de agora sugiro que nos unamos em todos os Estados para conseguirmos aprovar o projeto. Este seminário foi lançamento do projeto. O objetivo é nos unirmos em todas as cidades e Estados, fazemos pressão sobre todos os Parlamentares no sentido da aprovação do projeto.

Estas são nossas duas grandes prioridades: o projeto de lei da Deputada Iara Bernardi, somado à PEC da Deputada Maria do Rosário, que pode ser votada hoje. Há o projeto da Marta Suplicy, que também é prioritário. Aliás, todos os projetos são prioritários, mas alguns o são mais do que os outros. Um deles é o que trata dos nomes no caso dos transexuais.

Vamos às conclusões, pessoal. A igualdade de direitos é um princípio primordial, universal estabelecido para todos. Partindo desse princípio, temos de lutar. O direito dos GLBTs à igualdade não deve ser condicionado a argumentos religiosos. O Estado é laico. Essa é a nossa grande bandeira.

Sras. e Srs. Deputados, devemos realizar um seminário urgentemente. Para a questão dos GLBTs e a questão da ciência os óbices estão em argumentos religiosos, os quais temos de respeitar, mas temos de fazer uma discussão ampla sobre o Estado laico.

Não devemos nos basear em dados fáceis da ciência, que argumenta que a homossexualidade é uma doença, até porque já foi retirada da classificação internacional das doenças.

O Judiciário anda à frente do Legislativo, porém as leis são preferíveis à jurisprudência. Inclusive está sendo ameaçada a jurisprudência favorável quanto à questão da união civil em Porto Alegre.

Projeto Aliadas. O que estamos querendo? Articulação direta com a Frente Parlamentar Mista pela Livre Orientação Sexual; mobilização de formadores de opinião; parceria com redes aliadas.

Aqui temos a primeira rede aliada: a CFEMEA, sobre a qual a Elisabeth Saar vai depois falar. Temos também o INESC. Estamos

formando com todas as redes: ABL, ANTRA e LBL. Essas são as redes aliadas. Então, vamos ter o GT estadual, o combate aos adversários, a questão da academia, o Estado laico, mídia, captação de recursos jurídicos, *Internet* e Congresso.

Esse *site* entrou no ar ontem. As pessoas podem acessar [www.abglt.org.br.aliadas](http://www.abglt.org.br.aliadas) que vai ser o nosso QG para que todas as pessoas se posicionem, coloquem suas fotos. Eu assino e aprovo.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Obrigada.

Antes de passar a palavra à Mariza Fernandes, que vai falar aqui em nome do coletivo de feministas e lésbicas, convido para compor a Mesa, com muita alegria, o Prof. Alípio de Souza Filho, convidado para contribuir com uma reflexão sobre o tema: *União civil e direitos dos GLBTs*. O Prof. Alípio é da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do Departamento de Ciências Sociais.

Com a palavra a Sra. Mariza, que disporá de dez minutos.

**A SRA. MARIZA FERNANDES** – Bom dia a todos. É com muita alegria que estamos aqui trazendo a voz lésbica da nossa organização Coletivo de Feministas Lésbicas do Estado de São Paulo. Há um mês participamos nesta mesma Casa da avaliação de um ano do programa nacional Brasil sem Homofobia. Naquela oportunidade eu pedi que houvesse pressa na aprovação dos nossos projetos de lei que tramitam nesta Casa. Pedi ao Presidente da República que se manifestasse, porque uma semana, ou dias após, estaríamos realizando em São Paulo a maior parada do Orgulho GLBT do mundo. Pedimos a V.Exa. que fizesse um pronunciamento, ainda que pequeno, que naquele momento nos daria visibilidade e força às nossas necessidades e direitos.

Daquele dia em diante tivemos uma mudança no cenário, na conjuntura política do País, que tornou a nossa luta e as alianças possíveis um pouco adversas. Temos uma tentativa de desqualificar o Governo, a figura do Presidente da República e de seus principais Ministros. Esse cenário de adversidade, no momento, faz com que as forças mais conservadoras do País se levantem e se mostrem. Não foi à toa que um dia depois da saída do Ministro José Dirceu em São Paulo decretou-se a inelegibilidade de Marta Suplicy até 2008. Mesmo que isso seja inconstitucional, não importa, a Direita ali apareceu. É mais

fácil fazer soar em rede nacional, nos meios de comunicação, uma notícia como essa do que depois desmenti-la. Estamos vendo o conservadorismo presente, fortalecido, diante de uma desqualificação dos nossos grandes líderes, daqueles que elegemos e nos quais confiamos.

Esse cenário desfavorável nos abala, mas não vai nos desestimular. Nós, lésbicas, sobretudo por sermos mulheres, *gays* e transexuais, travestis, transexuais e bissexuais, nunca tivemos um cenário absolutamente favorável às nossas questões. Não é o cenário do momento que deve nos abater, pois na qualidade de movimento organizado temos posições a tomar. Temos pressa. Mas eu não posso vir aqui cobrar pressa do Presidente da República, que até se pronunciou, no domingo passado, durante a parada do orgulho GLBT do Rio de Janeiro no sentido de que toda forma de amor vale a pena.

O Dr. Nilmário Miranda assumiu o compromisso de conseguir que se votasse até dezembro deste ano o projeto de lei da parceria civil. E para que nós, como movimento organizado, possamos contribuir de maneira decisiva para que até dezembro, esse projeto de lei seja votado, peço pressa ao movimento. E é em nome do movimento que estou aqui, em nome de uma organização de lésbicas.

Precisamos contribuir para o fortalecimento da Frente Parlamentar e para que aumente o número de membros. Precisamos da institucionalização do Programa Brasil sem Homofobia e garantir recursos para sua execução.

É necessário que a nossa incansável e já reconhecida militância se torne mais unida ainda neste momento para emprendermos essa luta que agora está agregando um cenário desfavorável até que as denúncias e acusações sejam verdadeiramente apuradas.

Então, para além das nossas articulações, que são fundamentais, nos gabinetes dos Parlamentares para que o projeto de lei seja aprovado, é necessário que fortaleçamos a construção da marcha GLBT sobre Brasília. É preciso que essa marcha seja, neste segundo semestre, o símbolo da nossa resistência ao conservadorismo, ao preconceito, à discriminação e à homofobia.

Ao longo de muitos anos na condição de ativista lésbica e feminista, tenho visto muitas vitórias difíceis: as garantias de direitos mais amplos para as mulheres, a demarcação das terras indígenas, o retorno dos exilados, a anistia aos presos políticos, que marca o fim do período de ditadura militar, o ECA garantido para crianças e adolescentes e a criminalização do racismo.

Vi o movimento operário do ABC fazer da sua maior expressão o Presidente da República e não vi ainda, nesses vinte e seis anos de ativismo, nos quais todas essas conquistas foram alcançadas, nenhuma lei promulgada no meu País que verdadeiramente garantisse direitos plenos à população GLBT.

Sei que todas as conquistas citadas anteriormente ocorreram também em cenários adversos, em parcerias difíceis, mas, para que cada um desses setores conservadores seja enfrentado e derrotado, precisamos reforçar nossa prática de lutar e buscar alianças com os setores mais democráticos, mais amplos, e, sobretudo, temos de ter unidade dentro do nosso movimento para que possamos obter êxito na nossa luta.

Muito obrigado e boa sorte a todos nós. Parabéns pelo nosso dia.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Obrigada, Sra. Mariza Fernandes.

Registramos, com muita alegria, a presença das Deputadas Almerinda Carvalho, Selma Schons, Lucy Choinacki e dos Deputados Adão Pretto, Carlos Santana, Reginaldo Lopes, além dos demais Deputados que acompanham nossos trabalhos desde o início: Deputadas Jandira Feghali, Iara Bernardi e Maninha.

Com a palavra o Sr. Tommaso Besozzi, Coordenador do Grupo Corsa, por dez minutos.

**O SR. TOMMASO BESOZZI** – Bom dia a todos.

Estou aqui com muito orgulho e com muita emoção. Quem diria! Quando, em setembro de 2002, tive de deixar o Brasil com lágrimas nos olhos porque não poderia ficar aqui com meu companheiro brasileiro, o Edmilson, que está aqui presente, quem diria que hoje eu estaria aqui. É uma grande felicidade poder me pronunciar neste momento.

Começo com uma pequena reflexão: por que união civil? Por que parceria civil? Por que nos metemos nessa encrenca de querer, de certa forma, reinventar a roda? O casamento existe há milênios, a união estável é prevista pela Constituição brasileira há quase duas décadas, por que criar essa coisa nova que é a união civil ou parceria civil?

Há motivos históricos para isso. Dois são os principais, um deles de ordem de cultural geral. Nos anos 60 e 70 todo movimento de esquerda feminista criticou duramente a instituição do casamento por ser patriarcal, materialista, capitalista etc.

Por outro lado, existe uma outra questão que é a do nosso movimento homossexual e do nosso movimento GLBT. Quando iniciei minha trajetória nesse movimento, nos anos 80, a idéia de reivindicar para nós o casamento civil era algo absolutamente impensável.

Naquela época não havia nenhum país que tivesse sequer a instituição da união civil. A pergunta era: será que vamos conseguir fazer com que algum país mais avançado, como foi o caso da Dinamarca em 1989, aprove uma lei de união civil que nos garanta pelos menos os direitos que a Dra. Maria Berenice e o Toni já explanaram? Há duas vertentes.

Em 2005, dois países aprovaram o casamento civil aberto aos casais do mesmo sexo, a Bélgica e a Holanda. Ele está prestes a ser aprovado na Espanha, já está sendo aplicado em numerosos Estados do Canada e no Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. Então, a situação mudou.

E no décimo ano, desde a apresentação do PL n ° 1.151, de 1995, da União Civil, aqui no Brasil, temos um panorama que também mudou e é mais variado. Existe o projeto de lei de parceria civil registrada que está pronto para ser votado no Congresso Nacional. Existe também uma proposta de emenda à Constituição, do Senador Sérgio Cabral, que estabelece que a união estável, prevista pela Constituição, seja estendida aos casais do mesmo sexo.

Existe também uma ação, que para alguns pode parecer quixotesca, de um Procurador da República de Guaratinguetá, em São Paulo, para que os cartórios de registro civil em todo o Brasil sejam obrigados

a fazer casamentos de pessoas do mesmo sexo. Essas três alternativas, pelo menos, estão no papel, mesmo que não tenham diversas probabilidades de sucesso.

Por que união civil, por que parceria civil? Eu concordo estrategicamente com o que já foi dito aqui, que hoje é essencial submeter à votação e aprovar o projeto de lei da parceria civil que está no Congresso Nacional.

Faço outra reflexão sobre o casamento. Se nos anos 80 era impossível imaginar que nós, homossexuais e pessoas trans, pudéssemos ter acesso ao casamento civil, era porque nós estávamos acostumados a ocupar posição de marginalidade, quando não de exclusão, na sociedade.

Quanto à orientação sexual, quando se torna mais visível, com mais força? No momento em que uma pessoa se apresenta à sociedade, ao resto do mundo casado com quem ama. É isso que leva as pessoas a sonhar em constituir um lar, muitas delas com pessoa do mesmo sexo.

Resolver o problema da orientação sexual não é simplesmente aceitar que o que se faz entre quatro paredes não diz respeito a ninguém, só aos interessados. Há uma série de desdobramentos sociais e públicos evidentes.

Nesse sentido, querer acesso ao casamento civil ou a uma instituição diferenciada como seria a união civil, querer casar, querer participar da sociedade publicamente, significa não querer permanecer na marginalidade, significa querer exercer plenamente o papel de cidadão, significa querer ser também o sustentáculo da nossa cidadania, do nosso Brasil. Queremos fazer parte integrante do País em que vivemos. Não queremos estar neste País de favor. Mais ainda, não queremos ficar fora da cidadania.

Agora, algumas considerações sobre os avanços do Judiciário. Muitas vezes, eles são contrapostos às supostas inadequações do projeto de lei da forma como está no Congresso. Relembro as palavras da Dra. Maria Berenice, proferidas há mais ou menos um mês durante a avaliação do Programa Brasil sem Homofobia: os avanços do Judiciário



são muito bons para dar IBOPE e para as pessoas diretamente beneficiadas. Para o cidadão comum têm importância relativa.

É muito bom eu saber que alguém em algum Estado conseguiu liminar que lhe assegura determinado direito, mas isso não significa que o mesmo será aplicado diretamente a mim se eu estiver na mesma situação. Para fazer valer um direito em meu benefício, vou ter de contratar um advogado, vou ter de pagar, vou ter de ter tempo e disposição para enfrentar uma batalha judicial. E não necessariamente ela terá o mesmo êxito obtido no outro caso.

Cabe distinguir que há decisões judiciais que se aplicam a apenas um caso. Há decisões que se aplicam a uma classe, como foi a decisão sobre a Previdência Social. E também as decisões que se aplicam a um caso só, quando são numerosas, formam jurisprudência, influenciam as decisões posteriores dos tribunais e as políticas públicas do Governo, como foi o caso da Resolução Administrativa nº 5, de 2003, do Conselho Nacional de Imigração, instrumento que permitiu que eu, estrangeiro, companheiro de um brasileiro, conseguisse a permanência definitiva no Brasil. Porém, esses avanços do Judiciário servem mais para preparar o terreno para que o Legislativo promulgue as leis das quais precisamos do que para outra coisa.

Temos desafios para o Legislativo e para o nosso movimento. Acredito que a Frente Parlamentar esteja engajada nesse compromisso e apelo para que ela efetivamente o honre no sentido de fazer tudo que for possível para votar a lei da parceria civil registrada ainda este ano.

Se perdermos essa votação, pelo menos teremos lutado e saberemos quem são nossos amigos e aliados e quem são os nossos adversários e inimigos, com nome e sobrenome, para lembrarmos nas próximas eleições.

O movimento GLTB brasileiro precisa também fazer pressão para que as coisas aconteçam. E, além das ações maravilhosas descritas pelo Toni Reis, Coordenador do Projeto Aliadas da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, estamos preparando uma marcha sobre Brasília para o dia 8 de novembro deste ano, no início do EBGLT, para reivindicar os nossos direitos.

Vai ser uma grande prova do nosso movimento para mostrar que temos, sim, vocação para movimento de base e que temos, sim, capacidade e articulação para vir batendo painéis, se for necessário, reivindicar os nossos direitos em Brasília.

Obrigado e parabéns pelo Dia do Orgulho Homossexual e GLBT.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Obrigada, Sr. Tommaso Besozzi.

Registramos, com muita satisfação, a presença dos Deputados Leonardo Mattos, que havia sido mencionado para participar da Mesa de abertura como representante da Frente Parlamentar; Henrique Fontana, que acaba de chegar; Luciano Zica, da Coordenação da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual.

Concedo a palavra ao Prof. Alípio de Souza Filho.

**O SR. ALÍPIO DE SOUZA FILHO** – Bom dia a todos. Agradeço aos organizadores do evento o convite, em especial à Deputada Fátima Bezerra. Participo deste seminário na esperança de que em breve a Câmara dos Deputados aprove leis de reconhecimento pleno dos direitos dos homossexuais no Brasil.

Falo aqui na condição de cientista social que sou, professor universitário, ocupado há mais de quinze anos com o estudo da cultura e do preconceito, mas o farei também na condição de homossexual que sou. Para objetivar minha intervenção nesta mesa, passarei a ler o que escrevi para esta ocasião.

Direitos iguais, nem mais nem menos. Essa é a bandeira justa do movimento homossexual em diversos países. Centrada na discussão e na reivindicação de cidadania plena para sujeitos sociais plenos, a formulação política é clara: não se pode mais continuar aceitando, na realidade de diversas nações ditas democráticas, a cidadania pela metade que é concedida a milhares de homens e mulheres homossexuais ou cuja sexualidade seja compreendida como tendo algo a ver com a prática do que se define como homossexualidade nas nossas sociedades.

Dentre outras reivindicações, como a que levanta a contínua necessidade de amparos legais e políticas educacionais de combate a

todas as formas de preconceito contra os homossexuais, uma tem lugar destacado nas lutas do movimento mundial GLBT hoje: a reivindicação de reconhecimento em lei das uniões homossexuais. Sendo uma bandeira do movimento, ela não é, contudo, uma reivindicação apenas daqueles que se organizam em grupos de lutas, mas uma reivindicação de todos os homossexuais. A luta pelos direitos civis dos homossexuais e travestis, ao objetivar o reconhecimento legal e público da união civil entre pessoas do mesmo sexo, por parte dos Estados em diversos países – inclusive nosso País –, está apenas ampliando as formas de se poder alcançar a cidadania plena para um segmento da sociedade que continua excluído do direito, em razão unicamente do preconceito social e cultural ainda existente em torno da homossexualidade.

As uniões homossexuais existem de fato e os casais homossexuais constituem, hoje, no mundo inteiro, parte da diversidade da família. As leis dos diversos países, incluindo o Brasil, não podem mais fingir que essas uniões e casais não existem. Não se trata, pois, nem mesmo de apenas defender a franquia do casamento (contra a vontade dos conservadores ou dos moralistas que acreditam que o termo somente se aplica às uniões de homens com mulheres) ou a admissão legal de contratos de parceria civil registrada, mas de reivindicar algo muito mais amplo: trata-se de exigir do Estado e das leis o reconhecimento das uniões homossexuais como tais, isto é, a instituição do amparo legal para os casais homossexuais que, na vida cotidiana e prática, necessitam do reconhecimento da conjugalidade para direitos como herança, previdência, seguro de vida, realização de contratos diversos enquanto casais (financeiros, habitação, administrativo, etc.), obtenção de visto permanente para homossexuais brasileiros casados com estrangeiros, etc. A exemplo do que já ocorre com os casais heterossexuais, o reconhecimento legal das uniões é social e juridicamente mais amplo e mais correto politicamente.

É fato que, em um país como o Brasil, em que o conservadorismo social ainda predomina fortemente, embora muitos avanços tenham ocorrido, a aprovação de lei que torne possível o contrato de parceria civil registrada (como propõe o PL nº 1.151/95, apresentado pela Deputada Marta Suplicy), que representaria uma alternativa para os casais homossexuais de se afirmarem legalmente, já seria um avanço

importante. E talvez esse seja o primeiro passo a ser dado no nosso País. Deve-se alertar, contudo, para o fato de que modelos limitados de “parceria civil registrada” ou o chamado “contrato de solidariedade” podem jogar para debaixo do tapete do preconceito toda uma discussão política que se pretende evitar em torno da ampliação dos direitos dos homossexuais no Brasil. Inclui-se aí o já referido direito ao reconhecimento da vida de casal e também o direito à adoção não restrita à monoparentalidade homossexual (embora ser homossexual continue a ser uma razão apresentada por psicólogos, assistentes sociais e juízes para negar a adoção a *gays* solteiros assumidos), mas a ser realizada por casais homossexuais.

Mas, como tem sido possível observar até aqui, como obstáculo aos direitos dos homossexuais, notadamente para o reconhecimento de suas uniões, há a interposição de concepção naturalista e religiosa da sexualidade humana, que é chegada a hora de combater, pois ela tem sido responsável pela opressão de homens e mulheres e suas exclusões do Direito por toda parte, em razão unicamente de suas preferências e orientações sexuais. Uma concepção apoiada numa longa história de colonização do imaginário de nossas sociedades pelo preconceito, que ainda vem sustentando até aqui a falsa idéia de que somente a heterossexualidade é a via natural e, conseqüentemente, normal da sexualidade humana. Uma idéia contrária a todos os entendimentos sustentados pelos estudos sobre a cultura sexual humana, sobre a diversidade cultural das sociedades, sobre a própria história da humanidade até aqui.

Como se sabe, a cultura sexual humana é constituída da diversidade, da pluralidade e, sob qualquer ângulo, não existe o que se possa chamar de sexualidade normal ou natural, pois a sexualidade humana pode ser tão variada como o são as línguas humanas.

Como demonstram a Antropologia e a Sociologia, é a intervenção da cultura por diversas formas que, procurando submeter a sexualidade a padrões fixos, elege uma expressão sexual como a forma natural ou normal, considerando outras formas como anormalidades.

Na história das nossas sociedades, ocorreu que a história da heterossexualidade teve notável privilégio, mas não menos justificado pela eficácia da colonização do imaginário pelo preconceito, na forma

das idéias religiosas, mas também de idéias pretensamente científicas, com influências no social.

Contra a concepção naturalista/religiosa do sexual, é preciso afirmar que a heterossexualidade não é a forma natural da atração entre os machos e as fêmeas humanas, como se se tratasse de um caso que apenas repetiria aquilo que se encontra amplamente fixado entre as espécies animais. Como demonstram diversos estudos do comportamento humano, a heterossexualidade não é um fato de natureza biológica, mas uma vertente sexual produzida culturalmente no processo da socialização, estando submetida ao mesmo processo e dinâmica que tornam possível a homossexualidade e a bissexualidade. Como prática social e do ponto de vista histórico, a heterossexualidade é uma construção sócio-cultural, tão igual quanto a homossexualidade e a bissexualidade, e sua naturalização e hegemonia ocorreram apenas por efeito de um longo trabalho de domesticação do imaginário cultural nas sociedades humanas.

Sendo uma instituição social histórica como outra, a heterossexualidade se estabeleceu estigmatizando a homossexualidade (inicialmente, como vício, até se chegar à tese da disfunção hormonal ou à do desvio no desenvolvimento sexual), fato que se deu com a mesma força com que a dominação masculina emergiu em todas as culturas. Aliás, a prevalência da dominação masculina e a supremacia da heterossexualidade são fatos que guardam relações entre si na história cultural das sociedades humanas e que precisam ser estudadas em sua relação intrínseca.

Uma das mais importantes contribuições da Antropologia ao estudo da humanidade foi conseguir demonstrar que, assim como as formas de poder, de economia, a sexualidade também se inscreve no *hall* de todas as construções humanas, constituindo-se em mais um objeto social da ordem da linguagem, da cultura, do simbólico, não sendo a anatomia dos sexos a causa em si do destino sexual dos seres humanos. A idéia de um destino biológico fixo como definidor do gênero ou da sexualidade não se sustenta à menor prova do confronto com a variedade cultural histórica.

A negação aos casais homossexuais de seus direitos de casais, a começar pelo próprio reconhecimento legal da existência do casal, incluindo-se aí a admissão da existência de vínculos afetivos, relações consistentes, sólidas, duradouras e de vida de família, é resultado do predomínio desses conceitos e concepções sobre a homossexualidade e os homossexuais, mantidos injustificadamente em nossas sociedades até aqui.

Se a existência de leis, por si só, não se tornar suficiente para o combate do preconceito que se conserva nessas visões, exige-se também que sejam adotadas políticas no âmbito da educação, da comunicação. A aprovação de leis no âmbito dos direitos dos homossexuais é parte importante na educação da sociedade para uma nova visão da homossexualidade e dos homossexuais.

Finalmente, uma palavra sobre uma polêmica existente entre os próprios homossexuais: lutar pelo reconhecimento legal das uniões homossexuais não é sucumbir ao integracionismo dos modelos heterossexuais vigentes, nem é uma postura reprodutivista acrítica da moral dominante; é combater o preconceito até onde ele não pretende ser atingido. Ao reivindicarem o reconhecimento legal de suas uniões, os homossexuais desconstruem o preconceito da concepção naturalista/religiosa das uniões sexuais e afetivas, para a qual somente se pode falar de casal e de família quando se está na presença de um homem e de uma mulher.

Se os homossexuais não podem continuar prisioneiros dessa concepção naturalista/religiosa, também não podem cair nas armadilhas de um falso projeto crítico (vindo do próprio meio homossexual), que acredita numa identidade marginal homossexual que rejeitaria toda defesa em favor do reconhecimento das uniões, da conjugalidade homossexual, em nome de evitar o viés familista, e por acreditar ainda que homossexuais, eles próprios, não constituem relações estáveis. Bem ao contrário, os números mostram a multiplicação dos casais homossexuais em todos os países, e afirmar a conjugalidade homossexual, incluindo a exigência do reconhecimento legal, é afirmar a legitimidade do direito à diferença, e arrancar da sociedade, do Estado, dos governantes e dos nossos representantes políticos o compromisso de

respeito à diversidade e à igualdade, única maneira de dizermos, de fato, que em nossas sociedades predominam verdadeiras democracias.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Obrigada, Prof. Alípio.

Para encerrar as exposições da Mesa, concedo a palavra à Deputada Maria do Rosário.

**A SRA. DEPUTADA MARIA DO ROSÁRIO** – Quero cumprimentar todos os membros da Mesa, a Deputada Fátima Bezerra, Coordenadora dos trabalhos e Presidenta da Comissão de Legislação Participativa; o Professor Chefe do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutor em Sociologia pela Sorbonne, Dr. Alípio de Sousa Filho; a Dra. Maria Berenice Dias, Desembargadora do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul; o Sr. Toni Reis, Presidente do Grupo Dignidade, Secretário-Geral da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Coordenador do Projeto Aliadas; o Sr. Tommaso Besozzi, Coordenador do Grupo Corsa, de São Paulo, e a Mariza Fernandes, Coordenadora do Coletivo de Feministas Lésbicas.

Ouvimos aqui pronunciamentos brilhantes que dão conta do amplo espectro de trabalho que temos à frente. O projeto de lei da parceria civil registrada, ao completar dez anos, como destacou a Desembargadora Maria Berenice Dias, cumpre função especial, mesmo que não tenhamos conseguido sua aprovação. Registro isso porque a luta que travamos, os ativistas, os movimentos organizados, os apoiadores, os participantes, principalmente, a luta da sociedade civil nos últimos tempos é muito embalada pela iniciativa da então Deputada Marta Suplicy e pelo trabalho desenvolvido nesta Casa em torno do projeto de lei da parceria civil registrada.

Agora, não ter sido votada essa matéria também revela algo sobre o Parlamento brasileiro e as instituições: o conservadorismo e a existência de uma democracia parcial, que não apenas se manifesta no que se refere ao tema da orientação sexual, mas se expressa também em

relação a outros temas e à inclusão de parcelas muito importantes da sociedade brasileira.

A luta pela afirmação dos direitos humanos permanece viva e ocorre todos os dias, tanto no tema feminista, nas questões de gênero, quanto nas demais questões que dizem respeito a conseguirmos traduzir para a vida legislações que foram conquistadas nos últimos tempos.

Quero aqui me deter de forma particular em duas questões. A primeira diz respeito à PEC nº 66, que tem uma história. Apresentei-a em 2003, Deputadas Iriny Lopes e Maninha, mas o tema a que se refere foi trazido pela primeira vez em 1987, no período Constituinte. Nessa ocasião, a Comissão que trabalhava a afirmação dos direitos da população indígena, das pessoas portadoras de deficiência e de negros era uma Subcomissão específica. Não tratava do tema da orientação sexual, em princípio, mas trabalhava temas de direitos humanos de negros, população indígena e pessoas portadoras de deficiência.

Tal Subcomissão aprovou, em 1987, redação que propunha que a Constituição Federal, a ser aprovada em 1988, trouxesse em seu corpo, em seu texto a idéia de que todos os homens e mulheres são iguais perante a lei, que os direitos humanos estão entre os princípios da República. Além disso, que ninguém seria prejudicado ou privilegiado em razão de nascimento, etnia, raça, cor, sexo, trabalho, religião, orientação sexual, convicção política ou filosófica, ser portador de deficiência de qualquer ordem e qualquer particularidade ou condição social.

Quando, em 1988, esse texto foi analisado pela Comissão de Redação e pelos Constituintes, a redação proposta pelo grupo de trabalho da Subcomissão caiu e afirmou-se o atual texto constitucional, que é um avanço em relação aos anteriores, mas fez sumir do art. 2º – Dos Princípios da República – e do art. 3º, que diz que enumera os objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil, no inciso IV... Ao estabelecer como princípio da República Federativa do Brasil promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação, caem todos os outros temas, que ficam incluídos pretensamente sob o título de “quaisquer outras formas de discriminação”.



Em 1999, a Deputada Marta Suplicy retoma o tema com uma PEC. Após sua saída, o Deputado Marcos Rolim fez uma proposta. Em 2003, não estando presente a Deputada Marta Suplicy nem o Deputado Marcos Rolim, ingressamos com uma PEC da mesma natureza das apresentadas anteriormente, retomando de 1987 o que era a vontade de um grupo de Constituintes nesta Casa.

Parece-nos que a PEC nº 66 é importante porque inclui no texto constitucional o tema da orientação sexual ao lado das demais formas de discriminação. Hoje, quando debatemos com os movimentos de modo geral e, em particular – permitam-me dizer –, com as mulheres que se organizam na liga, com a federação, as mulheres lésbicas, a questão da visibilidade não é secundária. Visibilidade é o que as lésbicas nos trazem e é preciso lhes garantir esse tributo. A visibilidade da lésbica é um tema que, ao lado de todos os recorrentes no movimento LGBT, é absolutamente importante para a afirmação de direitos. E quando se inclui entre os princípios da República, entre os temas mais importantes para a República a orientação sexual como direito positivo de identidade, parece-nos que é absolutamente importante, relevante que a proposta seja aprovada.

Estamos modificando o art. 3º e o art. 7º da Constituição, que no inciso XXX proíbe a diferença de salário e de exercício de funções e fixação de critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil. Estamos modificando o art. 7º e o art. 3º para incluir entre as proibições as motivadas por orientação e expressão sexual, crença religiosa, convicção política, condição física, psíquica ou mental, idade, cor ou estado civil.

Tanto na redação que estamos propondo para o art. 3º, como na redação que estamos propondo para o art. 7º da Constituição, não trabalhamos unicamente com a expressão “livre orientação sexual”, trabalhamos com a expressão “livre orientação sexual e livre expressão sexual”. Em Porto Alegre houve uma conquista muito importante com a inclusão do art. 150 da Lei Orgânica do Município, motivada pelo trabalho dos Movimentos em conjunto com a Vereadora Helena Bonumá, e se conseguiu consolidar na legislação municipal o enfrentamento aos diversos estabelecimentos da cidade que coíbem a expressão da afetividade – tal ato passa a ser considerado contrário à lei. Devemos

estabelecer, ao lado do direito inalienável à orientação sexual, o da expressão, porque as pessoas têm o direito de manifestar sua afetividade onde quer que estejam. E quando falamos em expressão estamos falando do direito de as pessoas expressarem quem verdadeiramente são em todos os lugares que freqüentam. E a sociedade é que tem de mudar sua cultura, seu modo de pensar em relação a como receber a manifestação de afetividade de quem quer que seja, de casais hetero ou homossexuais.

Incluímos aqui outros temas porque não estabelecemos uma contradição – sempre costumo dizer isso – com grupos religiosos de qualquer natureza.

É preciso que o Estado, este sim, seja laico e garanta às pessoas o direito de se organizarem como quiserem – isso foi dito nesta Mesa –, pela identidade da sua religiosidade, que é assegurada por iniciativa dos comunistas no Brasil desde 1946, pela identidade de convicção política e também pela identidade de orientação sexual ou de gênero.

Hoje, essa PEC, que originalmente começou na Constituinte, em 1987, encontra-se para votação na Comissão de Constituição e Justiça. Conversamos com o Deputado Antonio Carlos Biscaia, Presidente da CCJC, e V.Exa. incluiu a proposta na pauta de hoje. Argumentamos com o Deputado que essa PEC já tem parecer favorável do Deputado Nelson Pellegrino, do PT da Bahia, para ser votada, e está na pauta de votação. Esperamos que hoje à tarde, na Comissão de Constituição e Justiça, a matéria seja votada, numa inversão, inclusive, da ordem do dia dos trabalhos daquela Comissão.

Agendamos com o Deputado Antonio Carlos Biscaia uma reunião para tratar do tema no início da tarde. Se tudo der certo e nosso trabalho for eficiente, depois de tanto tempo tramitando na Casa, a proposta, que não é idéia minha, é fruto da luta histórica do Movimento, se for aprovada na Comissão de Constituição e Justiça hoje, passará a ser analisada por Comissão Especial a ser criada pela Mesa da Câmara dos Deputados, uma vez que se trata de proposta de emenda constitucional, que tramita em várias Comissões. Na Comissão Especial será designado relator para proferir parecer à proposta, que será votada pelos seus membros. E o Movimento precisa participar de todo esse processo.

Vou, rapidamente, tecer algumas considerações sobre o direito à família, porque vários companheiros e companheiras se referiram ao assunto. O art. 226 da Constituição Federal é a base para o Estatuto da Criança e do Adolescente. Os companheiros que militam na área da infância sabem disso. E deve ser, juntamente com o art. 227, considerado de forma integrada ao que estamos discutindo aqui. O art. 226 diz que *“a família é a base da sociedade e tem especial proteção do Estado”* O seu § 3º diz que *“para o efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”* É justamente disso que estamos falando. Mas a partir desse parágrafo toda a questão do cuidado com a infância pressupõe a família como homem e mulher. Deputada Fátima Bezerra, sou Presidente de uma Comissão que tem a responsabilidade de analisar uma lei nacional para o direito da convivência familiar de crianças e adolescentes. Pesquisa feita pela Secretaria Especial de Direitos Humanos em conjunto com o IPEA identificou que a grande maioria das crianças que estão nos abrigos, longe de suas famílias biológicas, está nessa condição por causa da pobreza; que o abandono tem a ver com o alcoolismo, com a drogadição, mas tem a ver especialmente com a pobreza. Para todos nós é uma indignidade também saber que há pessoas que não podem estar com a sua família porque vivem em estado de absoluta pobreza. Isso significa que até hoje, por mais que no último período e com este Governo – é preciso que se diga isso – tenhamos conseguido avançar nas políticas de apoio à renda mínima, ainda não conseguimos alcançar todos os que têm direito a essas políticas. Mas o que estamos prevendo nessa Comissão, pelo diálogo mantido com a Relatora, Deputada Teté Bezerra, e com o autor do projeto, Deputado João Matos, do PMDB de Santa Catarina, é que a nova legislação incluirá modificação que garanta o direito à adoção independentemente da orientação sexual dos adotantes. Precisamos estabelecer uma rede de relações para que no Movimento de Defesa dos Direitos da Criança possamos ter um diálogo sobre orientação sexual, que no movimento feminista tenhamos um diálogo sobre a questão das mulheres lésbicas, que em todos os movimentos possamos interagir com a afirmação plena dos direitos humanos.

De minha parte, pretendo agendar já um requerimento aprovado com esse conteúdo pelo qual estou convidando a Desembargadora

Maria Berenice Dias – ouvimos aqui a fala importante do Prof. Araripe, que certamente poderá estar conosco, além de ativistas do Movimento – para discutirmos adoção e homoparentalidade como um tema transversal à afirmação dos direitos humanos plenos de crianças e adolescentes que querem, que precisam de família, e de pessoas homossexuais que, afetivamente plenos de sua condição familiar, independentemente de a legislação assegurar isso ou não, têm absolutas e plenas condições de estar com as crianças formando famílias em que, acima de tudo, o respeito e a dignidade humana sejam resgatados para a própria sociedade brasileira.

Concluo convidando todos para que possamos, ao lado do tema da união civil, trabalhar a PEC nº 66 e os demais projetos de lei como um resgate da obrigação deste Parlamento para com a cidadania plena, como aqui foi dito.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Agradecemos à Deputada Maria do Rosário. Registramos a presença dos Deputados Mauro Passos e Ivan Paixão e anunciamos que mais três Parlamentares acabam de aderir à Frente Parlamentar pela Livre Expressão Sexual. São ela e eles: Deputada Selma Schons, do PT do Paraná, Deputado Reginaldo Lopes, do PT de Minas, Deputado Ivan Paixão, do PPS de Sergipe. Sejam bem-vindos.

Com a palavra a Deputada Ana Guerra.

**A SRA. DEPUTADA ANA GUERRA** – Saúdo todos os presentes. No dia de hoje, ouvi aqui as intervenções de várias companheiras e companheiros, tanto do Movimento como do Parlamento. Mas não basta falarmos, temos de ter ações. E uma das ações a ser adotada urgentemente das organizações governamentais e não-governamentais, em especial no dia de hoje, será fazer uma moção de repúdio e uma menção indicativa para que o Presidente desta Casa tome atitudes em relação ao homofóbico torturador Deputado Jair Bolsonaro. Ele foi de um desrespeito tremendo, e não só às nossas comunidades como à cidadania, como também à pessoa de nosso Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Portanto, minha sugestão para o dia de hoje neste Seminário é de que tenhamos, acima de tudo, orgulho de sermos combatentes à

impunidade. Enquanto esse cidadão faz o que faz porque é Deputado e nós não falamos nada para que ele não apareça, ele continua na sua luta contra todos nós, contra a cidadania. Portanto, a minha indicação é para que as comunidades organizadas presentes elaborem um documento – nós, Parlamentares, já o fizemos – exigindo a atuação da Corregedoria e uma atuação firme do Presidente desta Casa, Severino Cavalcanti.

Portanto, que sejamos também orgulhosos na luta incansável contra a impunidade. Muito obrigado e um bom trabalho.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Deputada Ana Guerra, a sua sugestão é oportuna. Peço a V.Exa., por favor, que a formule por escrito à Mesa.

Com a palavra a Deputada Jandira Feghali.

**A SRA. DEPUTADA JANDIRA FEGHALI** – Sra. Presidenta, serei breve. Cumprimento todas as representações, nossa companheira Maria Berenice. O enfrentamento do problema da não-laicidade do Estado envolve toda a temática que vem sendo disputada aqui dentro de direitos reprodutivos sexuais. Tudo isso tem a ingerência direta da questão do Estado de fato não-laico, apesar de não o ser em tese, mas de fato. Precisamos ter a preocupação da estratégia da prioridade. Hoje haverá uma batalha importante na CCJC, que deve ser elevada por todos, pela aprovação do parecer daquela Comissão, mas temos de ter em conta que essa questão da parceria civil deve ser prioridade mesmo ainda este ano. Não nos esqueçamos de que o ano que vem é um ano eleitoral, muitos aqui não querem votar isso em ano eleitoral. Nós temos eleição a cada dois anos e o Congresso se esvazia. Então, a prioridade é nos concentrarmos para que a matéria seja votada neste ano.

Nenhum dos presentes tem de expressar seu apoio à luta que vai sendo desenvolvida pelos GLBTs, mas alerta para dois pontos que devem ser também preocupações do Movimento.

Primeiro ponto: há um projeto do Governo Federal sobre violência doméstica e familiar contra a mulher que está na Câmara dos Deputados, do qual sou relatora, que também queremos transformar em lei este ano. E aqui é importante o direcionamento principalmente à representação das mulheres lésbicas, porque no projeto, como

relatora, realço que toda a conceituação e acolhimento da lei têm de valer independentemente de orientação sexual, porque, em razão da homofobia das instituições policiais, judiciárias etc., na hora de receber uma denúncia já é difícil quando a mulher diz que apanhou do marido, se chegar uma mulher dizendo que apanhou da sua companheira, imaginem o grau de dificuldade de acolhimento.

Essa lei realça, portanto, nessa versão preliminar do relatório, com força no aspecto conceitual, a questão da orientação sexual.

Então, gostaria que constasse na lista de apoio dos senhores o Projeto de Lei nº 4.559. Vou deixar com a Mesa essa versão preliminar, particularmente para a representação. Já deixei com a Ione e vou deixar também com a Mariza.

Outro aspecto importante é o debate da reforma política. É fundamental o financiamento público das campanhas e a redução da cláusula de barreira, porque aí sim a reforma política será democrática. Mesmo com todos os editoriais da grande mídia defendendo que se mantenha a cláusula de 5%, ela deve ser reduzida porque são partidos menores mas ideológicos, programáticos e ligados aos movimentos populares que vão passar a não ter sequer funcionamento parlamentar, porque os partidos que estão sob denúncia sobrevivem à cláusula de barreira de 5%, inclusive PTB, PP e PL. Todos já ultrapassaram esse percentual. Todos que estão na mídia defendendo a não-redução da cláusula de barreira, principalmente PT e PL, já a ultrapassaram. Achar que essa é uma resposta à questão ética e da corrupção é grave.

Agora, quero alertar para o problema da lista preordenada. Aqui só se quer aprovar o financiamento público de campanha se estiver colado com a lista preordenada. E aí pergunta-se: quantas mulheres, quantos portadores de deficiência, quantos negros e quantos homossexuais estarão na cabeça dessas listas dos partidos políticos para as eleições?

Essa questão da lista preordenada é grave para a democracia e para o direito de igualdade na ação política.

Portanto, alerta para a importância do projeto sobre violência e da reforma política como temas para os quais esse Movimento deve estar atento, ligado em sua discussão e debate, até porque todos os dois

envolvem direitos humanos, direitos políticos, direitos de cidadania e igualdade no Brasil.

Era o que tinha a dizer. Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Com a palavra o Deputado Reginaldo Lopes.

**O SR. DEPUTADO REGINALDO LOPES** – Bom dia a todos. Para nós é um orgulho participar da Frente. Temos uma militância nesse setor, somos simpatizantes, temos feito um grande trabalho durante 2 anos na Comissão Especial da Juventude para tratar da questão da homossexualidade. Agora já estamos proferindo parecer a um projeto de lei importante para outro setor que ficou fora da Constituição cidadã, que é o dos direitos da juventude. Ou seja, a Constituição não trata da particularidade que consolida esse segmento na sociedade brasileira.

Então, já estamos apreciando uma PEC e dois PLs em uma Comissão Especial nesta Casa. A PEC da Juventude, que emenda a Constituição brasileira, consolida os jovens como um segmento social novo no Brasil, abrindo, com isso, a perspectiva de criarmos um conjunto de políticas específicas para esse segmento que reúne nada mais, nada menos que 50 milhões de pessoas. E não queremos ficar só na questão das leis, do direito, cuja importância reconhecemos, por isso estamos lutando aqui pela parceria civil do mesmo sexo, temos também que definir o conjunto de ações do Estado brasileiro.

No caso do Projeto de Lei nº 4.530, de 2004, que cria um plano decenal de ação do Estado brasileiro, e não do Governo, em prol da juventude, quero convocar todos os componentes da Frente e militantes da Comunidade GLBT para, junto conosco, prevermos um conjunto de ações para tratar da homossexualidade, e, já nesse plano nacional – do qual sou relator – criar condições, romper barreiras e consolidar o direito universal de todos neste País, sem qualquer preconceito quanto à orientação ou expressão sexual. Esse é o nosso compromisso. Convoco todos os militantes organizados para contribuírem com a Comissão Especial, incumbida de dar parecer ao PL.

Lembro ainda que realizaremos 27 conferências em todas as capitais, a fim de aproximar toda a sociedade desse plano de metas para os próximos dez anos e fazer valer a voz de todos nós.

Parabéns a todos pelo belo debate produzido.

Era o que tinha a dizer.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Registro a presença da Deputada Gorete Pereira, do PL do Ceará, que acaba de aderir à Frente Parlamentar; do Deputado Virgílio Guimarães, do PT de Minas Gerais, que também está assinando o termo de adesão à Frente Parlamentar; e do Deputado Mauro Passos, que assinará agora o termo de adesão.

Acaba de chegar a Deputada Vanessa Grazziotin, do PCdoB do Amazonas.

Concedo a palavra à Deputada Selma Schons.

**A SRA. DEPUTADA SELMA SCHONS** – Parabenizo as Deputadas Fátima Bezerra e Maria do Rosário pela organização desse importante debate.

Estou honrada com a presença de tantas lideranças desse Movimento nesta Casa. Sinto-me contente ao ver Toni Reis e Tommaso Besozzi nessa luta há tanto tempo. Eles nos encorajam a ter outras visões e outras concepções para o avanço da sociedade.

Já pedi ao Prof. Alípio que nos deixe o texto por ele produzido, pela riqueza de conceituação. Entendemos as lutas, mas, às vezes, não são esclarecidos os conceitos. Muitas vezes somos pressionados a refletir com maior profundidade nos debates.

Esse rol de filiações mostra a outros movimentos que, às vezes, muitas pessoas estiveram presentes mas não tiveram oportunidade de assinar. Cito o meu exemplo. Há quanto tempo estou sendo cobrada para assinar e não tive oportunidade? Essa é apenas mais uma oportunidade para que juntemos forças.

Como muito bem disseram os integrantes da Mesa, os movimentos têm lutado para que o Congresso avance no que diz respeito ao tema.



Hoje de manhã, a imprensa perguntou se havia uma posição conservadora do Congresso Nacional. Disse que não, porque o tema ultrapassa o conservadorismo, que tem visão geral. Aqui, percebemos a visão especial de alguns membros que passa pelo desrespeito e pela não-visão da sociedade que hoje está capitaneada pela liberdade de expressão. Devemos resgatar a liberdade de expressão em todas as áreas e não apenas nas que consideramos convenientes.

Parabenizo o Movimento pela estratégia, metodologia e forma alegre de se expressar, de arrastar famílias, e até crianças. Só assim podemos crescer. Realmente o País está avançando no que diz respeito à liberdade de expressão.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Fátima Bezerra) – Vou encerrar os trabalhos desta 1ª Mesa.

Agradeço à Marisa, ao Tommaso, à Deputada Maria do Rosário, à Dra. Maria Berenice, ao Prof. Alípio e ao Toni a valiosa colaboração.

Convido a Deputada Iara Bernardi para assumir os trabalhos da 2ª Mesa, enquanto aguardamos a presença do Deputado Fernando Gabeira.

O ato em homenagem ao Dia Nacional da Consciência Homossexual, previsto para às 13h45min, em face do atraso dos trabalhos, se dará às 14h20min, após o encerramento da 2ª Mesa.

Agradeço a todos a atenção.

Passamos aos trabalhos da 2ª Mesa, coordenados pela Deputada Iara Bernardi.

## 2ª Mesa

**Tema: HOMOFOBIA E OS DIREITOS HUMANOS DOS GLBTs**



Da esquerda para a direita: Dr. Luiz Roberto de Barros Mott, Deputada Maninha, Deputada Iara Bernardi, Deputada Iriny Lopes, Sr. Ivair Augusto Alves, Sra. Virginia Figueiredo

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – O tema abordado pela 2ª Mesa será: “Homofobia e os direitos humanos dos GLBTs”.

Cada expositor disporá de até dez minutos.

Convido para compor a Mesa a Sra. Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados; a Sra. Deputada Maninha, membro da Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual; o Dr. Ivair Augusto Alves dos Santos, Assessor Especial da Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Dr. Luiz Mott, Prof. Dr. da Universidade Federal da Bahia e do Grupo *Gay* da Bahia; o Sr. Cláudio Nascimento, Presidente do Grupo Arco-Íris e Secretário dos Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais; e a Sra. Virgínia Figueiredo, representante da Liga Brasileira de Lésbicas.

Devo informar que o Sr. Cláudio teve problemas com o vôo e participará de uma Mesa à tarde.

Concedo a palavra a Sra. Deputada Iriny Lopes, Presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados.

**A SRA. DEPUTADA IRINY LOPES** – Boa tarde. Falarei sobre os direitos humanos, o direito à livre expressão e à livre opção sexual.

Há apenas uma forma de definir direitos humanos: são direitos universais e indivisíveis, porque não existem seres humanos divididos e nem direitos que possam atingir apenas uma pessoa. É inaceitável que qualquer setor da sociedade mundial fique de fora, não seja atingido por esses direitos. Não é possível pensarmos que alguns brasileiros têm direito a algumas coisas e outros não, particularmente quando a proibição e o empecilho para atingir esse direito se dá em função da escolha da forma de amar e da sua sexualidade. Essa diferença de padrões não pode excluir as pessoas do acesso aos direitos. Não podemos considerar como uma anormalidade, porque o amor é normal, seja lá de que maneira se expresse. Trata-se de direito individual que não pode ser transgredido de forma alguma. Por todo o acúmulo da concepção de direitos humanos construída em todo o mundo, por intermédio de organismos internacionais, esse direito é inalienável ao ser humano e não pode ser retirado.

Portanto, o compromisso da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Casa é cuidar de todas as formas, por meio de ação parlamentar, da articulação com a sociedade e da fiscalização do desenvolvimento de políticas públicas, para que esse direito não seja desrespeitado, que respeitemos a diversidade.

Há alguns dias, junto com entidades que não estão presentes no momento e que estavam naquela oportunidade, realizamos audiência pública para avaliar o primeiro ano do Programa Brasil sem Homofobia – Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e Promoção da Cidadania Homossexual.

Há consenso quanto ao avanço na elaboração e no desenvolvimento desse programa do Governo do Presidente Lula, coordenado pelo Ministro Nilmário Miranda, constituído democraticamente a muitas mãos, com a presença dos movimentos sociais e de órgãos governamentais.

A conclusão foi de que precisamos avançar muito.

E quero salientar um aspecto indispensável para a concretude do avanço do combate à discriminação e da execução efetiva de políticas públicas que respeitem essa diversidade e essa opção: tratamento igual para os cidadãos.

O programa foi criado e não havia previsão orçamentária. A Comissão de Direitos Humanos apresentou emenda para destinação de 6 milhões de reais ao programa. Infelizmente, até maio deste ano, a execução ainda não havia sido implementada. Esse foi o principal debate no momento da avaliação. É impraticável acreditar que haverá execução de políticas públicas se não há dotação orçamentária e não são aplicados recursos. O combate à exclusão e ao preconceito é feito de atitudes. As leis, os programas, as políticas públicas provocam ou não mudança de atitude que atinge toda a sociedade para que tenhamos de fato essa nova postura.

Há necessidade de trabalhar duas questões. Com a Emenda Constitucional nº 45, conhecida como reforma do Judiciário, poderemos resolver um problema que sempre tivemos no Brasil: o desrespeito aos tratados internacionais, especialmente os relativos a direitos humanos.

A Suprema Corte brasileira não reconhece os tratados internacionais. Essa discussão é importante, porque, sob todos os aspectos de direitos humanos, extremamente vastos, visto que direitos humanos compreendem tudo aquilo que diz respeito ao ser humano e às suas necessidades, agora podemos passar, com o voto de dois terços do Congresso, regulamentar definitivamente esses contratos dos quais o Brasil é signatário.

Estamos realizando audiência pública na Comissão de Direitos Humanos para discutir o assunto. Talvez isso nos dê mais força para pressionar o Governo brasileiro, que precisa, na próxima reunião do Conselho de Direitos Humanos da ONU, apresentar seu posicionamento em relação a um tratado internacional exclusivamente sobre direito à livre expressão sexual e de todos os direitos decorrentes dessa manifestação. Para nós isso é importante porque ainda não há nos organismos internacionais um tratado abrangente sobre o tema.

Quero dizer, para encerrar, que concordo com o que disse a Deputada Jandira Feghali e com o que disseram outros que falaram sobre a necessidade de estabelecer uma estratégia para a votação do projeto de união civil. É preciso ampliar a rede de apoios, adotar uma boa tática de atuação em plenário. E não só os Parlamentares, mas também os que virão a esta Casa exercer legítima pressão sobre o Parlamento pela votação do projeto ainda este ano, com todas as dificuldades a que me referi na abertura, bem traduzidas na intervenção da Deputada Ana Guerra e na moção proposta por S.Exa., que demonstra o perfil predominante entre os Parlamentares nesta Casa. Vamos, portanto, insistir na necessidade de se votar ainda este ano o projeto de parceria civil entre homossexuais.

Volto a dizer: para mim é muito significativa, não devemos deixar de valorizar a expressão do apoio da sociedade a essa luta e sua efetiva participação em todas as paradas do Orgulho *Gay* pelo Brasil afora neste ano de 2005.

Muito obrigada.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Muito obrigada, Deputada Iriny Lopes.

Passo a palavra ao Deputado Fernando Gabeira, que tem uma comunicação a fazer à Casa.

**O SR. DEPUTADO FERNANDO GABEIRA** – Sra. Presidenta, peço desculpas pelo atraso, consequência do atraso de uma hora no vôo que saiu de São Paulo. Infelizmente, este encontro se sobrepõe a outro que tenho agora ao meio-dia e meia no Hospital Sarah. Então, coloco-me à disposição, na parte da tarde, para participar dos debates. Para este não foi possível porque o Aeroporto de Congonhas estava muito congestionado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Muito obrigada, Deputado Fernando Gabeira. Aguardaremos V.Exa. à tarde para sua grande contribuição.

Anuncio a presença do Deputado Chico Alencar, do Rio de Janeiro, e do Deputado Ivan Valente, do PT de São Paulo. Comunico a adesão à Frente Parlamentar Mista pela Livre Expressão Sexual do Deputado Carlos Santana, do Rio de Janeiro

Passo a palavra ao Dr. Luiz Mott, Professor Doutor da Universidade Federal da Bahia e do Grupo *Gay* da Bahia.

**O SR. LUIZ MOTT** – Boa tarde a todos. É um prazer voltar à Casa do povo. Já estive aqui várias vezes participando de debates, de Comissões, inclusive na elaboração do projeto de lei da parceria civil. Esta é uma data particularmente importante porque se completam vinte e cinco anos que se iniciou no Brasil, na Bahia, a celebração do Dia do Orgulho *Gay*. E hoje, incorporado a esse título, também a categorização como o Dia da Consciência Homossexual. Propus esse acréscimo, imitando o Movimento Negro, Dia da Consciência Negra, porque, em certas Câmaras de Vereadores, falar de orgulho *gay*, há vinte anos, era algo muito complicado. Então, o termo consciência homossexual era mais palatável.

De modo que fico feliz por esse termo ter sido incorporado ao nosso vocabulário. Essa celebração na Câmara tem especial significado na medida em que, depois de mais de duas décadas de militância do Movimento Homossexual, finalmente conseguimos, em 1996, que a expressão “homossexual” aparecesse escrita num documento federal, no Programa Nacional de Direitos Humanos. Depois lutamos

para que um Presidente da República pronunciasse publicamente a expressão “homossexual”. Finalmente, em 2002, o então Presidente Fernando Henrique Cardoso se posicionou, no estertor do seu governo, favoravelmente à união entre pessoas do mesmo sexo, aceitando, meio a contragosto, segurar a bandeira do arco-íris no Palácio do Planalto. Foi uma vitória. Poucos Presidentes da República do mundo ousaram falar sobre o amor sobre o qual ainda não pronunciaram o nome. Em 2004, o Presidente Lula mandou uma carta à Parada de Brasília dizendo que qualquer forma de amor vale a pena e o Brasil Sem Homofobia.

Obtivemos algumas vitórias, mas que infelizmente mostram a contradição do nosso País, que abriga a maior Parada *Gay* do mundo. Houve paradas em todas as capitais e em mais de cinquenta cidades do Brasil, que têm esse seu lado cor-de-rosa, com as conquistas no Legislativo, mais tímidas que as do Judiciário e do Executivo, verdadeiramente. Porém, o Brasil tem esse lado vermelho-sangue, o campeão mundial de assassinatos de homossexuais. A cada dois dias um *gay*, um travesti ou uma lésbica são barbaramente assassinados. Muitos em Brasília, professores da UnB e de outras áreas profissionais são assassinados simplesmente por um pecado: amarem uma pessoa do mesmo sexo.

Então, desde 1980 o GGB – Grupo *Gay* da Bahia, coleta essa lista macabra de assassinatos. Isso é fundamental para documentar que não estamos chorando de barriga cheia, que de todas as minorias sociais – negros, índios, deficientes físicos, judeus –, os homossexuais são os mais discriminados. Eles apanham dentro de casa, são expulsos do lar, não têm apoio da Igreja. Imaginem vocês que no ano passado um arcebispo chegou a dizer, comentando o projeto de Marta Suplicy, que ser *gay* é uma cachorrada. D. Eusébio Scheid, substituto de D. Eugênio, no Rio de Janeiro, disse que os *gays* são gente pela metade, se é que são gente. Está escrito no jornal de Florianópolis. Os direitos humanos, universais e indivisíveis, não valem para nós, porque não somos gente. Nós somos veados. Veado não é gente, tem mais é que morrer, como se diz de Norte a Sul do Brasil. Os pais ainda dizem que preferem um filho ladrão, drogado, assassino a um filho *gay*; “prefiro uma filha prostituta a uma filha lésbica, sapatão”. Nós somos a minoria mais discriminada porque sofremos em casa. Nenhum judeu, nenhum negro, nenhum deficiente físico apanha em casa ou é discriminado em casa por ser

membro de uma minoria, mas nós, não. Os pais, mães, professores e os próprios defensores dos direitos humanos incluem todos os oprimidos. As Campanhas da Fraternidade incluem todos os oprimidos, todos os discriminados, menos os homossexuais. Por quê?

Como antropólogo, lembro que homossexualidade é universal, existe desde a antiguidade. Goethe dizia: “tão antiga quanto a própria humanidade”. A homossexualidade existe em todos os povos, em todas as sociedades, sempre existiu. Mas agora é mais visível, não é invenção da Rede Globo. Mas ela sempre existiu. A homofobia, não. Há muitas sociedades, historicamente contemporâneas, que não eram homofóbicas. Os gregos são um exemplo. Muitos deuses gregos eram homossexuais. Safo de Lesbos era lésbica, matriarca do sapateado, veio da Grécia.

Muitos deuses orixás também são amantes do mesmo sexo, ou hermafroditas, ou bissexuais. A homofobia é desvio histórico de algumas culturas, lastimavelmente baseada na tradição bíblica, que é a culpada. O Apóstolo Paulo, que foi citado, é o culpado pela misoginia. Foi ele quem disse que a mulher não deve falar em público; foi ele quem disse que os homossexuais não herdarão o reino dos céus, nem os bêbados, os efeminados. Trata-se de traduções equivocadas da Bíblia, perpetuadas até hoje sobretudo por essa seitas caça-níqueis e evangélicas. Somos herdeiros de uma tradição homofóbica. Citando nosso colega teólogo Beto de Jesus, as Igrejas têm as mãos sujas de sangue.

Quando o Papa João Paulo VI dizia e também o atual diz que o homossexualismo, usando terminologia equivocada e ultrapassada, é intrinsecamente mal, eles estão fornecendo carga pesada aos homofóbicos. Quando matam, discriminam, insultam ou agredem um *gay*, eles estão cumprindo a ordem divina. O Antigo Testamento diz que o homem que dormir com outro homem como se fosse mulher devia ser apedrejado, como a mulher adúltera devia ser.

De modo que vivemos nessa contradição: um país com paradas cada vez mais fantásticas, com os direitos dos homossexuais cada vez mais sendo discutidos, embora ainda sem concretização de ações afirmativas. Porém, ainda vivemos essa triste sina, carregamos essa tragédia: a cada dois dias um homossexual é vítima de um crime bárbaro, crime homofóbico.



A cada ano 100 a 150 homossexuais são assassinados no Brasil vítimas da homofobia. No ano passado foram 158, enquanto nos últimos anos foram 120, 130. Em 2004 ocorreu o pico da curva de assassinatos: 158. A maioria deles insolúveis, os assassinos não foram julgados porque veado não merece consideração, não merece que a justiça seja plena. Vivemos num país que tem essa tradição de intolerância, tanto que a base é a Bíblia, mas engrossada pelo escravismo. A sociedade brasileira foi construída na base de uma minoria hegemônica de 10% a 20% de brancos para dominar a gentilha – negros, índios, escravos –, para dominar toda essa população esfomeada. O latino-americano nos países escravistas tinha de ser muito macho para manter todas as mulheres e todos os outros não brancos machos submissos. A homofobia nos países escravistas é ainda muito mais radical, porque tem essa conotação racista de exigir que todo o homem desenvolva ao máximo seu lado exclusivamente masculino sem sensibilidade. Ainda bem que Gilberto Gil lembrou que a atual Ministra do Meio Ambiente tem um lado macho. Espero que ela não assimile dos machos o que tem de pior na cultura machista, a violência, a intolerância, a falta de sensibilidade.

Concluo dizendo que apesar dessa dramática situação de o Brasil ser o campeão de assassinatos de homossexuais, com 158 casos no ano passado, seguido pelo México, com 35, e os Estados Unidos, com 25, um país que tem 100 milhões de habitantes a mais, é fundamental que se estabeleçam ações afirmativas como as feitas para os negros. Nós queremos simplesmente, como diz nosso tema: direitos iguais, nem menos nem mais. Os negros querem mais. Eles querem mais cotas, mais ações afirmativas. Nós, homossexuais, somos muito humildes. Não estamos falando nem de menos nem de mais. Tudo bem, queremos igualdade, isonomia, que tudo que for concedido nessas ações afirmativas aos demais grupos – índios, negros, deficientes físicos – seja estendido aos homossexuais. Queremos ser tratados como seres humanos, e que se cumpra o vaticínio de Fernando Pessoa, grande poeta da Língua Portuguesa, moderno, bissexual, homossexual enrustido, que dizia: *o amor que é essencial, o sexo é um acidente, pode ser igual, pode ser diferente.*

Muito obrigado.

**A SRA. DEPUTADA IRINY LOPES** – O Convive – Comitê Nacional de Vítimas de Violência – convida todos para, às 14h30min, no Salão Verde do Congresso, participar da movimentação pela contagem regressiva em prol da aprovação do referendo sobre o desarmamento. Estamos aguardando a votação do projeto que trata do assunto. Esperamos que se confirme ainda em tempo o referendo sobre o desarmamento para outubro deste ano.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Obrigada, Luiz Mott; obrigada, Deputada Iriny Lopes.

Passo a palavra à companheira Virgínia Figueiredo, Representante da Liga Brasileira de Lésbicas.

**A SRA. VIRGÍNIA FIGUEIREDO** – Boa tarde a todos os presentes. Agradeço o convite, em nome da Liga Brasileira de Lésbicas, assim como à Casa, por essa iniciativa.

Represento a Liga Brasileira de Lésbicas e fico muito preocupada com a realidade. A Deputada Maria do Rosário foi muito sensível quando retratou, assim como a Deputada Jandira Feghali, a visibilidade das lésbicas. Fala-se muito do orgulho *gay*, homossexual, mas não se fala dessa realidade e também dessa intolerância com as lésbicas.

Oito de março é o dia consagrado à mulher; 20 de novembro, ao Movimento Negro, e 28 de junho se tornou o Dia do Orgulho *Gay*. Sempre reforço que também seria bom começarmos a dar visibilidade ao 29 de agosto, Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, que essa data entrasse nos calendários, nas discussões, e inclusive fosse feita alguma coisa na Casa.

Falou-se de homofobia, algo engraçado, uma vez que ela existe porque não existe educação. O Brasil tem carência de educação, de base, de acordo com o método do Paulo Freire, que começa de baixo para cima, que começa em casa, na infância.

E isso é o que garante uma República. Não pode haver um Estado que não seja dessa maneira. Não conseguimos um Estado laico. As religiões estão influenciando muito; com isso, não conseguimos avançar no Legislativo. Esse é o grande problema.

Como disse a Dra. Maria Berenice, tivemos grandes avanços no Judiciário, mas não no Legislativo, quiçá no Executivo. Um dos grandes problemas do Movimento Homossexual é esse.

Fala-se de parceria civil, nos não-direitos que li lá fora, mas não se fala dos *gays*, travestis, transexuais, lésbicas que moram na periferia, que não têm o que deixar. Não sei se vocês sabem, mas nas favelas e na periferia herdamos as casas dos pais. Quando os traficantes não as tiram de nós, embora percamos nosso direito, ficamos com aquela casa que passa de pai para filho. Mas *gays* e lésbicas nem esse direito têm, de casa herdada, em periferia. Pergunto: e as outras que não têm direito, qual é o programa federal, estadual ou municipal que nos incluem ao direito à moradia popular? Em que programa federal de saúde, plano família, cidadão, estamos incluídas?

Outro aspecto: mais intolerantes e cruéis ainda são as pessoas que às vezes nem registro têm. Há travestis, transexuais, *gays*, lésbicas nas ruas que não têm documento porque são crianças. São crianças que vieram de população de rua, que correm risco social, que são afastadas da comunidade e da família por serem *gays*, lésbicas e travestis. Elas vão para a rua e, como não têm título, programa nenhum lhes dá assistência.

Por que não falar das lésbicas negras? Por que não falar dessa grande disparidade que existe? E não falamos de pessoas portadoras de deficiência? Estou vendo que não há nenhuma pessoa fazendo a linguagem dos sinais aqui. Podem dizer que eles não querem vir, mas eles não vêm porque não conseguem. Nós nunca conseguimos incluir essas pessoas. Onde estão as lésbicas ou os *gays* PPD? Eles não existem? Existem. Onde estão as lésbicas ou *gays* que são a base, que estão lá sofrendo dia a dia a intolerância e a crueldade de nossa sociedade? Nós ainda podemos estar aqui discutindo, ainda podemos chegar a um certo estudo e tentar garantir nossos direitos, mas e os que estão na periferia, que sofrem dia após dia a violência?

Eu fui educadora social e trabalhei algum tempo com crianças e adolescentes. Ficava apavorada quando recebia crianças e adolescentes lésbicas ou *gays* dentro de uma instituição. Elas não tinham espaço. Não tinham espaço por quê? Porque as assistentes sociais e as técnicas

não tinham um trabalho voltado para elas; a Prefeitura, o Município e o Estado, também não.

As crianças e os adolescentes não aceitam o desigual. No quarto dos meninos, a travesti ou o menino mais afeminado não podia dormir. E quando era aceito, era para fazer o trabalho feminino. Os garotos botavam a travesti ou o *gay* para lavar, passar, para assumir o trabalho feminino. As meninas lésbicas também eram destratadas. Os meninos as tratavam como meninos. Elas levavam porrada, não se sentiam à vontade e evadiam.

Nas escolas, essas crianças de nível cultural mais baixo não conseguem estudar porque, infelizmente, o padrão da heterossexualidade para que sejamos aceitos é muito perverso numa escola municipal. E a evasão é muito grande.

É muito fácil jogar pedra na rua. Será que a travestis e transexuais só cabe o papel de cabeleireiro ou de garoto ou garota de programa? Não. Não é jogando pedra nem é com violência que se resolve isso; é procurando, por intermédio de algum mecanismo público, algo que os contemple, para que tenham direito a estudar. Uma travesti transexual tem que ter muita coragem de assumir o seu papel e se vestir do jeito que gosta e se sente bem. Como encarar todos os dias uma escola, uma faculdade, e dizer: meu nome não é X, é Y; eu gosto de ser respeitada como X ou Y? Uma menina que se comporta de maneira masculinizada sofre. Depois de uma aula de Educação Física, ela entra no banheiro, as outras meninas não se sentem bem e saem; e chega atrasada porque foi a última a entrar naquele banheiro. Às vezes não prestamos atenção, no dia-a-dia, a pequenos detalhes, e sem querer fragmentamos cada vez mais essa homofobia, essa discriminação e esse preconceito.

Gostei muito quando a Deputada Maria do Rosário falou em interação desses movimentos, justamente porque aí, sim, vamos tratar melhor essas crianças e esses adolescentes da população de risco, de rua, vamos tratar diferentemente esses PPD, que já são discriminados, e quando têm orientação sexual diferenciada sentem-se pior ainda. Poderemos interagir melhor com os movimentos e fazer uma transversalidade para discutir melhor esse assunto.

Vou deixar uma pergunta para reflexão. Discutimos muito, mas eu queria saber como ficam os *gays*, as lésbicas, as travestis e os

transexuais numa reunião de pais na escola, como ficam num churrasquinho com as famílias, nas festas de final de ano ou da empresa, como ficam na audiência de processo de guarda e responsabilidade dos filhos. É coisa para reflexão, não é?

A homofobia está aí. Nas festas de aniversário de alguém da família, como somos tratados? A homofobia não está só dentro de casa. Às vezes, a família aceita, entende; mas a homofobia se dá lá fora. Às vezes, as pessoas podem ser visíveis – que é uma coisa, podem assumir –, outra coisa é se exporem, como muitos aqui, que já deram a cara a tapa, foram para a televisão, foram para a mídia, falar para uma sociedade que é hipócrita, machista, “falocrática”. Para a lésbica, que não tem um falo, é pior ainda.

Nós estamos dizendo a essa população o que somos, e sem querer alguém de nossa família acaba sendo sobrinho de sapatão, mãe de sapatão. Isso porque nos expusemos não para o núcleo pequeno de colegas de trabalho e amigos, mas publicamente. E onde fica esse preconceito da sociedade? Só por intermédio de educação resolveremos isso.

Obrigada.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Saúdo o Deputado Colbert Martins pela presença. Destaco a presença da Sra. Tathiane Araújo, Secretária Geral da Articulação Nacional de Transgêneros – ANTRA, que deveria compor a Mesa pela manhã mas não conseguiu chegar.

Passo a palavra, por dez minutos, ao Sr. Ivair Augusto Alves dos Santos, Assessor Especial da Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

**O SR. IVAIR AUGUSTO ALVES DOS SANTOS** – Boa tarde, Deputada Iriny Lopes, Deputada Maninha, Deputada Iara Bernardi. Caro professor Luiz Mott, cara Sra. Virgínia Figueiredo, as falas tanto da Sra. Virgínia Figueiredo como do prof. Luiz Mott são muito impacientes e verdadeiras dentro do universo daqueles que trabalham com direitos humanos.

Quem trabalha com direitos humanos habitua-se desde o primeiro momento a incorporar a palavra “universal”, como se direitos

humanos fossem universais. Esse “universal” mencionado pelos expositores que me antecederam fica explícito e, muitas vezes, precisa ser questionado.

E ele já vem sendo questionado há muito tempo. Desde 1948, quando se falava em direitos humanos universais, alguns povos questionavam se eram de fato universais.

Essa questão, com o passar do tempo, tem-se aprofundado. Primeiro, porque os teóricos como os professores Trindade e Hélio Bicudo, que de alguma forma têm pautado os direitos humanos, mantêm a idéia de que há uma universalidade nos direitos humanos e que, na prática, grupos ligados à questão de gênero, racial e de orientação social vivem, na prática, uma diferença muito grande.

Eu gostaria muito de pautar minha fala nessa universalidade, lembrando sempre que ainda falta estabelecermos um diálogo mais profundo com os outros movimentos. A Deputada Maria do Rosário falou da interação com o Movimento Feminino, com o Movimento Negro e com outros movimentos, e eu gostaria de chamar a atenção para fazermos uma interação maior com o movimento de direitos humanos.

É muito comum participarmos de eventos relacionados a direitos humanos em que alguns temas são chamados de duros. Quais são os temas duros? Combate à tortura, grupo de extermínio, criança e adolescente. Alguém menciona que é preciso colocar a questão racial. Então, cria-se um fórum especial para a questão racial. “Ah, é preciso pautar a questão dos gays.” Então, cria-se um fórum especial para isso. Entretanto, as questões de fundo, como o combate a grupos de extermínio ou à tortura, que perpassa o dia-a-dia das travestis, das lésbicas, dos gays, não são incorporadas em sua totalidade. Então, ficam sempre como um assunto à parte.

Acho que ainda não conseguimos estabelecer esse diálogo mais estreito. Sabemos, por vários depoimentos das travestis, que o direito de ir e vir, direito básico, todo dia é violado. Todo dia recebo denúncia de alguma Delegacia de Polícia de alguma operação com um nome pomposo que impede que as travestis façam seu trajeto para o trabalho. Então, esse direito de ir e vir não é incorporado.

O combate à tortura perpassa muito esse universo da população negra, que trabalha com a questão de gênero e basicamente com os *gays*, lésbicas e travestis. Quando o Sr. Luiz Mott, com um trabalho de anos, destaca o direito à vida e aqueles 158 homicídios que ocorreram em 2004, isso não aparece no universo de violência de direitos humanos, mas como uma violência ligada aos *gays*, lésbicas e travestis; não é incorporado ao universo que trabalha direitos humanos. Gostaria de pautar minha fala por esse esforço. Como poderíamos criar espaços para interagir com os outros movimentos, não só o de direitos humanos, mas o Movimento Negro e o Movimento Feminino, para que essas coisas sejam pautadas em comum acordo? Não deveríamos utilizar apenas essa estratégia, embora ela seja importante, de criar fóruns especiais, mas olhar as questões centrais, as chamadas questões duras, que perpassam todos. Esse vivenciar que a Virgínia trouxe de maneira tão dura, que é a sua exclusão, a sua anulação enquanto ser humano, o fato de não poder freqüentar uma escola ou um trabalho, de certa forma é anulado no discurso de direitos humanos, e deveria ser incorporado na sua totalidade. Não há outra forma de fazer isso a não ser criando espaços de diálogo permanente.

Na área do Governo, estamos rompendo algumas barreiras e criando políticas que até então não existiam. Ou seja, não existia política na área cultural que tivesse contemplado essa questão. Hoje passa a existir. A política na área de segurança pública, que possa contemplar essas variáveis, também passa a existir. Políticas na área de saúde já há um bom tempo, desde o Programa Nacional de AIDS, foram incorporadas, mas não em sua totalidade. Ou seja, é uma coisa ainda ligada ao Programa Nacional de AIDS. É preciso não só isso, mas assistência à saúde, planos de saúde, enfim, aquelas questões que de maneira tão verdadeira o professor Luiz Mott e a Sra. Virgínia Figueiredo apresentaram.

Eu citaria ainda, como uma das tarefas importantes em relação a isso, que estão pautados até o final do ano vários encontros nacionais. No final de semana, por exemplo, haverá um grande encontro de promoção da igualdade racial. O que vai acontecer? A pauta vai ser sobre a questão de racismo, de ação afirmativa, e vai abrir mais um espaço para se discutir a homofobia e o racismo juntos. Mas é preciso alargar um pouco isso e criar iniciativas mais permanentes. Está prevista também

a realização de uma conferência de direitos humanos aqui na Câmara dos Deputados, cujo tema deverá ser comunicação.

Será que não valeria a pena não só lutarmos para que haja espaços especiais para se discutir a questão da mídia e da homofobia, mas também para incorporar essa questão como discurso geral? Isso parece pouco, mas na hora em que os gestores, aquelas pessoas que trabalham com o universo de direitos humanos, passam a incorporar isso, começam a tomar decisões que possam incorporar todos. Não é uma discussão que só interessa aos *gays*, lésbicas e travestis, interessa à população negra e às mulheres.

O paradigma para se fazer política, o paradigma para se trabalhar com direitos humanos, embora seja universal, é universal de forma autoritária, é um universal que anula as diferenças, não é um universal que incorpora as diferenças. É um universal que anula e impede que as pessoas possam se expressar.

Finalizando minha fala, quero dizer que, se na Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1948, tínhamos como meta e princípio construir os direitos humanos, agora temos que dar um passo mais ambicioso: que essa universalidade possa incorporar nossa diversidade, tanto racial como de gênero, de *gays*, lésbicas, travestis e transexuais.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Obrigada, Sr. Ivair Augusto Alves.

Registro a presença da Sra. Roseane Queiroz, do Movimento Nacional de Direitos Humanos.

Passo a palavra à companheira Deputada Maninha.

**A SRA. DEPUTADA MANINHA** – Obrigada, Deputada Iara Bernardi.

Saúdo todos os presentes e os Srs. Parlamentares que estão nos ouvindo. Quero parabenizar as três Comissões, de Legislação Participativa, de Direitos Humanos, de Educação e Cultura, e a Frente Parlamentar Mista, por promoverem este seminário.



Um seminário como este permite debatermos com as diversas partes um tema que interessa a todos.

Nesta Mesa estão o Executivo, o Legislativo e as partes envolvidas. E todos estão falando de algo que, tenho certeza, implica um interesse maior: o chamado diálogo. Queremos o diálogo. E como promover esse diálogo? Como fazer com que as ações do Executivo tenham de fato a transversalidade necessária para poder chegar a quem interessa e se traduzir em políticas públicas que dêem proteção e cidadania às partes envolvidas? Por isso, acho que a palavra chave é “diálogo”, já mencionada por muitos. Espero que possamos, as partes envolvidas, traduzir isso em ações.

Creio que, ao comemorar o Dia do Orgulho Homossexual; ao debater, como estamos fazendo neste momento, nós, os Parlamentares, pudemos trazer a este plenário uma visão de como atuamos e percebemos a atuação da Casa em relação ao movimento.

Muito se falou de votar o projeto de lei da Marta Suplicy e muito se questionou se seria o momento ou não. Essa discussão de fato não tem muito interesse senão pelo fato de sabermos se este é o momento em que teremos forças para que o projeto possa ser aprovada no Congresso Nacional.

Tenho a impressão de que precisamos traduzir para toda a sociedade um pouco de como avaliamos este Congresso Nacional. Todos estão acompanhando neste momento o debate político que se trava da visão da sociedade em relação ao Parlamento, que não é boa. Já estamos observando, já existem pesquisas mostrando que a sociedade desconfia do Parlamento. Vimos que 46% do povo brasileiro acha que não é um bom Parlamento, que não cumpre a sua função, que precisa, nas próximas eleições, ser renovado.

É evidente que este Parlamento se traduz em um parlamento extremamente conservador, que está traduzindo sua ação em leis que talvez não tragam os benefícios que a sociedade espera. Temos exemplos variados da ação do Parlamento, como o processo da união civil, em que não conseguimos avançar.

O Presidente da Casa se compromete, mas, como disse alguém aqui, com palavras, e não com ações, porque de fato o projeto não é

colocado em pauta. E vem aquele discurso de que, quando se achar que o momento é o melhor, se colocará em pauta. Esse momento não vai acontecer se não existir pressão da sociedade. Se nós, que temos a visão de que ele deve ser votado, não fizermos essa pressão, pela vontade da Mesa Diretora esse momento ideal não vai surgir. Este é um Parlamento em que temos um convite da Convive para debater o referendo contra as armas, que também não tem interesse em debater aquilo que a sociedade quer que seja debatido.

Por isso, este Parlamento conservador se traduz dessa forma. E a sociedade que os senhores estão observando no momento, para nós, chega a ser uma vergonha. Se traduz com a corrupção, com a compra de votos, o que todos os senhores estão observando neste momento e que chega ser uma vergonha.

Hoje, quando andamos pelas ruas e ouvimos as pessoas perguntarem pelo mensalão, confesso aos senhores que paramos para explicar, para dizer que não somos iguais, mas que há na verdade uma minoria que age dessa forma e que isso nos envergonha, na condição de Parlamentares. O Parlamento precisa de mudanças, precisa ser pressionado para que venhamos a conquistar de fato os direitos de cidadãos e cidadãs.

Nesse contexto, há algumas ações do Executivo, por exemplo, que se traduzem de forma diferenciada, tais como o Programa Brasil sem Homofobia.

O Programa Brasil sem Homofobia só terá efetiva execução e poderá se traduzir em políticas públicas se resolvermos uma questão chave, que não só no Parlamento, mas também no Executivo, não está resolvida: garantir no Orçamento público verbas que assegurem a execução de ações e de políticas públicas. No Orçamento a ser votado, não podemos garantir que haverá verbas para todas essas situações. Então, temos de nos mobilizar para que, na rubrica orçamentária, possamos também traduzir essas ações com recursos financeiros.

Quero ressaltar aqui a pesquisa feita pelo Grupo *Gay* da Bahia, na pessoa do Prof. Luiz Mott. Puxando a sardinha para o Distrito Federal, também iniciamos um pequeno trabalho sobre isso.

A realidade demonstra, professor, que matamos mais do que uma guerra. Quando comparamos as mortes que ocorrem nas guerras existentes no mundo, percebemos que no País mata-se mais do que em uma guerra – e estamos tratando de direitos humanos.

No que se refere à igualdade de direitos em uma sociedade, os homossexuais devem ter o direito de constituir família, de adotar uma criança, de incluir o parceiro como seu dependente.

O Projeto de Lei nº 2.383, de 2003, de minha autoria, que tramita na Comissão de Seguridade Social e Família, estabelece que as operadoras de plano de saúde não poderão criar restrições a que sejam feitas inscrições de dependentes do mesmo sexo.

Também de minha autoria, o Projeto de Lei nº 3.817, de 2004, estabelece como hediondo o crime cometido contra homossexuais, em razão da sua orientação sexual. Com relação a esse projeto, estamos encontrando dificuldades. Isso porque alguns Deputados consideram que a definição de crime hediondo é errada, segundo o conceito que externo nesse projeto.

Na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania – repito – estou encontrando dificuldades para votar o projeto de lei em razão da definição do que seja crime hediondo. Teremos de resolver com os juristas que compõem a CCJC como contornar esse problema, a fim de que nosso projeto possa então tramitar. Portanto, contribuo com a Comissão de Direitos Humanos com a apresentação de projeto para que possamos dar tratamento diferenciado a crimes. Dessa forma, poderemos tentar garantir que não haja impunidade.

Ouvimos notícia de que mais um crime foi cometido, e então percebemos que de fato não há punição para os crimes.

Sra. Presidenta, Deputada Iara Bernardi, vou finalizar meu pronunciamento porque sei que outros Deputados querem se manifestar.

Neste dia é extremamente importante levantarmos nossas vozes e mostrar nosso conhecimento para que o movimento possa buscar não só visibilidade, mas também os direitos de todos os cidadãos.

Era o que tinha a dizer.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Muito obrigada, Deputada Maninha.

Em razão do adiantado da hora, não será possível conceder a palavra ao Plenário.

Deputada Maninha, informo a V.Exa. que as emendas apresentadas pelo Movimento à Lei de Diretrizes Orçamentárias foram aceitas pelo Relator, Deputado Gilmar Machado.

Passo a palavra ao Deputado Colbert Martins, do PPS, membro da Frente Parlamentar.

**O SR. DEPUTADO COLBERT MARTINS** – Sra. Presidenta, Deputada Iara Bernardi, faço meu pronunciamento em nome do Deputado Roberto Freire, Presidente do PPS, do Deputado Dimas Ramalho e em nome do meu partido. Não exponho apenas a minha opinião pessoal, mas também o posicionamento do PPS em relação a essa luta. Nossa bancada tem compromisso com a igualdade, com o respeito e com a cidadania. Portanto, queremos lhes trazer nosso apoio.

Provocado que fui pela Deputada Maninha, quero traduzir em ações nosso apoio político. O pensamento deve ser amplo, e o PPS partilha do compromisso de respeito e de igualdade. É um compromisso do nosso Partido e da nossa bancada.

Muito obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Muito obrigada, Deputado Colbert Martins.

Registro a presença da Deputada Maria do Carmo Lara, do PT de Minas Gerais. Muito obrigada, Deputada.

A próxima Mesa será às 14h30min. O Toni vai passar as instruções das atividades a serem realizadas.

**O SR. TONI REIS** – Queremos tirar uma foto com a bandeira, de 50 metros, do arco-íris na rampa. Estamos planejando isso, agora são 13h19min. Em torno das 14h vamos tirar essa foto.

Depois das 14h10min ninguém mais precisa ir até lá, porque a Deputada Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos, vai se pronunciar no Pequeno Expediente.

Portanto, às 14h tiraremos uma bela foto, inclusive para usarmos num *banner* no próximo evento do Estado laico. Solicito, portanto, aos Deputados que lá compareçam para tirar a foto.

A Deputada Maria do Rosário teve a idéia de entrarmos, se possível, com a bandeira no início dos nossos trabalhos na parte da tarde.

Comissão composta por quatro pessoas irá falar com representantes da Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania sobre os projetos da Deputada Iara Bernardi e da Deputada Maria do Rosário, para que sejam colocados em votação.

Obrigado.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Solicito a todos que aqui estejam, disciplinadamente, às 14h30min.

## 3ª Mesa

**Tema: DIÁLOGOS – A GARANTIA DA CIDADANIA PLENA  
PARA OS GLBTs**



Da esquerda para a direita: Elizabeth Saar, Yury Puello Orozco, Deputada Iara Bernardi, Deputado Luciano Zica, Nelson Matias Pereira, Caio Fabio Varela e Bárbara Graner

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Peço aos senhores um minuto de atenção.

Antes de darmos início aos trabalhos da 3ª Mesa, aguardaremos o retorno do pessoal que está em negociação na Comissão de Constituição e Justiça.

Vamos dar início à 3ª Mesa.

Peço a todos os presentes que nos empenhemos em cumprir, dentro do possível, o tempo previsto, tendo em vista o horário de viagem de muitos participantes.

Dando continuidade aos trabalhos do II Seminário Nacional GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais, na condição de Coordenador desta 3ª Mesa, que tem como tema “*Diálogos – a Garantia da Cidadania Plena para GLBTs*”, convido os expositores a tomarem assento à mesa.

Antes de mais nada, quero informar que a Deputada Iara Bernardi, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos, está em outra reunião. Chamaremos S.Exa. assim que chegar. No entanto, compõe a Mesa a Deputada Iriny Lopes, até a chegada da Deputada Iara Bernardi.

Convido para compor a Mesa o Sr. Beto de Jesus, Secretário da ILGA para a América Latina e Caribe e Diretor da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Convido para compor a Mesa a Sra. Yury Puello Orozco, representante do grupo Católicas pelo Direito de Decidir, Brasil.

Convido para compor a Mesa a Sra. Bárbara Graner, representante da União Brasileira de Transexuais – UBT.

Convido para compor a Mesa a Sra. Elizabeth Saar, assessora da CFEMEA.

Convido para compor a Mesa o Sr. Caio Fábio Varela, representante do INESC.

Antes de iniciar o encaminhamento desta reunião, quero expressar minha satisfação em participar deste seminário na Câmara dos

Deputados. À frente da Ouvidoria da Câmara, em 2003, tive o privilégio de coordenar o primeiro seminário sobre esse tema, que também ocorreu nesta Casa. Aliás, creio que esse seminário tenha marcado, em certa medida, a luta pela livre orientação sexual e pela mudança na legislação. Foi a partir daquele momento que constituímos a frente parlamentar que atua na Câmara dos Deputados juntamente com os movimentos sociais.

Informo aos senhores que cada convidado terá até dez minutos para sua exposição e esclareço ainda aos ilustres convidados e aos Srs. Parlamentares que a reunião está sendo gravada para posterior transcrição. Por isso, solicito que falem ao microfone e se identifiquem, o que é importante para que depois possamos obter a reprodução fidedigna do que foi dito aqui.

As exposições serão feitas seguindo a ordem de composição da Mesa.

Passo a palavra ao Sr. Beto de Jesus, Secretário da ILGA para a América Latina e Caribe e Diretor da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, para em até dez minutos fazer sua exposição.

**O SR. BETO DE JESUS** – Boa tarde a todos. É com imenso prazer que estamos novamente nesta Casa. Este é o segundo seminário de que participamos na busca de uma democracia social.

A Câmara dos Deputados é a Casa de leis. Ela determina nosso ordenamento legal e é onde temos a garantia de uma democracia política, porque escolhemos os nossos representantes. Mas, infelizmente, o trabalho desta Casa ainda não reflete um ordenamento legal para nós, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Eu digo “infelizmente” porque, ao descontar nossos impostos, ninguém pergunta se somos gays, lésbicas, heterossexuais, com quem dormimos, o que fazemos, o que comemos. Os descontos são compulsórios, mas o ordenamento legal não nos representa. Esta Casa é tomada por uma onda que poderia dizer até teocrática. Nunca vi evocarem tanto o nome de Deus neste espaço que deveria ser laico, um espaço onde os direitos de todos deveriam ser respeitados. Aqui as religiões não poderiam dizer o que deve ou não ser feito. Não estamos aqui discutindo se nossa orientação sexual, identidade de gênero, é uma questão de moral, pois já superamos



isso há muito tempo. Estamos aqui para reafirmar nossos direitos civis, e é isso o que queremos neste momento.

O tema da nossa Mesa é *“Diálogos, a Garantia da Cidadania Plena para os Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transexuais”*. Pensando em diálogo, entendo que ele se dará com outros segmentos que também disputam nesta Casa a possibilidade de fazerem leis que garantam a sua cidadania. Daí eu partir de uma matriz de onde eu penso a nossa sociedade, de onde eu penso muito o que reflete esta Casa. Nós vivemos em uma sociedade heteronormativa, ou seja, tem a heterossexualidade como norma. Ou se é heterossexual e está enquadrado nessas normas, ou não é e irá viver na marginalidade.

Se nós nos debruçarmos em cima da questão da heteronormatividade, perceberemos que a heteronorma exclui também as pessoas heterossexuais que não estão enquadradas por aqueles que a determinam. Poderíamos citar como exemplo três instituições: o Estado, a Igreja e a Família. São três instituições que reforçam a heteronorma nas suas condutas. E, ao analisá-las mais profundamente, quanto ao Estado – Executivo, Legislativo e Judiciário –, se faço uma pergunta em relação a gênero, por exemplo, ele é masculino ou feminino? É masculino, a presença de homens é maciça. Na Igreja ocorre a mesma coisa. E no Brasil, mesmo sendo 50% das casas geridas por mulheres, o poder patriarcal ainda é muito forte.

Posso fazer a mesma pergunta sobre o Estado e sobre a Igreja em relação à raça, à etnia. O Congresso é branco ou é negro? Ele é branco. A Igreja é branca ou é negra? É branca também.

Posso fazer a mesma pergunta em relação à questão geracional: É jovem? É velho? Está em idade produtiva.

Posso fazer a mesma pergunta com relação às pessoas deficientes. As pessoas deficientes se encontram nessas estruturas? Se se encontram, é em número muito pequeno.

Portanto, são estruturas que garantem a heteronorma, mas, se observarmos, são feitas por homem, branco, heterossexual, em idade produtiva, não-deficiente, etc. Mas aqui estamos falando em diálogo, e diálogo se dá a partir de movimentos organizados. Hoje, para

se avançar nas questões GLBTs no País, é preciso agir junto com mulheres, com negros, com quem luta por crianças e adolescentes, com pessoas da terceira idade, com índios, com pessoas deficientes. Se não fizermos isso, só conseguiremos fazer pequenas lutas que não nos deixarão avançar.

Democracia social significa respeito à diversidade, respeito às diferenças. Infelizmente, nós temos de vir a esta Casa ensinar isso. Infelizmente, temos de vir à Casa das Leis ensinar que a democracia só será alcançada na medida em que os diferentes forem respeitados. Mas diferentes somos todos nós. Diferente não é o outro. Diferente não é a outra. Todos nós somos diferentes e todos nós temos de ser respeitados.

O diálogo só será possível na medida em que eu me sensibilizar com as lutas dos outros segmentos. As mulheres defendem nesta Casa uma bandeira de luta pelos seus direitos sexuais e reprodutivos há muitos anos. A questão do aborto, o direito de decidir sobre o seu corpo. Os negros vêm lutando há muito tempo por cidadania, por espaço, por reparações de uma história injusta que os colocou em situação de privações. Os deficientes, as crianças, enfim, é enorme a quantidade de exemplos.

Hoje nós temos as paradas de visibilidade como estratégia para diálogos e deveremos repensar isso. Há as chamadas paradas *gays*, nome com o qual não concordo porque são para mim paradas de diversidades, paradas de GLBTs, e deveriam ser paradas de diversidade de forma mais ampla.

Representaria um avanço político neste momento de diálogos chamar para compor essa organização as mulheres, os negros, as organizações que também lutam anos a fio por uma sociedade democrática. Para se estabelecer o diálogo neste momento é muito importante sair das nossas dores, sair dos nossos queixumes, não negá-los, mas perceber que podemos fazer essa articulação para conseguirmos uma sociedade democrática que respeite a diversidade. Para isso precisamos do afinamento das nossas agendas. Ou nós afinamos nossas agendas ou vai demorar muito mais tempo.

A ONU fez um estudo e concluiu que para as mulheres terem igualdade com os homens serão necessários mais 200 anos, ou seja, dois séculos para que elas tenham todos os direitos que os homens têm. Podemos encurtar esse caminho se percebermos a nossa agenda comum, se percebermos a nossa pauta comum. Ninguém é caixa, ninguém aqui é caixinha. Temos de explodir essas caixinhas. Temos muitas comunicações. É muito fácil sermos negros, *gays*, lésbicas e deficientes. É muito fácil encontrar um *gay* que seja negro. Faço então um apelo a todos: não devemos nos encerrar na nossa orientação sexual ou na nossa identidade de gênero unicamente. Temos de perceber que nos relacionamos com outras identidades, seja a nossa raça, a nossa etnia, sejam as idades ou outras.

Vejamos a situação que vive hoje esta Casa. Será que não estamos vendo um orquestramento acontecendo na Câmara dos Deputados? Eu tenho acompanhado o noticiário internacional e percebi que nunca a imprensa internacional esteve tão unida em apontar o Governo Lula como um fracasso. Isso parece-me extremamente orquestrado, porque este Governo representa uma possibilidade de mudança em relação a muitos interesses. E muitas vezes somos confundidos com a questão do mensalão. A impunidade tem de ser combatida, mas temos de ter o cuidado de não colocar tudo no mesmo bolo, de colocar avanços importantes para nós ou a possibilidade de construção de um governo democrático popular ir por água abaixo devido a questões que devem ser investigadas. Devemos sempre separar o joio do trigo.

Vivemos hoje um momento extremamente perigoso no que diz respeito aos direitos de *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais, porque acabamos ficando adormecidos e os avanços que obtivemos até agora podem ficar perdidos na grande confusão que se estabelece na cabeça das pessoas. Eu sou favorável a que todo esse escândalo seja apurado, não deve ser abafado absolutamente nada, mas temos de tomar cuidado para não jogarmos fora a água, a bacia, a criança. Para mim há um orquestramento internacional extremamente pesado em relação a essas questões, para as quais temos de ter mais atenção.

Muito obrigado.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Sr. Beto de Jesus, que foi preciso, conciso e objetivo, dez minutos pontuais.

Eu gostaria, antes de passar a palavra à Sra. Yury Puello Orozco, representante da Católicas pelo Direito de Decidir – Brasil, de anunciar a presença do Sr. Ricardo Balestreri, Diretor da Secretaria Nacional de Segurança Pública; da Deputada Celcita Pinheiro, que prestigia este seminário; da Deputada Iara Bernardi, que deverá ir ao plenário rapidamente, e da Deputada Laura Carneiro, que justificou sua ausência por ter de participar de reunião da Comissão de Orçamento para definir a LDO, na qual incluímos emenda com vistas a garantir os programas que não tinham previsão da Lei de Diretrizes Orçamentárias.

Concedo a palavra à Sra. Yury Puello Orozco.

**A SRA. YURY PUELLO OROZCO** – Sou representante da Católicas pelo Direito de Decidir – Brasil, que tem em comum sensibilizar e envolver a sociedade civil, principalmente os grupos que trabalham com serviços de saúde sexual e reprodutivo, educação, direitos humanos, meio de comunicação e legisladores sobre a necessidade de mudança dos padrões culturais vigentes em nossa sociedade, através da promoção de diálogos públicos tanto na sociedade quanto nas Igrejas a respeito dos temas relacionados com a sexualidade, a reprodução humana e a religião. Por isso este evento é muito importante para nós, e agradecemos aos senhores o convite para dele participar.

Infelizmente, como Católicas pelo Direito de Decidir, temos de falar dos grandes problemas e dos obstáculos que as religiões, neste caso, a Igreja Católica, colocam na luta dos direitos das mulheres, dos homossexuais e das lésbicas. E também temos de apontar saídas que contribuam para a implementação de políticas que favoreçam nossos direitos.

A grande dívida da política da Igreja Católica e do Papa João Paulo II, reafirmada pelo seu sucessor com muito mais veemência, são as questões relacionadas aos direitos humanos, especialmente os direitos das mulheres, os direitos dos GLBTs, a proibição dos anticoncepcionais, a proibição das pesquisas com células-tronco, a problemática do aborto. Todos esses temas relacionados com a moral sexual são exemplos da falta de diálogo e do desejo de não escutar as aspirações da sociedade. Quase por unanimidade podemos afirmar que o tratamento

dado a esses assuntos tem levado a Igreja Católica a uma crise de credibilidade pela falta de diálogo com seus fiéis e com a sociedade.

Sobre os direitos dos homossexuais, a Igreja mostra sua cara misógina através dos documentos publicados e das posições tomadas nos países em que atualmente está se discutindo a união civil. Por exemplo, na Espanha, a Igreja Católica teve a ousadia de chamar a população à desobediência civil, atitude pouco vista em assuntos relacionados com a pobreza, com a fome, com a disseminação da AIDS e com as guerras realizadas no mundo inteiro. Podemos afirmar que através desses posicionamentos encontramos forte presença de atitude fundamentalista na política atual da Igreja Católica.

Para muitos pensadores, quando falamos de religião, ela aparece como uma dimensão importante porque dá sentido à vida, porque contribui para o entendimento de situações limites, como são o sofrimento e a morte.

A história religiosa da humanidade vem, de fato, marcada pela presença dessa ambigüidade, no que tem a ver com a dimensão religiosa. Em muitas situações podemos observar a presença da força religiosa contribuindo com o crescimento e a defesa de um mundo mais humano. Valores como a solidariedade e a compaixão são colocados em primeiro lugar, mas encontramos, por outro lado, a justificativa da violência, opressão e morte em nome de Deus ou do sagrado.

O mesmo apelo a Deus, como força superior, capaz de dar o melhor de si para o bem da humanidade, em defesa da vida, se usa para justificar a violência, as guerras, a morte, contra a mesma humanidade. Grande parte dos conflitos pelos quais atravessa a humanidade hoje tem como motivação problemas étnicos e religiosos.

O pensamento fundamentalista acredita que possui a verdade de maneira exclusiva. Sua crença é o elemento central, através do qual contesta ou interpreta os outros, e querem impô-la como modelo universal. Acredita que existe o mal e se sente no dever de combater, mas os culpados sempre são os outros.

O maior perigo do fundamentalismo religioso é que suas declarações parecem verdades. As pessoas, quando escutam um fundamentalista, geralmente estão de acordo com suas palavras. É muito fácil

ser comovido pela sua mensagem. Como resultado, freqüentemente falam o que as pessoas querem ouvir. Parecem ter todas as soluções para as crises sociais e culturais e para todos os problemas da vida. Todos parecem muito simples, claros e fáceis.

O problema não é ter convicções ou crenças firmes. Todos defendemos nossas crenças, temos convicções, mas o problema dos fundamentalistas é que eles negam e não aceitam que as demais pessoas tenham crenças diferentes das deles.

A democracia está sustentada no princípio de que pessoas de crenças diferentes e de culturas diferentes podem conviver juntas em paz se respeitarem o direito do outro que esteja em desacordo. Para a mentalidade fundamentalista, isso é um absurdo que deve ser rejeitado porque quem se comporta e pensa de maneira diferente está equivocado e Deus não gosta, não tolera.

Segundo alguns teólogos, o problema da origem do fundamentalismo no Ocidente surge a partir da busca por um princípio. Vários teólogos começaram a buscá-lo através da história, de um começo imaculado, de algo intocado, invisível, ou seja, Deus. Essas são as bases para a mentalidade fundamentalista.

O fundamentalismo tem como característica a negação da escolha. Não existe possibilidade de escolha. Se existem verdades, elas são o que eles querem que as pessoas sejam: que observem, repitam, decorem, cumpram, guardem, obedeçam, estudem e desistam de fazer perguntas, de duvidar e de suspeitar.

Se uma das características da mentalidade fundamentalista é reagir contra os valores surgidos da modernidade, então nossos esforços devem estar direcionados em detectar as praticas fundamentalistas que impedem sobretudo que se implementem políticas que favoreçam os direitos dos homossexuais e das mulheres, que são conquistas inspiradas nos valores da modernidade, que têm favorecido uma vida diferente para todos e todas.

Para os legisladores e legisladoras responsáveis pelo direcionamento político do País, bem como para as forças organizadas da sociedade civil, constitui-se um dever urgente e um imperativo ético detectar

e contrapor-se às formas múltiplas pelas quais a agenda religiosa vem se articulando aos discursos laicos para impedir transformações no que diz respeito aos direitos de cidadania de todas essas pessoas. Apesar de que a hierarquia se apresenta como monolítica e homogênea, é importante ter-se em conta, como uma possibilidade também a nosso favor, a diversidade de correntes no interior das religiões e também no interior da sociedade.

É importante entender que o religioso é uma dimensão em constante mudança e adaptação, e que parte dessas mudanças são resultados das demandas feministas e dos movimentos de diversidade sexual.

Uma das mudanças mais interessantes que se estão produzindo é a emergência no interior de distintas denominações religiosas, de pessoas e grupos que se mobilizam para compatibilizar sua identidade religiosa com demandas feministas e de diversidade sexual. Esse fenômeno de divergência ou de dissidência religiosa mostra como o mesmo discurso que se usa para oprimir pode ser usado para libertar.

As divergências religiosas se apresentam através das teologias feministas. Surgem vozes alternativas, como o Católicas pelo Direito de Decidir, apresentando um modelo diferente de ser católico ou católica. Trabalham, a partir da teologia, justificativas éticas para temas como o aborto e a diversidade sexual em um contexto onde os discursos morais são monopólios dos setores conservadores. E surgem também como uma necessidade de desvendar a importância que as pessoas dão à religião. Por que as pessoas dão essa importância à dimensão religiosa? Alguns estudos apontam que isso é resultado das incertezas e das inseguranças que a modernidade e a problemática do mundo lhe coloca.

Temos de realizar uma crítica à teologia, mostrando que a Bíblia não contém verdades teóricas e especulativas sobre Deus, sobre os seres humanos e o mundo, mas contém preceitos simples, como amar ao próximo e amar a Deus.

O Antigo Testamento é um documento histórico, prático, de um estado determinado, e esta particularidade histórico-política em que ele foi escrito não pode ser tomada como um paradigma universal de política. Temos de examinar a imagem e o fundamento do poder teológico político – um Deus imaginado como pessoa transcendente, dotado de vontade, onipotente, todo-poderoso, castigador, criador, legislador,

monarca e juiz do universo. Temos de encontrar o fundamento da política na condição humana, nos seres concretos e não como os teólogos e a Igreja gostariam que fosse.

A política é uma atividade eminentemente social: desmascara como o poder teológico pretende roubar dos seres humanos a origem de suas razões sociais e políticas, colocando-as como obras de uma vontade divina; desmascara como as leis divinas, colocadas como leis civis ou políticas, impedem o exercício da liberdade, porque não somente pretendem regular os costumes, mas também a linguagem e o pensamento, buscando dominar não somente os corpos, mas também os espíritos.

Os fundamentalismos são palavras contra os corpos, palavras sem os corpos, palavras apesar do corpo, palavras que se solidificam em política, palavras que silenciam outras palavras. Por isso, a luta contra o fundamentalismo se dá em afirmação do corpo em sua relação com o lugar de produção de conhecimento, de produção e reprodução da vida material, produção do prazer e beleza. Conhecer, gozar e fazer são feitos a partir de um corpo plural, classe, gênero e etnia.

Para terminar, quero trazer a contribuição da teóloga católica lésbica Mary Hunt. Depois de ter adotado uma menina junto com sua companheira, disse que, para muitos, elas são um novo modelo de família católica; para outros, são a encarnação do mal. Mas ela afirma que são três pessoas que merecem todos os direitos como cidadãs, mas não mais do que sua sobrinha solteira, que seus vizinhos. Para ela, o problema de fundo é uma sociedade sustentada em modelos de privilégios sociais, como é o modelo de família e as relações heterossexuais.

Obrigada.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Yury.

Antes de passar a palavra para a próxima expositora, gostaria de anunciar algumas presenças. Apoiadores: Ricardo Pio Marins, Diretor Adjunto do Programa Nacional DST/AIDS ; Eduardo Luiz Barbosa, do Programa Nacional do DST/AIDS, do Ministério da Saúde, setor de Articulação de Sociedade Civil e Direitos Humanos; Parlamentares: Deputada Celcita Pinheiro, Deputada Janete Capiberibe, PSB – Amapá;



Deputado Leonardo Mattos, de Minas Gerais, e Deputado Philemon Rodrigues, da Paraíba.

Passo a palavra à Sra. Elizabeth Saar, Assessora do CFEMEA, para que faça sua exposição.

**A SRA. ELIZABETH SAAR** – Boa-tarde. Gostaria de agradecer o convite. Eu estava também no primeiro seminário. É uma honra estar aqui. Apesar de trabalharmos diariamente, são poucas as oportunidades de conseguirmos falar a um público tão grande.

Primeiramente, vou falar de um lugar muito específico, criado a partir de um centro feminista, portanto envolvido no movimento feminista, que advoga aqui no Congresso Nacional, principalmente.

Hoje pela manhã, muitos falaram sobre religião, tema que retomamos à tarde, porque, na verdade, é a base do sofrimento das mulheres e de todas as pessoas que sofrem limitações pelo uso do seu corpo – isso não se refere somente às mulheres, mas também às lésbicas, aos *gays*, homossexuais, transexuais, enfim, sobre os quais estamos falando aqui.

Na década de 70, a relação entre religião e política começou a se romper. A quebra da tradição da política moderna se dá com a queda principalmente do Xá Reza Pahlevi, quando o mundo se vê diante de um Estado tomado pelo islamismo e a religião assume a importância de Estado – é lógico que não estou levando em conta o Vaticano, essa é uma outra história.

Enquanto isso acontecia, enquanto o mundo olhava para esses regimes teocráticos do mundo islâmico, principalmente com o aiatolá Khomeini, e a centralidade disso para o mundo moderno, protestantes e católicos ganharam forte influência sobre a política internacional. O aborto sofria ameaças, com o surgimento das novas hereses, as feministas que lutavam pelo aborto.

O Governo Reagan, em 1984, suspendeu o apoio ao FNUAP, na Conferência Internacional sobre População, no México. Vimos tornar-se bastante diferenciado o tratamento dado ao mundo ocidental e ao oriental, embora ambos convergindo para uma coincidência entre Estado e religião. Os alvos específicos, naquela época, foram principalmente o planejamento familiar e as feministas.

Hoje isso se amplia bastante. As manifestações religiosas – manifestações desse fundamentalismo de que a Yury nos falou tão bem – vão sentenciar à morte mulheres acusadas de adultério. Na Índia, os conflitos entre muçulmanos e hindus vão levar a massacres e abusos sistemáticos de mulheres e meninas. Na América Latina, vamos ter uma mobilização católica bem recente contra o Protocolo Facultativo da Convenção para a Eliminação de Toda Forma de Discriminação contra Mulheres – vivenciamos isso dentro do Congresso Nacional – e uma forte oposição às políticas de saúde reprodutiva, contra homossexuais e lésbicas, como Beto havia mencionado.

O alcance desse novo poder, dessa ascensão do fundamentalismo deu-se junto ao Estado secular, que foi comemorado como um grande ganho da humanidade. Ele começa a perder poder político. Hoje, pelas vias democráticas, vemos os Estados Unidos e a América Latina em alguns momentos assumindo essa posição fundamentalista de Estado.

A procura de votos por estratégias populistas via redes religiosas hoje é uma ameaça constante para nós. A Lei da Mordaza, nos Estados Unidos, o corte de recursos para organizações estrangeiras que trabalham com temas relacionados ao aborto, por exemplo, é uma forte manifestação disso.

Hoje vemos a promoção da abstinência sexual como forma de prevenir as DST e a AIDS. Existe projeto muito próximo disso aqui dentro da Câmara dos Deputados, apresentado por um partido mais de esquerda.

Percebemos hoje toda a atenção voltada para o mundo islâmico, com a confusão ali instalada e a tomada do Estado pela religião. Vemos isso sendo feito, como explicou Yury, de forma bastante espalhada, com estratégias diferentes. Mas essa presença é constante e se dá o tempo inteiro.

Hoje, o Toni apresentou as justificativas de alguns Deputados por votarem contra o projeto da parceria civil. Tais justificativas são muito próximas exatamente dessa problemática que trazemos aqui.

A incorporação da defesa do Estado laico nas nossas agendas é fundamental, mas não é tudo, porque existe esse novo texto fundamen-

talista, que é o fundamentalismo do mercado. Hoje cremos num modelo econômico único, que tem como conseqüência o não reconhecimento dos problemas que esse mesmo mercado gera. A questão da pobreza é fenômeno hoje globalizado e defendido por esse fundamentalismo de mercado.

Temos também o fundamentalismo político como conseqüência de tudo isso, ou seja, o pensamento político único.

Essa diversidade que vivemos na prática encontra obstáculos não apenas entre os indivíduos e suas idéias, mas entre os Estados, entre a economia e o poder político.

O controle do corpo como projeto político não é somente bandeira das feministas, que isso fique muito claro. Lançamos a bandeira, mas não somos suas donas. As mulheres simbolizam a moralidade e os valores tradicionais da família e da sociedade, mas os títulos de mãe e de prestadora de assistência não as levaram a nada. Pelo contrário, só lhes deram muito problema. Não se reconheceu a diversidade desse mundo. Nós negamos graus de humanização. Para nós, humanidade e humanização não têm diferenças, não têm graus, não têm níveis.

Como foi citado aqui cedo, o atual Arcebispo do Rio de Janeiro disse que os *gays* e as lésbicas não eram tão humanos. Ouvir isso, para nós, é extremamente constrangedor. Não sei como eles não se acanham em dizer uma coisa dessas. Repudiamos que o exercício da sexualidade seja tomado como grave desordem moral. O exercício da sexualidade plena, com todos os prazeres que ela possa nos dar, é na verdade uma bandeira bastante libertadora.

Sem dúvida, é inegável a conquista da legitimidade dos movimentos de *gays* e lésbicas – falamos disso hoje pela manhã –, mas essa legitimidade tem que ser traduzida no campo das políticas públicas. Na verdade, tanto as feministas quanto os movimentos de libertação querem liberdade, o que só a cidadania plena é capaz de lhes conferir. E essa liberdade tem que estar traduzida, no campo político, pela liberdade de organização política para defender os direitos próprios e questionar a ordem social vigente, e no plano social. Não queremos mais esbarrar nos impedimentos sociais ainda presentes no tocante à vivência das relações homossexuais ou à vivência plena da nossa sexualidade.

O que se apresenta nesses dois planos é a vida do cidadão, *é o direito de ter direitos* – já dizia Hannah Arendt. E esses direitos têm de estar traduzidos na nossa vida individual e coletiva, social e política.

Para nós, o grande desafio é produzir essa ação coletiva a partir dessa diversidade e com muita radicalidade; radicalidade porque se mexe com todas as formas de opressão e exploração da sociedade – tanto o Movimento GLBT, quanto o movimento feminista –, e diversidade porque revela diferentes sujeitos, com autonomia, contribuição e valor, para a construção de uma sociedade socialmente justa.

A nossa agenda política não pode ser de feministas e de GLBTs, tem de ser de toda a sociedade. Assim como apoiamos o Movimento dos Sem-Terra, o movimento por moradia, o movimento pela democracia no País, pela reforma política, também queremos ter nossa agenda referendada por eles. Como pode uma sociedade ser socialmente justa se ela só olha para o seu movimento específico?

Temos uma grande parceria com o movimento GLBT. Militamos nesse movimento. Temos certeza de que o GLBT também nos apóia, principalmente no que diz respeito ao aborto, um dos alvos de ataque, nesta Casa, de fundamentalistas religiosos, políticos e de mercado.

Obrigada.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Antes de passar a palavra à representante da União Brasileira de Transexuais – UBT, gostaria de informar que a luz que indica o início da Ordem do Dia já está sinalizando. Portanto, em determinados momentos, poderemos notar a ausência dos Parlamentares, que vão cumprir sua missão no plenário, mas vão retornar.

Com a palavra Bárbara Graner, representante da UBT, por dez minutos.

**A SRA. BÁRBARA GRANER** – Boa-tarde a todos os presentes. Antes de tudo, parablenizo meus colegas desta Mesa, tão relevante quanto todas dessa programação, reconhecendo a importância da nossa presença dentro desta Casa.

Aqui vai um pequeno recado a esta Casa: nossa presença vai se tornar cada vez mais constante, enquanto nossos direitos não forem mínima e verdadeiramente reconhecidos pelo Legislativo do nosso País.

Para mim é um orgulho muito grande, sobretudo uma responsabilidade, representar aqui uma categoria que na maior parte das vezes é verbalizada como consequência natural de um segmento. Travestis e transexuais que compõem, entre outros segmentos, a grande comunidade de transexuais do nosso País são verbalizados, na maior parte das vezes, apenas como complemento de uma comunidade maior.

Estou aqui com a responsabilidade não só de representar a União Brasileira de Transexuais, mas todos os demais grupos de transexuais, todos os demais grupos de travestis do País e toda a nossa comunidade.

Gostaria de deixar claro que não estou nesta mesa apenas como transexual, mas como representante máxima de toda uma comunidade que é sistematicamente ignorada, invisibilizada, na hora da execução e da implementação de seus direitos no cenário nacional.

Quando se fala em travestis e transexuais, as pessoas têm aquela imagem bonita e idealizada de uma pessoa que vai querer fazer uma cirurgia de mudança de sexo ou de pessoas que apresentam uma estética vistosa nas esquinas escuras do nosso País. Quando se fala dessa comunidade, pensa-se nos estereótipos e dificilmente se pensa na individualidade de cada uma, mesmo participante de um segmento tão relevante como este.

Quero ressaltar que para mim é muito importante reconhecer o direito de nós transexuais, travestis e demais transexuais estarmos presentes a esta Casa e a esta mesa, embora sempre tenhamos – para mim, com um pouco de tristeza –, quando vamos defender os direitos de gays, lésbicas, travestis e transexuais no Planalto Central, de observar os delicados momentos políticos adversos à nossa luta. Sempre dependemos de fazer uma avaliação local e regional para ver se não há nenhum escândalo, nenhuma CPI, nenhuma eleição ou nenhum outro processo eleitoral ou de elaboração legislativa de nosso País que impeça nossa presença ou fragilize nossas reivindicações dentro desta Casa.

Gostaria de manter minha utopia máxima de pensar que temos o direito de vir aqui e reivindicar nossos direitos, independentemente de qual fragilidade política se abata sobre esta cidade.

Não posso deixar de reconhecer a grande, a preciosa colaboração de nossos parceiros Parlamentares que estão neste momento compondo e fortalecendo a Frente Parlamentar Mista pela Livre Orientação Sexual. Gostaria de parabenizar nossos colegas Deputados que estão aqui presentes, como gostaria de parabenizar aqueles que estão ausentes, mas que participam dessa Frente Parlamentar, e também de parabenizar aqueles que, com certeza, virão integrá-la daqui para a frente, sensibilizados com nossa causa, sensibilizados com nossa demanda maior: nossa cidadania soberana. Somos de fato brasileiros e, como tal, daqui para frente, seremos respeitados, por mais que isso incomode alguns, por mais que isso possa causar revolta a tantos outros.

Não estamos apenas nas avenidas nos dias de Parada *Gay*, estamos no dia-a-dia, construindo nosso movimento político.

De novo quero ressaltar que travestis, transexuais e demais transexuais também têm seu movimento político e não pensam apenas em botar peito, em colocar uma minissaia ou fazer uma cirurgia para mudança de sexo. Somos muito mais que isso. Somos intelectualizadas, somos militantes, e incomodamos exatamente por isso: porque estamos além desse estereótipo. Muito bem.

Mesmo reconhecendo a importância fundamental dos nobres colegas Deputados desta Casa junto ao nosso movimento, não podemos deixar de citar as inúmeras dificuldades que enfrentamos dentro desta Casa, dentro de todos os Poderes que compõem esta cidade e todas as localidades do nosso País. Estamos dependendo sempre da jurisprudência, estamos dependendo sempre da boa vontade de nossos heróicos colegas legisladores e estamos dependendo sempre da última, soberana, magnânima e condescendente palavra final dos nosso executores da lei. Até quando isso vai permanecer desta forma?

Somos cidadãos e aqui estamos para provar isso. Embora em quantidade relativamente reduzida, travestis e transexuais estão aqui presentes, e o nosso número e a nossa qualidade participativa vão aumentar cada vez mais.

De novo um aviso para esta Casa: estamos chegando, vamos bater à porta e vamos entrar, porque este é o nosso lugar, esta é a nossa Casa. Os representantes que aqui trabalham, como já disse, são nossos representantes, têm a sua máxima autoridade e também têm o nosso maior respeito. Mas que fique claro para todos: eles nos representam.

Portanto, os verdadeiros donos desta Casa somos nós e, na qualidade de donos, podemos entrar e sair desta Casa e exigir de seus membros participação efetiva na luta pelos nossos direitos.

Volto a enfatizar, correndo risco de ser repetitiva, para que isso sirva como um toque diplomático, respeitoso, porém um firme alerta: estamos ocupando e vamos continuar ocupando cada vez mais, seja nas paradas, seja no movimento isolado em novembro, mas, a partir de novembro, que seja em outras. O Palácio do Planalto que nos guarde.

Das dificuldades políticas que enfrentamos, lembro o simples fato de que é muito difícil para a sociedade verbalizar as categorias que nós representamos e compomos. Qual é o grande problema de verbalizar a palavra “homossexual”? Qual é o grande problema de verbalizar a palavra “lésbica”? Qual é o grande problema de verbalizar a palavra “bissexual”? Sobretudo, qual é o problema de verbalizar as palavras “transexual” e “travesti”? Essas palavras por acaso remetem à falta de conduta ética, remetem à falta de consciência política? Não. Ser homossexual, ser lésbica, ser travesti, ser transexual e ser bissexual é muito diferente de ser ladrão. Essas palavras estão muito longe associadas a alguns escândalos que alguns legisladores desta Casa nos proporcionam cotidianamente e que somos obrigados a engolir dentro da nossa casa.

Gostaria apenas de fazer uma observação. Esses aplausos são para a comunidade de travestis e transexuais. Estou aqui representando nossa intelectualidade, nossa força política. Estamos muito além de uma bela figura exótica, estamos muito além de uma patologia, estamos muito além de um grito histérico nas ruas. Nós temos cabeça, sim. Não temos apenas silicone, hormônio ou cirurgia. Nós temos uma identidade, e estou aqui para dizer a vocês que nossa identidade tem que ser respeitada e vai ser respeitada.

Travestis têm o direito de ter uma correta hormonoterapia, devidamente acompanhados por profissionais da área. Travestis têm o direito de fazer uma adequação no seu nome, têm o direito de trocar

o seu prenome – se adotam o nome feminino, elas têm o direito de ter esse nome no seu registro geral, assim como nós, transexuais, também.

Estamos aqui no Palácio do Planalto para trazer formalmente as nossas verdadeiras demandas, que estão muito além de um grupo de risco, de um trabalho executado por excelentes profissionais dentro dos trabalhos de saúde e prevenção, e nós estamos aqui para mostrar que também temos capacidade de ter interlocução com as pessoas representantes legais do nosso País, para dizer que a lei tem que refletir a nossa realidade, e não o contrário.

Não pretendo manifestar aqui uma realidade tão complexa e tão feliz, que é a realidade de travestis e transexuais, em palavras simplistas; o nosso universo vai muito além deles.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Bárbara, por favor, apenas mais um minuto.

**A SRA. BÁRBARA GRANER** – Eu também não estou aqui para justificar nossa presença nem nossos direitos. Estamos aqui apenas para que as pessoas entendam que, como cidadãos, temos de ser respeitados pelos representantes desta Casa e, sobretudo, temos de ser ouvidos. Está na hora de termos o direito de conquistar nosso verdadeiro espaço.

Somos minorias? Não, não somos minorias. Meus colegas da Mesa acabaram de lembrar isso a vocês. Está na hora de nos unirmos de fato, não apenas travestis, transexuais, *gays*, lésbicas e bissexuais. Está na hora de todos estarmos juntos para uma luta maior, colocando o valor humano como soberano e absoluto na nossa sociedade.

Aproveito a oportunidade para dizer a esta Casa que nenhuma categoria, seja religiosa, seja política, tem o direito de se apropriar do direito máximo do cidadão brasileiro. Não há mais espaço para apropriações indevidas, seja por religião, seja pelo Poder Judiciário, seja por qualquer outro Poder, do direito soberano aos cidadãos brasileiros.

Estou aqui para dizer que travestis e transexuais devem e podem procurar os grupos, bem como a União Brasileira de Transexuais, para informações a respeito do grupo de trabalho que está neste momento colaborando com a assessoria do Deputado Luciano Zica, desta Casa,



para a elaboração de uma lei de identidade de gênero. A elaboração da minuta será aprovada pelos transexuais da UBT. Quem quiser se filiar à UBT para obter mais informações desses projetos de lei, por favor, procure Andréa Stefani, nossa representante aqui em Brasília, a fim de nos engajarmos politicamente nessa luta maior.

Eu gostaria de finalizar, muito emocionada, com muita alegria e muito orgulho por estar nesta Casa, dizendo que estamos aqui fazendo jus ao nosso Hino Nacional. “Ouviram do Ipiranga”, mas não apenas do Ipiranga, de todos os cantos do nosso País, “as margens plácidas”, embora nem tanto ultimamente, um tanto revoltosas, um tanto adversas, “de um povo heróico” – nós, *gays*, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais – “o brado retumbante”.

Somos cidadãos brasileiros, e estamos aqui para dizer: chegamos e aqui vamos ficar!

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Bárbara.

Com muita honra, quero testemunhar que conheço a Bárbara, um ser humano extraordinário, que, com sua militância digna e firmeza, vem contribuir com os debates. Agradeço à Bárbara o uso racional do tempo e a sua força.

Antes de passar a palavra ao próximo inscrito, anuncio a presença da Deputada Sandra Rosado, do glorioso Rio Grande do Norte, e sua adesão à Frente Parlamentar; também da Deputada Celcita Pinheiro, do Deputado Leonardo e da Deputada Ana Guerra, que já fazem parte, e do Deputado Philemon, já anunciada.

Com a palavra o Sr. Caio Fábio Varela, representante do INESC. Em seguida falará a Deputada Iara Bernardi.

**O SR. CAIO FÁBIO VARELA** – Boa-tarde a todos.

Depois do discurso da Bárbara, vou ter de me esforçar, porque ela foi impressionante.

Sou do Instituto de Estudos Socioeconômicos. Estamos trabalhando há alguns anos em parceria com o movimento GLBT e hoje com a Associação Brasileira de *Gays*, Lésbicas e Transexuais mais

especificamente no tocante ao orçamento, à concessão de políticas públicas via orçamento, no Congresso, e aprovação de leis. Desenvolvemos um trabalho de *advocacy*. Mas hoje não vou falar especificamente do trabalho que realizamos.

A comunidade GLBT tem um grande desafio: ampliar a discussão, que hoje está muito centrada no Direito Civil, e com toda razão. Acho que há necessidade de ampliar essa discussão para os direitos econômicos, sociais e culturais. Não podemos deixar de discutir a questão do direito ao trabalho, do direito à saúde e à educação, porque, afinal de contas, GLBTs não são ETs que estão ticados e que têm apenas especificidades, não estão envolvidos em todas as outras demandas da sociedade brasileira.

Falando nisso, chego ao sistema capitalista, que hoje tende a querer nos fazer apenas consumidores compulsivos e nos tiram dessa outra discussão. No entanto, sabemos que a grande maioria dos homossexuais, dos GLBTs, são pobres, negros, mulheres, que têm todos os seus direitos barrados. Então, precisamos provocar uma transformação não apenas na questão dos direitos civis.

Há grande necessidade de que o movimento passe a discutir o modelo de desenvolvimento hoje implantado. Temos de avançar nisso. Hoje, entre os projetos e as políticas públicas já instaladas, vemos grandes e importantes avanços no Ministério da Saúde, por exemplo, na área de prevenção às DST e outras doenças, mas não vemos uma política voltada para a saúde integral dos homossexuais. Sei que o Ministério é um dos que mais avançam nisso.

Trago esse exemplo para que possamos cobrar essas políticas em outros Ministérios. Não queremos apenas políticas que tenham o nome GLBT, que tenham nomes homossexuais ou qualquer outra denominação. Temos de estar em todas as políticas de governo existentes.

Quanto ao modelo de desenvolvimento, alguém comentou hoje de manhã, em reunião a que não pude comparecer, que houve uma discussão a respeito dos porquês da não-aprovação do projeto de parceria civil. Eu me lembro – a Beth também estava aqui na época – que o CFEMEA havia feito um estudo mostrando que a parceria civil poderia ser aprovada na Câmara dos Deputados. Coincidentemente, nessa

época, houve o chamamento à CPI da Corrupção, que não foi aprovada. Por que digo isso? Porque quero lembrar algo que aconteceu.

Em 9 de maio, não é Beto, estávamos aqui tentando aprovar a CPI da Corrupção. A CPI não foi aprovada, porque foi usada como barganha ao lado do projeto de parceria civil e porque o Governo Fernando Henrique soltou um monte de dinheiro para que os Deputados não a aprovassem. Nada foi dito, não é Deputado? As coisas têm pesos diferentes. As coisas têm de ser apuradas, porque a impunidade não pode continuar ocorrendo. Muitas vezes esquecemos de coisas importantes. Temos de lembrar quem está querendo o que e onde. Enfim, temos de ter senso crítico, temos de ampliar essa reflexão.

De acordo com os modelos de desenvolvimento, há o privilégio da economia, não há o privilégio das políticas sociais. Hoje, inclusive, há rumores da extinção da Secretaria Especial de Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Promoção da Mulher e da SEPPIR. Eu sei, Deputada, que já houve uma resposta nesse sentido. Houve um recuo, um debate, os movimentos sociais pressionaram.

Volto a afirmar, até porque essa reforma ministerial ainda não ocorreu: isso é inadmissível.

Eu pulei um ponto. No dia da votação do projeto de parceria civil estava aqui a Alice Bombom – ela está ali atrás, é uma pessoa especial para mim e lembrei dela –, uma *drag queen* superquerida aqui de Brasília. Na época, Bombom saiu em uma série de revistas e jornais. Alguns Deputados diziam: *Poxa, mas também, você traz esse tipo? Como é que você quer aprovar projeto de lei?*” Nós ouvimos isso. Lembro que a Bombom chegou e disse: *Mas será que eu fiz a coisa errada?* E a gente discutiu.

Quem é que está errado nesse processo? Está errado aquele que quer estipular uma sociedade dentro de caixinhas? Está errado aquele que quer dizer que aquela pessoa, independente de como seja, de como esteja ou de como se identifique, tem direito igual ao de qualquer um de nós, como o de estar nesta Casa para reivindicar seus direitos? É isso o que temos de mudar. Infelizmente, dentro do próprio movimento, da nossa comunidade, ainda existe preconceito e não conseguimos entender a diversidade.

Temos trabalhado nessa perspectiva, e o movimento GLBT tem crescido e ampliado de forma fantástica a democracia participativa. Um sinal disso é a criação da Frente Parlamentar e a realização deste seminário. No entanto, temos de avançar. Temos de cobrar mais políticas públicas, temos de cobrar mais orçamento, temos de trabalhar com as transversalidades, porque, como disse Bárbara – vou ter de copiar mesmo, porque foi fabuloso –, nós já chegamos, já abrimos a porta, e daqui não vamos sair mesmo, porque somos iguais, nós temos todos os direitos.

Tenho orgulho de ser *gay*, tenho orgulho de estar sentado aqui, tenho orgulho da Marisa Fernandes, que saiu rapidinho. E tenho orgulho pelo que ela é. Tenho orgulho pela lésbica que é, pela militante que é, pela mulher que é, pela professora que é. Marisa é uma pessoa especial.

Tenho orgulho de ter tido a oportunidade de conhecer Janaína Dutra, que me ensinou tanta coisa na vida, que dividiu tantos momentos maravilhosos comigo. Enfim, gostaria que agora déssemos um viva à diversidade e aos direitos humanos, porque é isso o que estamos fazendo aqui. Obrigado.

Viva!

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Caio.

Informo ao Plenário que está presente a esta sessão o Deputado Paulo Rubem Santiago, de Pernambuco, companheiro da Frente Parlamentar. Aliás, está também entre nós a Deputada Iara Bernardi. Quase cometi a indelicadeza de não anunciar o nome de S.Exa, que é a Coordenadora da Frente Parlamentar, mas o fato é que estamos sendo solicitados em plenário para a Ordem do Dia. A luz piscando e anunciando a votação me atrapalhou um pouco. Desculpe-me, Deputada.

Com a palavra a Deputada Iara Bernardi.

**A SRA. DEPUTADA IARA BERNARDI** – O Deputado Luciano Zica tem razão, porque saí várias vezes daqui. Havia a possibilidade, no plenário e na Comissão de Constituição e Justiça, de os dois projetos que dizem respeito à nossa causa serem votados. A emenda constitucional e o projeto de lei de minha autoria que criminaliza a homofobia estão na pauta, mas poderiam ser discutidos e votados com prioridade

na Comissão de Constituição e Justiça. Como teve início a Ordem do Dia, amanhã voltam para a pauta e talvez possamos debatê-los e discutir a constitucionalidade desses dois projetos. Não quero ser repetitiva com relação às Mesas, que foram de excelente nível. Na parte da manhã e agora, os participantes deram enorme contribuição ao que queremos debater.

Pela manhã, foi muito debatida a questão do diálogo entre as entidades, a Frente Parlamentar, as comissões de trabalho. Esta audiência pública está se realizando com a parceria de três Comissões desta Casa – Legislação Participativa, Direitos Humanos e Educação e Cultura – e a parceria da Frente Parlamentar. Estamos ampliando os espaços aqui dentro. Isso é extremamente importante.

Pela manhã, a Deputada Maninha se referiu à pressão sobre o Parlamento. Hoje, até pela presença dos senhores e pelo debate que estamos fazendo, mais de doze Parlamentares aderiram à Frente. Devemos estar chegando perto de oitenta Parlamentares que aderiram à Frente e com certeza arregimentaremos mais Parlamentares para votarem conosco, quando precisarmos de votos no plenário.

Quanto à questão do Orçamento, o Deputado Gilmar Machado acatou as emendas que fizemos. S.Exa. é o Relator da Lei de Diretrizes Orçamentárias, primeiro passo para o Orçamento que discutiremos em setembro. Temos de ficar atentos para que não sejam retiradas. Há a indicação de que os projetos que consideramos prioritários na área de educação, saúde e direitos humanos sejam incluídos como recursos, senão eles não saem do papel.

O Beto havia-se referido aos avanços. Penso que houve avanços do que tínhamos no Governo passado e no de agora. Temos de reconhecer isso. Poderíamos ter avançado mais? Sim, até porque determinadas posições e ações o Executivo poderia ter tomado – e tomou. A Secretaria Especial de Direitos Humanos lançou o Programa Brasil sem Homofobia. Há dificuldades, sim, inclusive porque não há orçamento para se expandir. Foi esta Casa que rodou as cartilhas até o momento, para que elas fossem espalhadas pelo Brasil e discutíssemos o Programa Brasil sem Homofobia.

O MEC tem trabalhado, refazendo os parâmetros curriculares que serão debatidos em todas as escolas do País, acrescentando esse tema. E vai aparecer nos debates inclusive para preparar professores para assumir e debater esses temas. Não é possível trabalhar com um tema sem a preparação dos professores. Pode ser um desastre se não houver a inclusão e a discussão com os professores em todo o Brasil.

Penso que poderíamos ter avançado mais se o Executivo tivesse uma posição mais clara de maior empenho. O Presidente Lula se manifestou com relação às paradas, mandou uma carta de apoio, mas vejo que tem de se empenhar mais. Se a base aliada, que não sabemos bem o que é hoje, se empenhasse em votar projetos de lei, poderíamos ter avançado mais.

Isso aqui não afeta as metas de superávit, os juros no Brasil. É um posicionamento do País, do Executivo brasileiro, com relação à legislação, a qual teríamos de avançar com relação a direitos. Ficou bem claro nos debates que não queremos nenhum direito a mais, queremos direitos iguais, nem queremos pensar em retrocessos com relação à Constituição. Por isso, uma emenda constitucional é extremamente importante para garantir direitos a mais. A regulamentação da Constituição é mais importante ainda para que exista e possa se fazer uso dela.

Na medida em que boa parte do que o nosso Governo discute e avança diz respeito à economia brasileira, poderíamos ter avançado mais, porque garantir direitos não mexeria nas premissas do nosso projeto econômico, que é tão conservador.

Teria até algumas propostas para fazer, Deputado Zica, para abrir o debate com o Plenário. Já discutimos na Frente Parlamentar que deveríamos fazer uma pesquisa no Congresso Nacional para sabermos sua posição. Já respondi a várias pesquisas do IBOPE e de outros institutos de pesquisas sobre os mais variados temas. Sobre se nós votaríamos ou não um projeto de parceria civil, já respondi duas vezes. Os institutos de pesquisa estão interessados em saber a opinião dos Parlamentares para ver se isso avança ou não dentro do Congresso. Esse dado é muito importante. Poderíamos, no segundo semestre, pensar em fazer uma pesquisa organizada com os Parlamentares do Congresso, a fim de termos uma idéia do que teríamos pela frente se colocássemos na pauta um projeto como esse.

As entidades que estão em contato com Deputados e Senadores em seus Estados deveriam procurar novamente aqueles que não assinaram a Frente Parlamentar, a fim de conseguirmos mais adesões. Hoje, conseguimos quase doze adesões. Poderemos conseguir mais se procurarmos novamente em nossos Estados e em nossas cidades Deputados que não assinaram a Frente Parlamentar.

Com relação a ocupar mais espaços, a Deputada Iriny Lopes abordou hoje cedo que a Comissão de Direitos Humanos fará um seminário, nos dias 17 e 18 de agosto, sobre a questão de direitos humanos e comunicação. Será o Encontro Nacional de Direitos Humanos. A mídia pode ser razoável com o tema, como pode ser extremamente cruel. Não há programa humorístico sem piadas de extremo mau gosto com relação a homossexuais e outras questões mais, as quais todos nós conhecemos. Interferirmos em um seminário como este na questão dos homossexuais e na da comunicação seria extremamente importante. Temos de levar esse debate também às Câmaras Municipais e às Assembléias Legislativas.

Disse hoje aqui a nossa Desembargadora que o Poder Judiciário tem avançado. Isso é extremamente importante, porque influencia esta Casa.

Há na Casa projeto de lei de minha autoria sobre a paternidade presumida. O Deputado já havia dado parecer contrário. Quando um cidadão se recusa a fazer o teste de DNA, deve ser considerado pai até que resolva fazê-lo. Nesse caso, a palavra da mulher vale. Como o Poder Judiciário se manifestou favoravelmente, criou-se uma jurisprudência. O Deputado leu, voltou atrás e deu parecer favorável ao projeto, que agora está tramitando na Casa e pode tornar-se lei.

É importante termos avanços, mesmo parciais, nos Estados ou em alguns setores, como a Previdência, para influenciar a posição desta Casa na aprovação dos nossos projetos de lei. Poderíamos ter projetos semelhantes com relação aos direitos da comunidade GLBT nas Câmaras Municipais e Assembléias Legislativas de cada Estado, até para que isso se reflita nesta Casa. Poderíamos ter propostas. Evidentemente vamos continuar o nosso processo de adesão, de parceria e de diálogo

com aquilo que representa a nossa Casa, que é a Frente Parlamentar e todas as entidades representativas do movimento pelo País.

Muito obrigada.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Deputada Iara. V.Exa, como sempre, é firme na defesa da cidadania plena.

Encerrado o tempo de exposição da Mesa, abriremos algumas intervenções do Plenário. Já temos duas pessoas inscritas.

Em primeiro lugar, o Ricardo Marins, Diretor-Adjunto do Programa Nacional de DST/AIDS, que está presente e fará uma intervenção; em seguida, a Kenia Alves, do Ministério Público, que quer dar uma informação sobre outro evento que ocorrerá nessa área.

Com a palavra o Ricardo Pio Marins.

**O SR. RICARDO PIO MARINS** – Boa-tarde a todos os presentes a este evento. Parabênzo a Frente Parlamentar por esta iniciativa que muito me alegra. Temos uma trajetória histórica de trabalho conjunto da área saúde com grupos que estão na sociedade e que em passado não tão remoto não tinham muito espaço para reivindicar a saúde. Conseguimos fazer um trabalho nesse sentido. Temos caminhado juntos de maneira a construir algo *sui generis* no País: um programa de combate à AIDS e às doenças sexualmente transmissíveis. Conseguimos garantir a todos acesso à saúde e a uma melhor qualidade de vida. Hoje, as pessoas podem buscar seus direitos e também participar da luta da comunidade GLBT por seus direitos. Temos sido atores conjuntos nesse cenário porque acreditamos nisso. Não é possível termos uma sociedade democrática e igualitária se não conseguimos reconhecer e respeitar a diversidade dos seres humanos.

Estamos passando por um momento ímpar. O Caio Varela já falou sobre isso. Num passado não tão remoto, algumas práticas reais aconteciam e ninguém se manifestava. O momento hoje ainda é difícil. O Governo, embora muito avançado, que quer fazer mudanças sociais, encontra-se em uma situação que muito nos preocupa. Fizemos grande esforço até mesmo junto à comunidade GLBT do Brasil para conseguirmos avançar na questão do direito brasileiro de produzir



medicamentos anti-retrovirais no Brasil. Lutamos também para que todos tivessem acesso a esses medicamentos.

É o nosso compromisso com a saúde. Devemos ter programas específicos de saúde para algumas áreas, que levem em conta a especificidade desses grupos. Temos hoje uma situação muito grave. Tivemos na sexta-feira passada a manifestação do Ministro junto com o Presidente do País para colocar a intenção do Brasil de emitir licença compulsória a um dos laboratórios que vendem um dos medicamentos mais caros para a AIDS. Há um período de dez dias para a última possibilidade de negociação. A partir daí entraremos com a licença compulsória. O Brasil passa a ser uma liderança nesse cenário não apenas em defesa de brasileiros, mas em defesa do mundo, de africanos, asiáticos e latino-americanos que morrem aos milhares e aos milhões neste mundo. Cabe a nós defender isso.

Num processo como esse, em que há todo um envolvimento, um preparo, que levou anos para chegar a esse ponto, tem de haver uma concepção do que é direito. Não podemos, a esta altura, perder a possibilidade de sucesso, porque houve mudanças de grupos e de ideário político. Hoje, o sucesso do projeto está ameaçado pelas mudanças e reformas ministeriais em curso. Esse ganho não foi construído apenas por nós, mas por toda essa sociedade, por todos que estão aqui, que têm militado e lutado por direitos individuais e coletivos.

Peço aos participantes deste seminário e aos membros da Frente Parlamentar que falem com as autoridades do País sobre a importância de não alterar os processos, especialmente no momento em que todas as forças chegaram a ponto de tomar decisões sérias e implementar mudanças. Seria importante que essas mudanças não se perdessem. Fazemos jus à nossa luta e ao direito de todos os cidadãos deste País e do mundo que precisam de nossa decisão.

Obrigado.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Ricardo.

Anuncio os inscritos até agora: Kenia Alves, do Ministério Público; Fernanda Benvenuti, Vice-Presidenta da Articulação

Nacional dos Transexuais – ANTRA – e o Juliano, do Identidade, de Campinas.

Peço ao Deputado Paulo Rubem Santiago, que já votou, que assuma a coordenação dos trabalhos para que eu vá ao plenário votar.

Com a palavra a Sra. Kenia Alves, para dar algumas informações.

Passo a coordenação dos trabalhos ao Deputado Paulo Rubem Santiago.

**A SRA. KENIA ALVES** – Boa-tarde. Trabalho no Ministério Público Federal com a Dra. Livia Nascimento Tinôco, Procurada Regional dos Direitos do Cidadão, em nome de quem quero dar um aviso aos senhores.

Vamos promover uma audiência pública no Distrito Federal sobre o conteúdo de programas humorísticos televisivos envolvendo a imagem GLBT. Essa audiência pública será realizada no dia 22 de julho, às 9 horas. Ela se originou de uma representação que justamente denuncia o caráter discriminatório desses programas. Então o objetivo vai ser discutir esse conteúdo e abrir o debate com a sociedade para atuação da Procuradoria nesse caso.

Estava com cópias do *folder*, mas elas acabaram ainda na parte da manhã. Na próxima semana vou poder disponibilizar no *site* da Procuradoria, [www.prdf.mpf.gov.br](http://www.prdf.mpf.gov.br), mais detalhes sobre o evento.

A data é 22 julho, às 9 horas. E o *site*-repetindo: [www.prdf.mpf.gov.br](http://www.prdf.mpf.gov.br).

Obrigada.

**OSR.COORDENADOR**(Deputado Paulo Rubem Santiago) – A próxima inscrita é Fernanda Benvenuti, Vice-Presidente da ANTRA.

**A SRA. FERNANDA BENVENUTTI** – Mais uma vez boa-tarde a todos os presentes. Gostaria primeiramente de fazer uma pequena correção: ANTRA é Articulação Nacional das Transgêneros e não das Transexuais, apesar de que o movimento é um todo.

Parablenzo todos os presentes. Espero que este seminário não seja apenas mais um dos nossos eventos nos quais temos militado, mas não chegamos a lugar algum. Os militantes realmente fazem sua parte.

As pessoas e o poder aqui representado têm de fazer as propostas. O que foi decidido neste seminário tem de realmente sair do papel. De papel já estamos cheios até o teto.

Sobre o Programa Brasil sem Homofobia muito se falou aqui. Esqueceram-se, contudo, de falar da Câmara Técnica de Segurança Pública, da SENASP, da qual faço parte. Amanhã vamos nos reunir na Câmara Técnica.

A Câmara, uma das ações do Programa Brasil sem Homofobia, tem funcionado realmente a todo vapor. Temos nos reunido e tirado nossas conclusões. Temos feito alguns encaminhamentos de políticas públicas afirmativas sérias para nosso movimento.

Realmente não poderia deixar de falar neste momento da Câmara Técnica de Segurança Pública, da SENASP.

Muito obrigada.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Paulo Rubem Santiago) – Obrigado, Fernanda.

Passo a palavra ao Juliano.

**O SR. JULIANO** – Boa-tarde. Trabalho com o Deputado Luciano Zica. Sou de Campinas e pertença ao Grupo Identidade.

Quero ressaltar que este II Seminário é um avanço muito importante para nós.

Quando pensamos na Ouvidoria, quando o Deputado Zica estava à frente do I Seminário, a idéia era retomar no Congresso, de maneira mais articulada, a defesa dos direitos dos homossexuais e transexuais. Desde que a ex-Deputada Marta Suplicy não voltou ao Congresso junto a outros Deputados que tradicionalmente trabalhavam com a Casa, ficamos meio desarticulados. Foi importante lançarmos à frente o Seminário. E hoje fico muito feliz, porque isso reflete um pouco nosso avanço nesses dois anos em que tivemos uma frente que se reúne, articula-se, que ajudou o movimento a refletir sobre a importância de estar no Congresso. Às vezes, tínhamos um movimento forte nas ruas e nas paradas, mas que não se refletia em uma articulação político/

institucional. Hoje, o movimento está com maturidade institucional muito maior – e isso é importante.

Aproveito a oportunidade para registrar uma notícia muito triste, sobre a qual devemos nos posicionar, para evitarmos que se espalhe o boato. Trata-se da possibilidade de, nesta reforma ministerial, o Governo vir a extinguir algumas Secretarias Especiais: a dos Direitos Humanos, a de Políticas para as Mulheres e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Tal medida seria um retrocesso muito grande; afinal, uma das marcas positivas do Governo Lula foi a criação desses espaços de afirmação de setores historicamente discriminados. Seria muito ruim para nós. Como essa Mesa é de diálogo, seria muito importante registrar isso. O Governo Lula não pode abrir mão das Ministras Nilcéa, Matilde e do Ministro Nilmário Miranda.

Gostaria de registrar a notícia, para que pudéssemos nos manifestar, não sei se com uma moção ou com a posição política deste seminário, sobre a importância da manutenção dessas Secretarias Especiais: a dos Direitos Humanos, a de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e a de Políticas para Mulheres. Sabemos que o noticiário às vezes exagera, mas onde há fumaça há fogo.

Vamos evitar o pior. É fundamental a manutenção dessas Secretarias. O Governo Lula tem de mantê-las. Já que na questão orçamentária sofremos com um superávit primário muito grande, que nos impediu de executar as políticas necessárias, deveríamos pelo menos manter o avanço político, simbólico e institucional, senão, o Governo Lula vai passar pela história sem ter resgatado essa dívida. Isso é muito ruim para todos nós que ajudamos a eleger este Governo depois de 25 anos de luta.

Esperamos a aprovação da união civil neste ano. Para isso, temos de discutir uma tática de ação legislativa junto com o movimento, a partir da volta do recesso.

**A SRA. DEPUTADA IARA BERNARDI** – A caminho do plenário encontramos-nos com o Presidente Severino. Convidei-o para vir para cá, mas V.Exa. disse que não podia. Deveríamos insistir no convite. V.Exa., afinal, comprometeu-se com as entidades a colocar o projeto em

pauta neste mês de agosto. O Presidente Severino reafirmou novamente a promessa – basta que a reivindicemos de forma concreta.

**O SR. JULIANO** – Podemos nos reunir com a Frente, solicitar formalmente a inclusão na pauta e combinar uma semana para virmos para cá e ficarmos dois ou três dias com a bandeira fazendo pressão. Se não aprovarmos no segundo semestre, apenas será possível na próxima legislatura.

**A SRA. DEPUTADA IARA BERNARDI** – Vamos poder tirar uma média de quantos votos temos aqui.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Juliano, já concluiu? O próximo é o Toni Reis.

Com a palavra, Toni.

**O SR. TONI REIS** – Primeiro, essa questão do Osvaldo: vou responder à sua pergunta sobre o que fazer. Nós, da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, tivemos três dias em Curitiba fazendo nosso plano de *advocacy* no Congresso. Temos um plano extremamente cuidadoso e elaborado para atuar. Este seminário foi planejado com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, a Frente Parlamentar e as três Comissões. A idéia é termos todos os meses um evento no Congresso para darmos essa visibilidade para a Frente Parlamentar. Neste evento, por exemplo, doze Deputados entraram para a Frente.

Estamos com o formulário do Projeto Aliadas. Pessoas e instituições que queiram ser aliadas nossas poderão assinar o documento. Algumas já assinaram. Quem não assinou pode fazê-lo. São os movimentos GLBTs, de mulheres, de negros, enfim, todos os movimentos que queiram se engajar e também pessoas físicas. Já temos uma *homepage* na Internet, que vai atuar para fazermos essa articulação.

Há outra questão, Deputado Zica: gostaria de pedir – já houve aprovação pela manhã – que deste II Seminário saia uma nota de repúdio ao Deputado Jair Bolsonaro, que de forma desrespeitosa com nosso Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, colocou-o como homossexual ativo. Isso é uma ofensa. Será que S.Exa. quis dizer que nós, homossexuais ativos, no caso do Lula, teríamos vinculação

com a corrupção, com esse tipo de coisa? Isso é inadmissível numa Casa de Leis. Sendo assim, peço a este Plenário, se possível, a aprovação do texto. O grupo Dignidade de Curitiba já está com um processo para entrar na Comissão de Ética nesta Casa.

Muito obrigado.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Toni Reis.

A proposta será aclamada por este Plenário, não tenham a menor dúvida. E é necessário que se registre isso.

Vou passar a palavra ao Marcos Paulo, do Núcleo Jovem de Estruturação, Grupo Homossexual de Brasília, mas antes gostaria de dizer que o Deputado Paulo Rubem Santiago é um companheiro de Pernambuco que tem o hábito saudável de escrever belas coisas. E escreveu uma poesia sobre este seminário.

Depois do Marcos Paulo, gostaria de pedir ao Deputado Paulo Rubem Santiago que lesse para nós a poesia que escreveu.

Com a palavra o Marcos Paulo.

**O SR. MARCOS PAULO** – Boa-tarde a todos. Srs. e Sras. Parlamentares presentes, primeiro gostaria de parabenizar esta e todas as Mesas que estiveram aqui, que falaram muito bem, de forma bonita, que conseguiram transmitir bem a mensagem.

Coordeno, em Brasília, o Núcleo Jovem de Estruturação Orgulho Irreverente. Por isso, achei interessante falar aqui. Foram levantados muitos pontos importantes, como a questão das transexuais. Foi muito bem exposta a questão da diversidade. É, porém, interessante pensarmos no caso dos adolescentes e jovens. O Prof. Luiz Mott falou hoje fantasticamente bem sobre a violência que os homossexuais, transexuais e bissexuais sofrem.

Esse público, na grande maioria, é composto de jovens que sofrem essa violência em casa e na escola. É interessante pensarmos como proteger esse público que sofre mais diretamente com o preconceito e não tem para onde fugir na maioria dos casos.

Olhando os dados hoje em dia, o número de adolescentes que abandonam a escola, devido à sua orientação sexual, à sua diversidade sexual, ou identidade de gênero, é muito grande. Então, é interessante pensarmos como proteger esse público.

Obrigado.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Obrigado, Marcos Paulo.

Passo a palavra ao ilustre Deputado Paulo Rubem Santiago, porque nada melhor do que uma poesia lida pelo próprio autor, em homenagem ao nosso evento.

**O SR. DEPUTADO PAULO RUBEM SANTIAGO** – Sr. Presidente, quero pedir desculpas aos participantes pela impossibilidade de ter vindo aqui pela manhã. Esta semana está sendo supercarregada, com várias audiências e votações em plenário. Não poderia, porém, perder o hábito de deixar aqui algumas palavras que vão um pouco na linha da literatura de cordel, forma de expressão muito querida dos nordestinos, dos pernambucanos, dos sertanejos.

Gostaria de dizer basicamente o seguinte:

*“Este País tão plural, tão desigual,  
Ainda deve se elevar, buscar mudanças.  
São milhões nas cidades e nos campos.  
Preconceitos, mesmo com tantas andanças.  
Violências que se espalham aos quatro cantos  
Contra cada cidadão e cidadã.  
Crianças, homens, mulheres, seres, que, em marcha,  
Buscam um novo amanhã.  
Nas famílias, no trabalho, nas escolas,  
Um processo que avança consistente,  
Construindo e vencendo preconceito,*

*Caminhando de mãos dadas, consciente.  
Um País que respira liberdade,  
Que avança rumo à cidadania,  
Quer andar no caminho da igualdade,  
Quer os olhos enxergando a verdade,  
Quer um povo combatendo a tirania.”*

Era isso. Obrigado.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Agora, temos mais uma inscrição do Plenário e, depois, vou passar ao Beto de Jesus para ler a proposta de moção feita pelo Toni Reis.

Em seguida, encerrarei este painel e passarei a oportunidade às Presidentas das Comissões para concluírem o evento.

Com a palavra a Mariana para a última intervenção de plenário.

**A SRA. MARIANA** – Boa tarde. Meu nome é Mariana. Sou filha de homossexual. Quero falar sobre a violência que as pessoas sofrem dentro da própria escola desde pequenas. O tempo todo é dada ênfase de que para a pessoa ser feliz precisa de uma mãe e de um pai. A família perfeita é a que tem uma mãe e um pai. Muitas pessoas, ao chegarem à adolescência, têm a orientação sexual reprimida. Em minha escola vejo muitas pessoas que não assumem sua sexualidade, têm medo. Vejo também muitas pessoas me repreendendo. Às vezes eu falo que a minha mãe é homossexual e as pessoas pensam: “Coitada. Ela é infeliz, é cheia de problemas”. Qualquer problema que eu tenha de relacionamento ou qualquer outra coisa, atribuem a culpa à minha mãe, porque ela é homossexual. Para mim, a coisa mais normal do mundo é ter uma mãe homossexual. Tenho muito orgulho disso.

Gostaria que os meus filhos pudessem viver em uma sociedade onde a diversidade fosse normal e que eu pudesse chegar para um pai e falar que sou homossexual e ser bem aceita e feliz. Se uma mulher quiser andar na rua vestida de homem ou vice-versa, que isso seja respeitado. Por exemplo, as pessoas olham para minha mãe e a acham



normal. Mas, se vêem um transexual com a sexualidade estampada no corpo, isso incomoda.

O meu desejo é que haja política dentro das escolas para que um professor, ao divertir a turma, não faça uma piada referente à sexualidade.

Era o que tinha a dizer.

Obrigada.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Na condição de Coordenador da Mesa e aproveitando a fala da Mariana, quero expressar o meu respeito por ela, por sua mãe e por todas as pessoas que se dignam defender a cidadania plena.

A minha companheira é professora de uma escola da rede pública municipal em Campinas e tem feito grande esforço para preparar as professoras e professores da Rede Municipal para conviverem com a diversidade. É uma tarefa que todos temos pela frente: preparar os educadores dos nossos filhos para aprender a compreender que temos direitos iguais nas diferenças. O depoimento da Mariana para mim é um reforço extraordinário e uma demonstração muito grande da responsabilidade que todos temos.

O Beto de Jesus fará a leitura da proposta de moção retirada, que será referendada por este Plenário para que possamos encaminhar, repudiando a atitude do cidadão que, além das agressões que fez naquele pronunciamento, realizou na sexta-feira na Câmara dos Deputados uma sessão solene de apologia à tortura. O Deputado Jair Bolsonaro merece o nosso repúdio, com certeza.

Com a palavra o Beto de Jesus.

**O SR. BETO DE JESUS** – Na verdade há essa moção e uma outra solicitação vinda da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais e da ANTRA que vou ler em seguida.

Primeira moção de repúdio:

*“Nós, Parlamentares, representantes do Governo e da sociedade civil, participantes do II*

*Seminário Nacional GLBT, realizado no Congresso Nacional, em 28 de junho de 2005, vimos apresentar moção de repúdio ao Deputado Jair Bolsonaro pelo discurso homofóbico, desrespeitoso e ofensivo, proferido pelo mesmo no Plenário desta Câmara dos Deputados, em 23 de junho de 2005, no qual insultou o Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva.*

*Por um Brasil sem homofobia, democrático e inclusivo”.*

Seguem as assinaturas.

A outra moção foi a partir da fala do Ricardo Pio Marins, que falou da questão dos remédios, dessa ação ministerial, solicitação da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais e da ANTRA. Será preciso talvez lapidar um pouco mais a redação, mas a idéia é basicamente no sentido de que esse documento também seja encaminhado a partir deste seminário.

A redação precisa ser um pouco mais lapidada, mas a idéia seria a seguinte:

*“Nós, do movimento GLBT, reunidos aqui na celebração do Dia Mundial do Orgulho, vimos manifestar nossa preocupação diante da possibilidade dessa reforma ministerial neste Governo. Que venha desconstruir uma política exitosa, adotada em colaboração com movimentos sociais, que garanta a promoção da saúde pública à comunidade GLBT e outras comunidades organizadas que foram historicamente discriminadas e conseqüentemente mais expostas, mais vulneráveis à infecção de DST/HIV/AIDS”.*

Deu para entender o sentido?

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Sim.

**O SR. BETO DE JESUS** – Garantir que esses avanços não se percam.

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Não sejam comprometidos.

O Juliano tem uma outra proposta com relação à extinção das Secretarias, anunciada. Acredito ser a leitura importante para o seminário.

**O SR. JULIANO** – Moção:

*“Nós, participantes do II Seminário Nacional GLBT, da Câmara dos Deputados, promovido pela Comissão de Educação, Comissão de Legislação Participativa e Comissão de Direitos Humanos, manifestamos a nossa preocupação com as notícias da possível extinção da Secretaria Especial de Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial e da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.*

*As Secretarias Especiais representam avanços fundamentais, pois possibilitam, dentre outras coisas, o resgate de uma dívida histórica com as mulheres, negros e negras, homossexuais e transexuais, além de todos os outros setores e segmentos discriminados, que são vítimas preferenciais da violência. Seria um grande erro político extinguir tais Secretarias Especiais, que são um avanço institucional e simbólico e contam*

*com o apoio de todos os movimentos sociais que lutam contra as formas de discriminação. É preciso avançar nas políticas públicas que promovam a cidadania plena de todos os brasileiros e brasileiras, independentemente de seu gênero, identidade de gênero, etnia, orientação sexual ou qualquer outra condição.*

*Todo o apoio à manutenção da Secretaria Especial de Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Políticas para Mulheres e da Secretaria Especial de Políticas para a Igualdade Racial.*

Brasília, 28 de junho. Dia Internacional do Orgulho Gay.”

**O SR. COORDENADOR** (Deputado Luciano Zica) – Desfaço esta Mesa, agradecendo aos expositores a presença.

Peço a permanência da Deputada Iara Bernardi, Coordenadora da Frente Parlamentar. Convido as Deputadas Iriny Lopes, Presidenta da Comissão de Direitos Humanos, e Fátima Bezerra, Presidenta da Comissão de Legislação Participativa. Não se encontra presente a Deputada Maria do Rosário. Caso S.Exa. chegue antes do encerramento, está convidada para compor a Mesa.

Passo a Coordenação para as Deputadas Fátima Bezerra e Iriny Lopes. Assistirei ao encerramento da reunião da Comissão.

Muito obrigado.

**A SRA. COORDENADORA** (Deputada Fátima Bezerra) – Peço a todos um pouco de atenção. Estamos chegando exatamente à fase de conclusão do seminário. Em nome da Comissão de Legislação Participativa, a qual presido, quero lhes dizer que estamos felizes porque o seminário cumpriu seu objetivo, dado o grau de representatividade que apresentou. Agradecemos a todos dos segmentos organizados que aqui vieram, o Prof. Alípio, do meu Estado, que saiu hoje cedo para dar sua contribuição à temática em discussão.

Agradecemos, e muito, às assessorias da Comissão de Direitos Humanos, da Comissão Educação e Cultura e da Frente Parlamentar, que tiveram papel fundamental para que fossem criadas as condições necessárias para desenvolvermos nossos trabalhos.

A Comissão de Legislação Participativa está de portas abertas de manhã, de tarde, de noite e de madrugada exatamente para isso, para abrir as portas para a sociedade civil nos seus mais variados segmentos. Ela só tem sentido de existir se realmente a sociedade civil procurá-la.

Estou muito feliz. O seminário foi muito bom. Cada vez mais estamos acumulando forças, criando a unidade necessária para avançarmos nessa luta que, sabemos, não é fácil.

Hoje, pela manhã, dizia no café que não é fácil tirarmos os projetos das gavetas e dos armários, principalmente neste momento em que, infelizmente, a Câmara passa por um processo de ofensiva dos setores conservadores e fisiológicos.

É nesse sentido que me manifesto, não para desanimar, mas para botarmos os pés no chão. Temos condições, sim, de aprovar o projeto da união civil este ano, assim como avançar no que diz respeito às outras legislações, porque é preciso superar, é preciso avançar. É inaceitável que um projeto simples como, por exemplo, o que visa tão somente oficializar o dia 28 de junho como o Dia Nacional do Orgulho *Gay* até hoje não tenha sido aprovado nesta Casa.

Não adianta setores desta Casa fecharem os olhos quando a sociedade os está abrindo. Não adianta setores desta Casa não reconhecerem a cidadania da comunidade homossexual quando a sociedade reconhece. Estão aí as paradas *gays* pelo Brasil afora, que mostram o grau de solidariedade da sociedade, que crescentemente está se posicionando frente a nossa luta.

Um beijo grande, um abraço forte para cada um, cada uma de vocês. Permitam-me que cite a companheira Gorete e o companheiro Lisboa, que são do meu Estado, o Rio Grande do Norte, que ao voltarem vão socializar essa discussão.

É isso, gente, um abraço forte, muita força, muita luta. Repito o que dizia hoje de manhã: todos os direitos para todos os amores.

Obrigada.

**A SRA. DEPUTADA IRINY LOPES** – Vamos enviar a todas as entidades e participantes relatório consubstanciado dos debates que ocorreram. As moções aprovadas, vamos encaminhá-las ao Presidente da República, ao Ministério da Saúde e à Mesa da Câmara, sobre o Deputado Jair Bolsonaro.

Vamos acompanhar os projetos que tramitam na CCJC com a nossa companheira Iara, que é a autora, e, em seguida, se tivermos uma notícia... ou se conseguirmos aprovar amanhã, mas, de qualquer forma, manteremos todos informados sobre a tramitação desses projetos que são do mais absoluto interesse da nossa causa.

Parabenizo vocês pelo belíssimo movimento. Agradeço às companheiras e aos companheiros que viabilizaram este seminário, que são as assessorias das nossas Comissões e da própria Frente, e reafirmamos o nosso compromisso com a igualdade, com a diversidade e o respeito por todos.

Um beijo.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – Destaco também a presença da Deputada Maria Helena, que acompanhou nossos debates na parte da manhã e volta agora.

Por favor, Toni, para suas palavras de encerramento.

**O SR. TONI REIS** – Este seminário, como já disseram as Deputadas Iriny e Fátima Bezerra, cumpriu seu papel, que é dar visibilidade. Hoje conseguimos, estou superfeliz, visibilidade interna e externa. Foi um sucesso. Estou realmente emocionado.

Ao conversar com a nossa colega Desembargadora, disse que temos algumas bandeiras que estão unificando o movimento GLBT no Brasil. Há diferenças, mas aprovar leis é o que nos une.

Agradeço a todas as assessorias, às Deputadas e aos Deputados, à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, à ANTRA, à LBL, à UBT e à ABL.

Vamos unidos para o nosso agosto arco-iris. Não temos o abril vermelho; vamos para o nosso agosto arco-íris, quando o Presidente

Severino Cavalcanti colocará em pauta os projetos de interesse da Comunidade GLBT.

Um grande abraço e obrigado a todas e a todos.

**A SRA. PRESIDENTA** (Deputada Iara Bernardi) – A tarefa que coube ao Congresso Nacional e à Frente Parlamentar é obter mais adesões e trabalharmos para colocar os projetos em pauta.

Isso é que foi acordado. Mesmo que o projeto não tenha voto suficiente, será colocado em pauta. Se rejeitado, será reapresentado e saberemos qual a força e o número de votos que temos aqui.

O Presidente Severino comprometeu-se a colocar esses projetos em pauta no mês de agosto.

Muito obrigado e parabéns a todos.

## LISTA DE PARTICIPANTES

Nº	Nome	Entidade/Órgão de Origem
1	Alan Sellos	MRE / DDH
2	Alberto Santos	SEDH / SPDCA
3	Alexandra Martins Costa	Estruturação – Núcleo de Bissexuais
4	Alexandre Böer	SOMOS RS
5	Alexandre Martins	
6	Alipio de Souza Filho	
7	Allan Rodrigo P. da Silva	
8	Ana Caroline Ferreira	Estruturação
9	Ana Cláudia de Paula	
10	Andréa Manzan	Estruturação
11	Andréa Stefanie	Estruturação / UBT
12	Antônio Lisboa Ferreira	Grupo Habeas Corpus Potiguar
13	Bárbara Graner	UBT
14	Beto de Jesus	ABGLT
15	Caio Fábio Varela	INESC
16	Carlos Magno	CELLOS / MG
17	Catarina M. Prazeres	
18	Cláudia Dutra	CEC – Câmara dos Deputados
19	Cláudio Ramos	
20	Daniel Galvão	UEPA
21	Daniela Noulak	Grupo Dignidade
22	David Harrad	Grupo Dignidade
23	Edenilson Medeiros	CORSA
24	Edilberto Campos	
25	Edvaldo José de Souza	Satyricon
26	Eliene Bastos	IBDFAM/DF
27	Elisabeth Saar	CFEMEA
28	Everton Dalmann	ABGLT / Grupo Dignidade
29	Fernanda Benvenutty	
30	Fernanda Reis Canicchioli	
31	Francisco Picanço	CEC – Câmara dos Deputados
32	Gilvan Nixon	Grupo <i>Gay</i> de PE
33	Guilhon Filho	
34	Iaris R. Cortês	CFEMEA
35	Irina Karla Bacci	Inova – Associação de Famílias GLTTB
36	Isabel Freitas	Câmara dos Deputados
37	Itamar Lopes	HARPAZO
38	Itamar Matos	Grupo Estruturação
39	Ivaug Augusto Alves dos Santos	SEDH
40	Ivon Souza Cardoso	Grupo Homossexual do Pará
41	Jorge Alessandro Zamarches	
42	Jorge Fernandes Sousa Silva	UNIP Câmara
43	José Felipe	Assembléia Legislativa / PB
44	José Francisco da Silva	Ouvidoria de Polícia MG
45	José Marcelo do Nascimento	ABGLT
46	José N. B. de Siqueira	
47	Kely K. Verdade	Coturno de Vênus
48	Kênia Alves	PRDC/MPF
49	Lam Lam Augusta	Coturno de Vênus
50	Liandro Lindner	
51	Lisandra Arantes	CFEMEA
52	Luciana Evantelista	
53	Luiz Carlos Freitas	Grupo Arco-Iris – RJ



54	Luiz Carlos Freitas	Grupo Arco-Iris – RJ
55	Luiz Roberto de Barros Mott	UFBA / GGB
56	Marcelo Nascimento	
57	Marcelo Reges	Ministério da Cultura
58	Marcos Paulo C. da Silva	Estruturação
59	Maria Berenice Dias	Tribunal de Justiça do Estado do RN
60	Maria Célia O. Selem	
61	Maria das Graças	Centro de Estudos Latino Americano
62	Maria Fernandes	Coletivo Feministas Lésbicas
63	Maria S. Souza	Grupo de Lésbicas GAMI/RN
64	Mariângela Duarte	PT/SP
65	Marisa Fernandes	Coletivo de Feministas Lésbicas
66	Melissa Navarro	Coturno de Vênus
67	Michele Coelho	CERCONVIDH – RJ
68	Miriam Corrêa	Assessoria Gênero – Liderança PT
69	Moisés de Sousa	
70	Odara F. Sant'Ana	Câmara dos Deputados
71	Oriel Marcos de Carvalho	Jornal do Planalto
72	Oswaldo Braga	MGM
73	Paulo Amorim	
74	Paulo César B. Brito	
75	Priscilla Normando	
76	Rachel Kozlowsky Lima	Movimento D'Ellas
77	Reinaldo Cortez	
78	Ricardo Sampaio	GGB – BA
79	Roberto Gouveia	Deputado Federal PT – SP
80	Rogério D. Junqueira	MEC/SECAD
81	Rosa Cimiana dos Santos	UBM – DF
82	Santa Alves	UBM
83	Sebastião Diniz Neto	Grupo Diversidade
84	Senadora Serys Shhessarenko	FPMLES
85	Sônia Regina Moraes	Estruturação
86	Sthéfany Fernandes S. Santos	
87	Tathiane Araújo	ANTRA
88	Ted. W. Mikoz	
89	Terezinha Fernandes	PT/MA
90	Thiago Malva	Parou tudo.com
91	Tommaso Besozzi	Grupo Corsa
92	Toni Reis	Grupo Dignidade; ABGLT; Projeto Aliadas
93	Valéria de Oliveira	Câmara dos Deputados
94	Vera Iob	LEGAU/RS
95	Virgílio Guimarães	
96	Virgínia Figueiredo	LBL
97	William M. de Lucia Jr.	Diretoria Geral – Câmara dos Deputados
98	Yone Lindgren	ABL/D'Ellas
99	Yone Lindgren	ABL
100	Yury Puello Orozco	Católicas pelo Direito de Decidir

## SIGLÁRIO

### A

ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais

ABL – Articulação Brasileira de Lésbicas

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ANTRA – Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros

### B

BA – Estado da Bahia

### C

CCJC – Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania

CCJR – Comissão de Constituição e Justiça e de Redação

CDHM – Comissão de Direitos Humanos e Minorias

CEC – Comissão de Educação e Cultura

CERCONVIDH – Centro de Referência Contra a Violência e Discriminação Homossexual

CFEMEA – Centro Feminista de Estudos e Assessoria

CLP – Comissão de Legislação Participativa

Convive – Comitê Nacional de Vítimas da Violência

CPI – Comissão Parlamentar de Inquérito

CTI – Centro de Terapia Intensiva

## D

- DDH – Divisão de Direitos Humanos
- DEM – Democratas
- DF – Distrito Federal
- DNA – Ácido Desoxirribonucleótico
- DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis

## E

- EBGLT – Encontro Brasileiro de *Gays*, Lésbicas e Transexuais
- ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
- ET – Extraterrestre

## F

- FNUAP – Fundo de População das Nações Unidas

## G

- GAMI – Grupo Afirmativo de Mulheres Independentes
- GGB – Grupo *Gay* da Bahia
- GLBT – *Gays*, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
- GLTTB – *Gays*, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais
- GT – Grupo de Trabalho

## H

HIV – Human Immuno Deficiency Virus (sigla em inglês)

## I

IBDFAM – Instituto Brasileiro de Direito de Família

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião e Pesquisa

ILGA – Associação Internacional de *Gays* e Lésbicas

INESC – Instituto de Estudos Socioeconômicos

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

## L

LBL – Liga Brasileira de Lésbicas

LDO – Lei de Diretrizes Orçamentárias

LEGAU – Lésbicas Gaúchas

LGBT – Lésbicas, *Gays*, Bissexuais e Transexuais

## M

MA – Estado do Maranhão

MEC – Ministério da Educação

MG – Estado de Minas Gerais

MGM – Portal *Gay* de Minas

MPF – Ministério Público Federal

MRE – Ministério das Relações Exteriores

## O

ONU – Organização das Nações Unidas

## P

PB – Estado da Paraíba

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PE – Estado de Pernambuco

PEC – Proposta de Emenda à Constituição

PFL – Partido da Frente Liberal

PL – Partido Liberal

PL – Projeto de Lei

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PPD – Pessoa Portadora de Deficiência

PPS – Partido Popular Socialista

PRDC – Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão

PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional

PSB – Partido Socialista Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

PV – Partido Verde

## Q

QG – Quartel General

## R

RJ – Estado do Rio de Janeiro

RN – Estado do Rio Grande do Norte

RS – Estado do Rio Grande do Sul

## S

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SEDH – Secretaria Especial de Direitos Humanos

SEDH – Secretaria de Estado de Direitos Humanos

SENASP – Secretaria Nacional de Segurança Pública

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SP – Estado de São Paulo

SPDCA – Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente

## U

UBM – União Brasileira de Mulheres

UBT – União Brasileira de Transexuais

UEPA – Universidade do Estado do Pará

UFBA – Universidade Federal do Estado da Bahia

UNB – Universidade de Brasília

UNIP – Universidade Paulista



ISBN 978-85-736-5506-3

